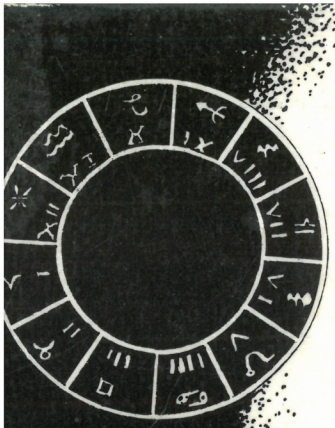
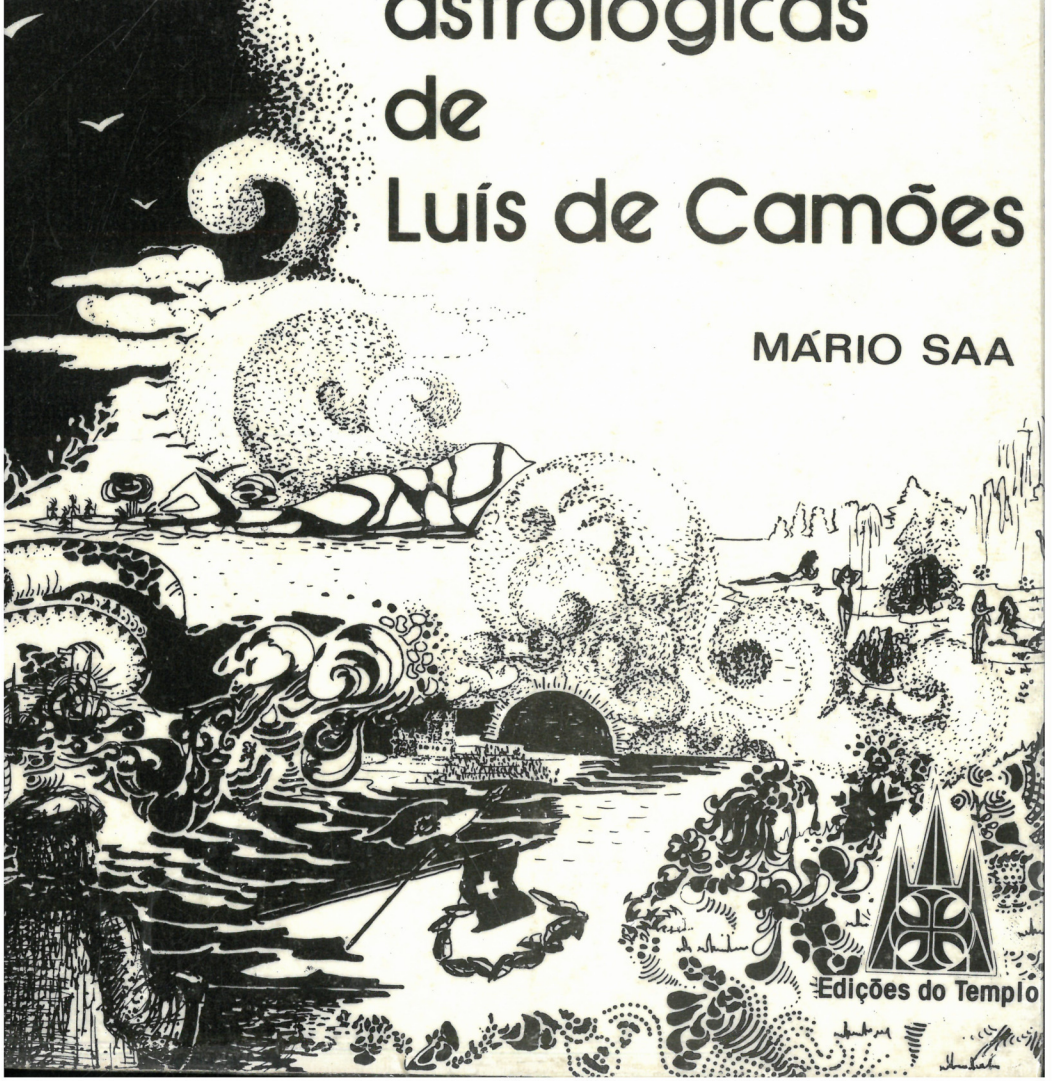
Portugal misterioso

Memórias astrológicas de Luís de Camões

MÁRIO SAA





Edições do Templo

AS

MEMÓRIAS ASTROLÓGICAS

DE

CAMÕES

AS MEMÓRIAS ASTROLÓGICAS DE CAMÕES

E NASCIMENTO DO POETA
EM 23 DE JANEIRO DE 1524
POR

MÁRIO SAA

Edições do Templo
Novembro de 1978

Ficha técnica

Título: **Memórias Astrológicas de Camões**
Autor: **Mário Saa © Herdeiros de Mário Saa**
Capa: **Maria Manuela Antunes — departamento gráfico das Edições do Templo**

Reservados os direitos para língua portuguesa
pelas Edições do Templo
R. da Mãe d'Água, 13-4.º F
LISBOA

Retrato, vós não sois meu;
Retrataram-vos mui mal;
Que a serdes meu natural,
Fôreis mofino como eu.

GLOSAS

Inda que em vós a arte vença
O que o natural tem dado,
Não fostes bem retratado,
Que há em vós mais diferença
Que do vivo ao pintado.
Se o lugar se considera
Do alto estado que vos deu
A sorte, que eu mais quisera;
Se é que eu sou quem dantes era,
Retrato, vós não sois meu.

Vós na vossa glória pôsto,
Eu na minha sepultura;
Vós com bens, eu com desgôsto;
Parecei-vos ao meu rosto,
E não à minha ventura.
E, pois nela vos erraram
O que em mim é principal,
Muito em ambos se enganaram.
Se por mim vos retrataram,
Retrataram-vos mui mal.

Mas se êsse rôsto fingido
Quiseram representar,
E houveram por bom partido
Dar-vos a alma do sentido
Para a glória do lugar,
Víreis, pôsto nessa alteza,
Que em vós não há cousa igual;
E que nem a maior mal
Podeis vir, nem mor baixeza,
Que a serdes meu natural.

Por isso não confesseis
Serdes meu, que é desatino
Com que o lugar perdereis;
Se conservar-vos quereis,
Blazonai que sois divino,
Que, se nesta ocasião
Conhecessem que ereis meu,
Por meu vos deram de mão...
.....
Fôreis mofino como eu.

LUIZ DE CAMÕES

PROPÓSITO

PRETENDE, este trabalho, demonstrar o uso da astrologia em Camões — a Profética Ciência, *como nos Lusíadas se diz no canto X, estrofe LXXXIII.*

Na sua obra lírica, como na épica, usou Camões desta ciência, e arte, muito considerada no seu tempo pelos homens mais doutos, e justificada pelo argumento dos numerosos exemplos:

> Ensina-o a Profética Ciência
> Em muitos dos exemplos que apresenta...

Quando Camões assim escrevia, pensaria, talvez, no seu próprio caso.

O Poeta serviu-se dela para desenhar horóscopos e marcar acontecimentos, no que seguiu Gil Vicente iniciador do teatro português, e que em verso pôs os horóscopos do rei Venturoso *(«Venturoso» sob o ponto de vista astrológico, e pelo qual o cognome lhe foi dado, como havemos de provar) e de todos os membros da família real, e de alguns grandes da corte. Fê-lo Gil Vicente com muita perícia, mostrando grande conhecimento desta arte, e grande probidade cronológica, pois tive o cuidado de verificar que eram exactos os céus por ele descritos, correspondentes aos acontecimentos marcados.*

Esta presente obra quere atender, sobretudo, à parte cronológica da questão: deduzir datas das descrições dos arranjos planetários. Com efeito, se para levantar um horóscopo, é necessário conhecer a

distribuição dos astros nesse dia (e em cada dia é sempre diferente), — inversamente, pela descrição que nos dão desse arranjo, calcularemos a data. Chegaremos assim à minúcia da hora, pois que é, principalmente, sobre o conhecimento da hora que os horóscopos se instituem.

Assim se me tornou possível resolver incógnitas, como: a data do nascimento de Camões (até hoje mergulhada nas trevas) problema que tem sido repasto de muitas imaginações, e para o qual nenhum ponto de apoio se divisava; a data do nascimento da mulher que ele sobremaneira amou, e pela qual podem desde já ser excluídas hipóteses.

A mulher que foi a extraordinária paixão do Poeta, nasceu em 19 de Abril de 1527: assim o denuncia Camões na descrição planetária do dia do nascimento dela. A data do primeiro encontro amoroso, entre ambos (objecto do horóscopo do Amor), refere-se a sexta-feira de Paixão, 11 de Abril de 1544, às dez horas da noite, assistindo ambos ao ofício das trevas em qualquer igreja de Coimbra.

Igualmente, deduzindo a cronologia astrológica dos horóscopos descritos por Gil Vicente (e com o auxílio das tábuas astronómicas de Abraão Zacuto, impressas em 1496) me foi possível precisar o dia do nascimento de el-rei D. Manuel I, o Venturoso, que, por tão grande ventura, bem própria dum felicíssimo soberano, tinha, no horizonte oriental do seu natalício, a elevar-se, a parte do céu denominada o signo do Sagitário, e na graduação em que, mais fortemente, no Zodíaco impera Júpiter! Este é o belo planeta denominado em astrologia a Fortuna Maior, expressão equivalente a maior Ventura. Pelo mesmo processo se confirma a exactidão cronológica do nascimento de D. João III e dos infantes, e ainda a data do embarque da Infanta D. Beatriz para Saboia (a famosa Beatriz de Bernardim Ribeiro, segundo se escreve e escreveu). À face deste novo processo de crítica astrológica, algumas correcções se fizeram nas datas, e há a acrescentar as horas dos nascimentos que, com singular precisão, se obtêm.

Haverá um ano, pouco mais ou menos, publiquei no suple-

mento literário do jornal «Diário de Lisboa» vários artigos de ensaio deste mesmo assunto. Então me restringia à parte do nascimento de Camões. Deste primeiro contacto com o tema astrológico-camoneano, não previa, nem a sua extensão, nem os erros que facilmente se cometem. Mas o caminho ficava aberto.

Ano 1939, Abril.

MÁRIO SAA

PARTE I

PROVA HISTÓRICA DO NASCIMENTO DO POETA EM 23 JAN-1524

CAPÍTULO I

O nascimento histórico do Poeta

A TENTATIVA de busca da data natalícia de Luiz de Camões parece vir do próprio século em que o Poeta viveu.

No princípio do sec. XVII predominava a doutrina de que o seu nascimento fora em 1517, versão que Manuel de Faria e Sousa, o seu grande biógrafo, a princípio adoptou, vindo depois a adoptar a de 1524 ou 1525, baseado em certo documento que encontrou no arquivo da Casa da Índia que o Governo de Madrid, quando do domínio dos Filipes, transferiu de Lisboa para aquela cidade. Faria e Sousa viveu, nessa época, em Madrid e aí manuseou o dito arquivo. Achou uma relação, feita por um particular, das pessoas mais notáveis que foram servir à Índia, na carreira das armas, e desde que foi estabelecido o domínio português naquelas paragens. A relação fora escrita no séc. XVI, e encontra-se hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa, faltando-lhe, todavia, aquelas páginas em que estaria inscrito o nome de Camões. Aí dizia, segundo Faria e Sousa, que o Poeta se inscrevera para embarcar em 1550, contando, ao tempo, 25 anos de idade, sendo mancebo, e ficando por fiador seu pai, Simão Vaz. Era seu nome Luiz Vaz de Camões.

Apesar deste achado, a hipótese do nascimento do Poeta em 1517 não caducara, e alternara com a de 1524, ou 1525, até ao sec. XIX, em que, com justa razão, mas com certa reserva, assentaram que nascera em 1524.

O mês e o dia não preocuparam ninguém até às lucubrações de Teófilo Braga. Foi este homem que tentou a primeira solução nesse sentido, e se não acertou em absoluto, andou-lhe notavelmente perto. Inferiu o nascimento de Camões para 4 ou 5 de

Fevereiro de 1524. Cometera um erro de 11 ou 12 dias, apenas!

Teófilo poucos dados possuía para chegar à conclusão a que chegou. A sua hipótese era demasiado arrojada e contingente; e, se não fora presentemente esta chave astrológica, tal doutrina não poderia ser confirmada.

Teófilo, sem mesmo tocar na questão astronómica, poderia ter resolvido o assunto pelo lado da história, se tem pensado um pouco mais maduramente em certas passagens do Poeta.

A sua interferência não era de ordem astrológica, mas relaciona-se com a astrologia. Levantou a hipótese sobre aquela passagem da famosa canção do Poeta, «Vinde cá, meu tão certo secretário», a qual passagem é:

> Quando vim da materna sepultura
> De novo ao mundo logo me fizeram
> *Estrelas infelices* obrigado...

Teófilo não viu nesta referência a *Estrelas infelices* um caso particular, um caso de horóscopo pessoal, mas sim um facto de ordem geral, qual fora a famosa conjunção de planetas em princípios de Fevereiro de 1524, e pela qual já de longe vinham os astrólogos prevendo um grande dilúvio ou o acabamento do mundo, para tal data.

Ora a referência às *Estrelas infelices* não apenas queria traduzir um arranjo celeste pernicioso a todo o mundo, como muito principalmente traduzia uma carta do céu, particular, muito sua. As estrelas do seu nascimento foram infelizes. Saturno em conjunção, na Casa VI, com Júpiter e Marte, e recebendo um mau olhado da Lua, alojada na Casa XII (primeiros 30 graus, em média, acima do horizonte oriental), Casa que é o *inferno dos horóscopos* e promotora doa maiores malefícios — eis os casos principais deste mau horóscopo — alguma coisa diverso daquele que presidia à destruição do mundo, 11 ou 12

dias depois *(fig. 1)*. Contudo, já no dia do nascimento do Poeta, e antes mesmo, andavam os ânimos exaltados, e esperando a cada hora graves acontecimentos.

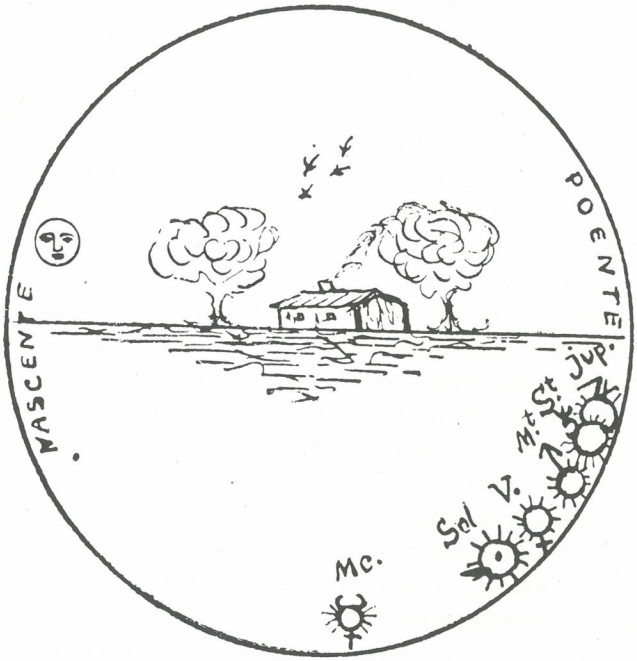


Fig. 1 — Ajuntamento planetário do dia do nascimento de Camões, 23 de Janeiro de 1524. O Poeta nasceu à noite, às $8^h\ 40^m$, com a Lua Cheia em suspensão sobre o horizonte oriental fazendo face ao grande ajuntamento de planetas que acompanhavam o Sol do outro lado da Terra

O mundo acabaria por um segundo dilúvio universal, dado o ajuntamento dos planetas para 4 e 5 de Fevereiro, no signo de Peixes, um signo de Água. Tão grande era o terror pela anunciada catástrofe, e tão geral na Europa, que foi preciso difundir oficialmente, por escrito, a doutrina em contrário, demonstrando, — não a inépcia da astrologia, ciência que então merecia crédito — mas a inépcia dos astrólogos que de tal

maneira julgavam. Os argumentos em contrário eram ainda astrológicos.

Pois foi unicamente pela referência de Camões às *Estrelas infelices*, e por conhecer este facto histórico do desventuroso prognóstico, que Teófilo inferiu o nascimento do Poeta em 4 ou 5 de Fevereiro de 1524. Era um ponto de vista lógico, atendível; mas teve a sorte de todas as inovações fecundas: foi asperamente combatido... até ao esquecimento! Combatido, não pelos verdadeiros eruditos, mas pelos simulacros, pelas caricaturas da erudição, e que usam a mesma linguagem; apenas com uma diferença: a que vai entre a palavra humana e a voz do papagaio.

A indução de Teófilo Braga teria um valor especial se ele tivesse conseguido demonstrar que o Poeta nascera em 1524, pois então se lhe ajustaria perfeitamente as *Estrelas infelices* do princípio de Fevereiro. Mas era precisamente esse facto que carecia de demonstração.

Com desconfiança encarei o achado de Faria e Sousa, e com benevolência a indução de Teófilo Braga; e analisei os escritos do Poeta. Fui cair no critério astrológico, e por este conduzido, irrefragavelmente, ao ano de 1524. Continuando a converter a astrologia em números, tombei no 23 de Janeiro desse ano, e depois todos os factos astronómicos e históricos foram por tal data justificados. Inclusivamente, a afirmação que o Poeta nos deixou, de ter nascido no dia de semana consagrado a Saturno — o sábado — se verificou, pois em tal dia caiu nesse ano o 23 de Janeiro.

A data natalícia estava presente nos versos do Poeta e por dois modos distintos: alusões astrológicas e alusões históricas.

É destas últimas que tratamos nesta primeira parte da obra, não como essenciais, mas como secundárias e confirmantes das primeiras.

CAPÍTULO II

Sonetos ao dia do nascimento

HÁ dois sonetos de Camões, um em português, outro em castelhano, consagrados ao dia do seu próprio nascimento. No primeiro, dá conta dum eclipse do Sol acontecido no primeiro aniversário do seu nascimento; e no segundo confessa, expressamente, ter nascido durante o mês astrológico do Aquário, isto é, quando o Sol percorria este signo, que era de 9 de Janeiro a 9 de Fevereiro. Em ambos os sonetos alude a casos notáveis sucedidos simultaneamente com o seu natalício, e pelos quais se pode fazer a reconstituição da data em que nasceu.

Segundo a crença geral, deveria o mundo acabar aí por 5 de Fevereiro de 1524. A data prevista aproximava-se assustadoramente. Foi nas vésperas que o Poeta nasceu.

Portanto, o dia em que o Poeta nasceu não mais se deveria repetir nos calendários, como não se deveriam repetir todos aqueles que precederam o 5 de Fevereiro de 1524, até ao mesmo dia do ano anterior. Assim, não podia o tempo tornar a dar o 23 de Janeiro.

Acerca desse dia que não mais deveria voltar, e acerca doutros acontecimentos que então se deram, escreveu Camões o soneto:

O dia em que nasci morra e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar;
Não torne mais ao mundo...

Mas, o mesmo dia voltou ao mundo, e logo ao voltar no ano seguinte, houve eclipse de Sol:

> Não torne mais ao mundo, e se tornar,
> Eclipse nesse «passo» o Sol padeça.

Efectivamente, no 23 de Janeiro seguinte houve um eclipse do Sol, às três horas da tarde, e que ensombrou o ocidente da Europa e o noroeste de África. O Poeta nasceu no mesmo «passo» do Sol em que se deu o eclipse. O chamado «passo» do Sol vai do meio dia ao meio dia seguinte, e, havendo-se dado o eclipse depois do meio dia de 23, para que o Poeta nascesse no mesmo «passo» é mister ter sido depois do meio dia, e não antes. Há-de provar-se que nasceu às $8^h\ 40^m$ da noite, e, portanto, no mesmo «passo» do eclipse.

Note-se que os eclipses do Sol, apontados por Abraão Zacuto no seu *Almanach Perpetuo*, e no primeiro quartel do sec. XVI, foram: 30 de Setembro de 1502; 20 de Julho de 1506; 7 de Março de 1513; 7 de Junho de 1518; 23 de Janeiro de 1525.

Continua o soneto referindo-se ao próprio dia do nascimento e não ao do seu 1.º aniversário:

> A luz lhe falte, o Sol se lhe escureça,
> Mostre o mundo sinais de se acabar,
> Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
> A mãe ao próprio filho não conheça.
>
> As pessoas pasmadas, de ignorantes,
> As lágrimas no rosto, a cor perdida,
> Cuidem que o mundo já se destruiu!
>
> Ó gente temerosa não te espantes,
> Que este dia deitou ao mundo a vida
> Mais desgraçada que jamais se viu!

Aí se refere à perda da mãe naquele mesmo dia, à chuva de sangue aludida nos livros de lembranças, da época; aos sinais do

acabamento do mundo com nascimentos de «monstros», etc., e a que Resende também se referiu na sua *Miscelânia:*

> E vimos monstros na terra
> E no céu grandes sinais...

A ideia do acabamento do mundo levava as pessoas a perceber em toda a parte sinais da aproximação do acontecimento. Os «monstros» terrestres (casos teratológicos e até mentais como as crianças prodígios), e os «monstros» celestes, como chuvas de sangue e cometas, — eram os sinais apocalípticos da Terra e do Céu.

O prognóstico do segundo dilúvio universal já vinha de há anos. Tanto que, quando se deu o horrendo terramoto da Ilha de São Miguel, em 22 de Outubro de 1522, pelo qual foi totalmente soterrada a povoação de Vila Franca, capital da Ilha, suposeram os habitantes tratar-se já do anunciado cataclismo para a destruição do mundo; e, tão grande foi este convencimento, que a tal terramoto vieram os autores a chamar o *Dilúvio da Ilha de São Miguel* [1].

As notícias dos sinais apocalípticos vinham de toda a parte da Europa, à medida que se aproximava o dia anunciado. Surgiam monstros na Alemanha, como o célebre *Vitulomonaco,* bezerro com figura de monge, e que depois se disse simbolizar o heresiarca Lutero; surgiam monstros em Espanha; aconteciam terramotos, desabamentos, etc. Em Portugal nascera, por essa ocasião, o conhecido *monstro* português, o menino de Évora, que falava latim.

Deve-se ter dado por essa ocasião — dia 23 de Janeiro de 1524 — o célebre esbarrondamento da *Costa,* sobre a praia, em Lisboa (Alto de Santa Catarina) com o qual se destruíram duzentas casas, em duas ruas, e morreu muita gente. Foi de

---

[1] Vide Frei Luiz de Sousa, *Hist. de São Domingos.* Dr. Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra.*

noite, e causou grande estrondo e grande pavor na cidade. «Foi grão temôr na cidade», diz Garcia de Resende na *Miscelânia*. Coincidiu com o dia do nascimento de Camões, e talvez com a hora, ou pouco depois. É a tal acontecimento que alude, quando diz, no soneto em castelhano:

> Si un horrible rumôr, siendo sentido,
> El alma a dejar el cuerpo redujese...

E, no soneto em português:

> As pessoas pasmadas, de ignorantes,
> As lágrimas no rosto, a cor perdida,
> Cuidam que o mundo já se destruiu!
>
> Ó gente temerosa não te espantes,
> Que este dia deitou ao mundo a vida
> Mais desgraçada que jamais se viu!

Tudo eram, enfim, pavores; qualquer acontecimento invulgar tomava proporções gigantescas.

Pouco antes dessa data publicara o P.e Cristóbal de Arcos, súbdito de Carlos V, a sua versão para castelhano da obra latina de Agostinho Nifa, tradução que intitulou:

«Reprobacion nuevamente ordenada contra la falsa prognosticacion del diluvio que dicen que será el año de 1524 por el ayuntamiento y conjuncion de todos los planetas en el signo de Pisces, compuesta por el excelente filósofo Augustino Nifa suesano; Vuelta de latin en vulgar castellano por Cristóbal de Arcos, capellan del reverendissimo y muy magnifico señor Don Diego Deza, arzobispo de Sevilla, etc.»

Na dedicatória a Carlos V, põe o autor da tradução o seguinte comentário:

«Como el autor del Almanac en la tabla del año de 1524 haya dicho y prognosticado que por el ayuntamiento y conjuncion de los planetas, todos, en Pisces, será una indubitable... en todo el mundo... hase divulgado por todo el vulgo comunmente

una adivinanza y opinion que ha de ser un muy gran diluvio... y de esta causa muchos ya tienen señalados montes muy altos donde se suban, otros hacen arcas ó naos, otros casas y baluartes para se escapar de tan gran diluvio; asi que, por asegurar y quitar de temor tantas gentes y naciones hice e ordoné este tratadillo.»

No capítulo segundo, diz que D. Diego Lopez, cónego da Sé de Sevilha, achara, nos arquivos, uma outra prognosticação como esta, nos tempos passados, e que dela faz menção o arcebispo de Florencia na segunda parte historial, título XVII, cap. 1, § 12.

Pode ler-se tudo isto na *Explicacion*, de Francisco Mariano Nipho (Biblioteca Nacional, H. e G. 9787 P.).

Pelo mesmo motivo e, talvez, como tradução do tratadilho de Cristóbal de Arcos, foi impresso em Lisboa um trabalho de Frei António de Beja, com este título:

Contra os juizos dos Astrólogos. Breve tratado contra a opinião de alguns ousados Astrólogos que por regras de astrologia, non bem entendidas ousam em público juizo dizer que a quatro ou cinco dias de Fevereiro de 1524 por ajuntamento de alguns planetas em o signo de Pisces será gram dilúvio na Terra.

E no fim:

Foi imprimida esta obra a louvor de Deus e consolação dos fieis novamente em a cidade nobre de Lisboa, por Germam Galharde emprimidor, por mandado da Serenissima e muito alta senhora Rainha D. Lionor, a 7 dias de Março de 1523 anos.

Esta raínha D. Leonor era a viúva de el-rei D. João II, e irmã de el-rei D. Manuel.

Baseava-se o prognóstico astrológico na conjunção Saturno-Júpiter, rodeada de circunstâncias invulgares. Esta conjunção, por si mesma benigna, era malificiada por conjunções com Marte e com a Lua. Os planetas ajuntavam-se em Peixes, signo de *Água*. O Sol estava em Aquário, signo imcdiato. Em 4 e 5 dava-se a conjunção Sol-Lua, ou Lua Nova. O momento crítico

da catástrofe seria aquela hora do dia em que a conjunção Saturno-Júpiter passasse pela Casa XII, ou casa dozena, que é a secção do Céu 30 graus, em média, acima do horizonte. É a Casa pior. As Casas III, VI, IX e XII são chamadas *cadentes e delas* provêm, astrologicamente, os malefícios, sobretudo da XII. Assim, dar-se-ia a catástrofe na parte da manhã, quási ao nascer do Sol.

A essência do fenómeno estava na conjunção Saturno-Júpiter, como disse, irritados estes dois planetas pela sua

Fig. 2. — O grande acontecimento do ano de 1524; prognóstico de dilúvio universal, há muitos anos divulgado, já, pelo autor do «Almanach», e inferido duma famosa conjunção Saturno-Júpiter, à qual, dizem, não é estranho o movimento da Reforma. Trata-se da grande conjunção, ocorrida de dez em dez séculos. Reis, papas e altos dignitários da Igreja e dos Estados, acolhidos em torno de Jesus Cristo, rogando misericórdia. Madeira gravada, em Colónia, em 1526, e alusiva ao facto

posição numa casa maléfica, e por maus aspectos de conjunção com os outros planetas.

Irritados Saturno e Júpiter, estaria a vida dos seres em contradição consigo mesmo, pois Saturno representa o *Tempo* e Júpiter representa o *Mundo*, o Espaço. Onde o Espaço e o Tempo venham a faltar, a vida faltará também; acabará o mundo. Era este o objecto das locubrações astrológicas dos homens daquele tempo *(fig. 2)*.

A conjunção Saturno-Júpiter, de 1524, abrangia o dia em que Luiz de Camões veio ao mundo. (Estas conjunções duram alguns dias). Daí o problema posto ao seu espírito:

> Nascer para viver, e para a vida
> Faltar-me quanto o mundo tem p'ra ela...

Pertence este comentário à canção autobiográfica, e que abre, propriamente, por estes versos:

> Quando vim da materna sepultura,
> De novo, ao mundo, logo me fizeram
> *Estrelas infelices* obrigado...

Nesta mesma canção, referindo-se à conjunção dos dois grandes planetas Saturno e Júpiter — em que Saturno é o *Tempo* e Júpiter o *Mundo*, isto é, o Espaço sideral; em que Saturno governa o Elemento *Terra* e Júpiter o Elemento *Ar* — diz:

> *Terra* em que pôr os pés me falecia,
> *Ar* para respirar se me negava,
> E faltava-me, enfim, o *Tempo* e o *Mundo!*
>
> Que segrêdo tão árduo e tão profundo:
> Nascer para viver, e para a vida
> Faltar-me quanto o mundo tem p'ra ela,
> E não poder perdê-la,
> Tendo-a tantas vezes, já perdida...

Os dois planetas faltariam, nessa ocasião, à humanidade, ao mundo, e a ele, Poeta, em particular, pois em tal conjuntura nascera.

Passou o atribulado tempo da expectativa. O dilúvio não ocorreu, e o ano, por singular capricho dos astros, foi seco...

Garcia de Resende, testemunha ocular, traz, a tal respeito, este comentário na *Miscelânia* (240):

> E vimos a Astrologia
> Mentir toda em todo o Mundo:
> Que em 24 havia
> De haver Dilúvio segundo;
> E seco vimos o ano...

É ao mesmo grande acontecimento, coincidente com o seu próprio nascimento, que Luiz de Camões alude no soneto em castelhano:

> Si el *Fuego* que me enciende, consumido
> De algun mas suelto *Aquario* ser pudiese;

(FOGO)

Mas o dilúvio frustrado não pôde consumir o Elemento *Fogo* da sua vida incipente. Segue:

> Si el *alto suspirar* me convertiese
> En *Ayre*, por el ayre desparcido;

(AR)

Nem o alto suspirar e rogos públicos a Deus, por semelhante ocasião, tiveram o poder de lhe arrancar dos pulmões o primeiro Ar da sua existência.

> *Si un horrible rumôr siendo sentido,*
> La alma a dejar el cuerpo redujese;

(TERRA)

O *horrible rumôr*, aqui lembrado pelo Poeta, para ilustrar o Elemento *Terra*, não teve o poder de, esmagando-lhe o corpo, fazer-lhe voar a alma.

Trata-se do esbarrondamento da Costa, em Lisboa, que nessa noite ocorreu.

> O por estos mis ojos al mar fuese
> Este mi cuerpo em *llanto* convertido;

(ÁGUA)

O pranto (llanto) serve aqui a ilustrar o Elemento *Água*, e alude às lágrimas derramadas nesse dia pela população de Lisboa, assustada com o que estava previsto, e com o desastre acontecido na Costa.

Se enfim, ele, Poeta, tivesse morrido nessa emergência, como era de esperar, nunca Saturno (raivosa ou *airada* «Fortuna») o teria para sempre apartado da sua querida mãe — a qual não conhecera o filho, nem o filho a pôde reter na memória:

> Nunca poderia la «Fortuna» airada
> Con todos sus horrores, sus espantos,
> Derrocar alma mia de *su gloria*...

Sua glória, é a sua própria mãe. Entende-se que morreu por essa ocasião e, talvez, pelo mesmo desastre da Costa.

Agora já melhor se compreende o soneto em português, dedicado ao dia do nascimento:

> O dia em que nasci morra e pereça,
> Não o queira jámais o *Tempo* dar,
> Não torne mais ao mundo...

Com efeito, o 23 de Janeiro estava condenado a não mais se repetir.

Não há pleonasmo na expressão *morra e pereça:* o dia morre

todas as tardes, mas o seu dia não apenas *morria* mais uma vez, como havia de *perecer* para todo o sempre!

Apura-se, enfim, o nascimento do Vate por ocasião da conjunção Saturno-Júpiter, de 1524; e num dia que, ao repetir-se em 1525, se pôde nele verificar um eclipse do Sol. Ora sucedeu, de facto, um eclipse do Sol no dia 23 de Janeiro de 1525, e nenhum outro mais se verificou em qualquer dia desse ano que é o imediato àquele em que se esperava o acabamento do mundo.

CAPÍTULO III

Nasçam-lhe «monstros»

CONFRONTE-SE aquela parte do soneto do eclipse

> Dê o mundo sinais de se acabar,
> Nasçam-lhe «monstros»; .....

com o que lemos em Resende:

> E vimos monstros na terra
> E no céu grandes sinais,
> Cousas sobrenaturais...

Antes de irmos mais longe, saibamos o que se entendia por «monstro». Frei Luiz de Sousa, em os «Anais de D. João III» e relativamente à malfadada nomeação de Luiz da Silveira para embaixador a Castela, escreveu [1]:

«A tôdas as cousas que passam do têrmo ordinário e natural chama o povo *monstros;* e monstros sempre foram de mau agouro para a casa onde se acham».

Tais prodígios, como chuvas de sangue e outros sinais, eram havidos por admoestações de Deus.

Eram os sinais de duas categorias: da *terra* e do *céu.*

Acerca de vários nascimentos monstruosos sucedidos em Portugal em 1627 e 1628, ainda nesse século Miguel Leitão de Andrade notava [1]: «Quiçais por estas cousas nos quere Deus

---

[1] «Anais de D. João III», vol. I, cap. X.

[1] Miguel Leitão de Andrade, *Miscellanea*, ed. 1867, Lisboa, pág. 423.

amoestar a emenda de peccados, para que quando as virmos, o temamos. *Quæ possuit prodigia super terram.* Como se diz no Psalmo 35, e permita o mesmo Senhor se diga a estes, o que se segue no mesmo Psalmo, s. que tire guerras, e dê paz, té o fim da terra».

Acerca dos sinais do Céu comenta: «... pois vimos muitos deles, e aos cometas, e seguirem grandes males, como ao de el-rei D. Sebastião».

O fenómeno teratológico considerado «monstro» compreendia os prodígios mentais e impressionantemente precoces, como foi em Évora certo menino que com 22 meses falava latim...

Quando Resende se refere aos «monstros» — *E vimos monstros na terra, E no céu grandes sinais* — tem em vista três prodígios notáveis: Pico de Mirândula, italiano; o jovem de 20 anos, ido de Espanha, e que em França assombrou os doutores pelo seu grande saber; e, principalmente, o latinista de Évora, de 22 meses... Este era o caso português.

Do italiano, prematuramente falecido em 1494, referiu:

Vimos grandes sabedores
Mui pouco tempo viver,
Sem lhes valer seu saber.
Mirândula seus primores
Não acabou de escrever...

Com 23 anos tinha ele já apresentado em Roma mais de 900 teses várias, desafiando, então, quem quer que fosse a rebater-lhas...

Era o orgulho dos italianos, como Lope de Vega fora, mais tarde, o orgulho dos castelhanos, a quem davam o nome de «monstruo de la naturaleza» [1].

---

[1] Meu caro Mário Saa! «*Monstruo de la naturaleza*», *aplicado a Lope Felix de Vega Carpio, é da autoria de Cervantes e não de Calderon, como erradamente eu lhe dissera.*

A crónica rimada de Chastelain e Molinet, e que serviu de modelo literário a Garcia de Resende na «Miscelânia», dá nota do jovem de 20 anos, que ao tempo, e com tal sabedoria se apresentava em França perante os doutos, que estes o consideravam imbuído de saber por artes mágicas: que era, já, um sinal evangélico da próxima destruição do Mundo e que seria, inclusivamente, o Anti-Cristo:

J'ay vu par excellence
Ung jeune de vingtz ans,
Avoir toute science,
Et les degrez montans,

Soy vantant sçavoir dire
Ce qu'oncques fut escript,
Par seulle fois le lire
Comme ung jeune Antecrist.

Vide, agora, o caso em Resende:

E vimos «monstros» na terra,
E no céu grandes sinais,

A expressão parece de uso corrente na literatura espanhola dos fins do século XVI e começos de XVII, na acepção de portento *ou* prodígio.

O próprio Lope de Vega escreveu numa das suas comédias:

«Tanta belleza
Monstruo será de la naturaleza».

(«La hermosa Ester» — Acto I)

Na edição de 1582 das poesias de Gregório Silvestre (português que viveu em Espanha e escreveu em castelhano) encontra-se no prefácio, que é dum tal Cacéres y Espinosa, a expressão referida.

Também em português se publicou um livro intitulado «Monstruosidades do Tempo e da Fortuna», de autor que me não recordo, mas que julgo ser do XVII século.

Disponha do seu MIGUEL DA SILVEIRA. — *Lisboa, 2-4-938.*

A expressão *monstro contra a natureza* era vulgar (António de Sousa de Macedo, *Domínio sobre a Fortuna*, 1682).

Cousas sobrenaturais,
Grandes prodígios de guerra,
Fomes, pestes, cousas tais;
Dizem que em Chipre foi visto
Mui grande número disto,
Roma, Milão, outras partes.
Vimos nigromantes artes
Que remedam Ante-cristo.

Mas o caso que Resende considerava o primeiro de todos era o do menino de Évora.

A ele se refere Camões quando, no soneto, faz coincidir o nascimento do «monstro» com o aparecimento de sinais do fim do mundo:

Dê o mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe «monstros» .....

Para Camões há, pois, monstro, ou monstros notáveis, nascidos em 23 de Janeiro de 1524, juntamente com os sinais...

Resende é a primeira testemunha da existência do menino e do seu psiquismo monstruoso. Com efeito:

Em Évora vi um menino
Que a dois anos não chegava,
E entendia, e falava,
E era já bem latino,
Respondia e perguntava;
Era de maravilhar
Ver seu saber, seu falar,
Sendo de vinte e dois meses:
Monstro entre portugueses
Para ver, para notar [1].

O autor destes versos faleceu em 1536, e a obra («Miscelânia») foi publicada, em Évora, em 1554.

---

[1] Garcia de Resende, *Miscelânea*, 305.

A estrofe do menino *monstro* é a última da «*Miscelânea*», que antes se referia aos sucessos de 1531. Foi por esta ocasião que Resende tomaria conhecimento do dito menino que ao tempo contaria cerca de 7 anos de idade. O ano em que nasceu consta da cota marginal: *Tomas filho de Manoel Tomas no ano de DXXIII.*

A indicação de 1523 pode corresponder à de 1524, pois que a mudança de era começava sempre em 1 de Março, dia de Ano Bom. Assim, Janeiro e Fevereiro consideravam-se os últimos meses do ano; e, sendo assim, onde se lê *Janeiro de 1523,* deve passar-se para *Janeiro de 1524.*

Este era o costume, e, por seu desconhecimento, advêm erros frequentes à cronologia. Quando Camões nasceu ainda se usava este cômputo: nascera em 1523, correspondente ao actual 1524.

A criança latinista não foi em Évora um caso único. Outra nasceu cerca do ano 1531, e que também assombrou pelos conhecimentos que tinha da língua latina. A raínha D. Catarina, mulher de el-rei D. João III, veio a proteger os dois prodígios, com bolsas de estudo.

Este segundo menino foi do conhecimento pessoal de Clenardo, professor e humanista ilustre. Em carta a seu amigo Rogério Réscio, datada de Évora, 1535, segunda-feira de Páscoa (caiu nesse ano, a segunda-feira de Páscoa, a 29 de Março) dizia:

«Aqui há um pequerrucho dos seus quatro anos de idade, filho de pai tão bom e apaixonado latino que desde a mais tenra idade lhe ensinou o latim pelo mesmo método por que toda a gente o faz no idioma vernáculo.

Esta criança é um prodígio. Há já um ano que recitou de cor perante o meu príncipe alguns versos do 2.º livro da Eneida declamando aquela célebre fábula de Lacoonte, com tal autoridade que nem o autor dela o podia ter feito mais gravemente. Continuando a fazer de poeta, quando chegou àquela passagem *sic factus validis ingentem viribus hostam,* etc., tão bem imitados

os gestos que eu tive a ilusão de que estava vendo o engenho a oscilar.

E (o que é mais para admirar ainda) conhece perfeitamente as diferenças dos géneros e dos tempos — não ficando, em suma, nada inferior aos estudantinhos da nossa terra. Dias depois assistiu, juntamente com o Pai, ao nosso almoço; e, a convite meu, no dia seguinte mandou-me uma cartinha a cumprimentar-me... [1]»

O *monstro* Tomás pertencia a uma família de Guimarães de apelido Barbosa e parece que o pai exercia algum mister na Casa Real ou com esta relacionado. A Corte, estando em Évora em 1534, conhecera a criança, parecendo que a raínha D. Catarina se interessara por ela, pois no *Livro das Despesas da Raínha D. Catarina*, folhas 162, sanciona-se em 8 de Janeiro a verba anual de 1.200 reais destinada a *dois meninos que falavam latim* [2].

Manuel Tomaz casou e teve descendência, mantida em Guimarães. É o que se lê na «Biblioteca Lusitana». Diz o autor que o *menino* se chamava Manuel Tomaz e que é seu descendente o famoso jurisconsulto Dr. Agostinho Barbosa, de quem — segundo escreve — quis a Natureza formar um *monstro de sabedoria*. Agostinho nasceu em Guimarães em 1590. Doutro descendente do menino, também Manuel Tomaz, diz que foi apreciado poeta. E doutro, ainda, L.do Manuel Barbosa, diz que foi notável conhecedor de grego e latim.

---

[1] Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, *Clenardo* (com a tradução das suas cartas), Coimbra, 1926, pág. 285.

[1] Sousa Viterbo, *Curiosidades*, cap. 24.

CAPÍTULO IV

A mãe ao próprio filho não conheça

A MÃE de Camões não conheceu o seu próprio e único filho; daí, este verso, do soneto em questão:

> A mãe ao próprio filho não conheça.

Trata-se da perda da sua mãe, naquela mesma hora em que veio ao mundo.

A astrológica canção «Vinde cá, meu tão certo secretário», corrobora o tema. Irrompe por estas palavras:

> Quando vim da *materna sepultura*,
> De novo [1], ao mundo, logo me fizeram
> *Estrelas infelices* obrigado.

Em «materna sepultura» está nítida a ideia da morte da mãe, D. Ana de Macedo. D. Ana de Sá, que figura nas ementas da pensão ao Poeta, e a continuou recebendo após a morte deste, era a madrasta e não a mãe, mas a quem, então, competia o tratamento oficial de mãe.

Nunca um genealogista do tempo, ao versar o título «Camões», chamou à mãe do Poeta D. Ana de Sá, mas sim Ana de Macedo. Dão-a por filha de Jorge de Macedo, de Santarém, e que aí desempenhou funções régias.

---

[1] *De novo:* expressão equivalente a *ora de novo*, ou seja, *pela 1.ª vez*. Quando se dizia: *as terras ora novamente descobertas*, equivalia a: *descobertas pela 1.ª vez*.

Como a expressão *de novo* envolve, modernamente, a ideia da repetição, convinha fazer esta advertência.

Se a mãe ao filho não conheceu, também o filho não pôde reter a imagem da mãe, evidentemente. Esta recíproca fatalidade foi objecto do outro soneto seu, em castelhano, soneto de formosa arquitectura mental e em que é versado, igualmente, um tema que lhe era particularmente afecto: o da tetralogia dos Elementos — Fogo, Ar, Terra e Água — componentes da vida.

Lamenta o Poeta o caso da perda da mãe, com o que ficou inibido por toda a vida de perscrutar a imagem daquela que constituía a glória da sua própria alma. Lamenta que não tivesse morrido no dia natalício, dissolvidos cada um dos seus quatro Elementos nos respectivos bravios Elementos da Natureza, com o que nunca a sua raivosa Fortuna teria tido poder de o apartar da beldade anímica da mãe — pois que ambos gozariam juntos, desde logo, a bem-aventurança eterna, sem temor das olvidantes águas do Létis, ou Estígio Lago.

O Poeta põe em destaque, neste soneto, a justificável aflição que pode ter uma pessoa sensível de não poder formar uma ideia da própria mãe... A responsabilidade da crua ignorância assaca-a o Poeta à sua Fortuna raivosa, que nesse dia se fazia acompanhar do seu peculiar cortejo de *horrores* e *espantos!* Fortuna traduz, simultaneamente, o horóscopo do nascimento e a Estrela dominante do horóscopo, que, no caso de Camões, era Saturno.

No soneto em questão, alude ao mês astrológico em que veio ao mundo: *Aquário*, o qual então se contava de 9 de Janeiro a 9 de Fevereiro. É o mês das chuvas, mas, infelizmente, o desse ano fora seco de mais, apesar da promessa do dilúvio. O Aquário daquele ano não tivera o poder de lhe apagar o *Fogo* da vida. O *Fogo* é dos quatro Elementos o primeiro.

Por «alto suspirar» entenda-se a aflição pública.

Por «glória da sua alma» quere referir-se à mãe. «Glória», indicando pessoa muito querida, é expressão camoneana. Analogamente, falando da mulher que amou: *De sua mão cuidado, e* glória *pura.* É da canção «Nem roxa flor de Abril». Noutros versos temos ainda a expressão: *glória dos olhos...*

Glória dos olhos era a muito amada mulher e *glória da alma* era a mãe — a qual perdera ao nascer.

O soneto:

Si el *Fuego* que me enciende, consumido
De algun mas suelto *Aquario* ser pudiese;
(FOGO)

Si el *alto suspirar* me convertiese
En *Ayre*, por ele ayre desparcido;
(AR)

Si un horrible rumor siendo sentido,
La alma a dejar el *cuerpo* redujese;
(TERRA)

O por estos mis ojos al mar fuese
Este mi cuerpo en *llanto* convertido;
(ÁGUA)

Nunca poderia la *Fortuna airada,*
Con todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la alma mia de *su gloria.*

Porque en vuestra beldad ya transformada,
Ni del Estigio lago eternos llantos
Os poderiam quitar de mi memoria [1].

Os é equivalente a *vos* (último verso). É castelhano vernáculo, como era antigamente em português.

Diz que, se tivesse morrido à nascença — para o que bastaria a boa vontade dos quatro Elementos em liberdade afogar-lhe os mesmos quatro Elementos componentes da sua própria vida — nunca a sua alma se teria apartado da sua glória, a sua querida mãe, não tendo, pois, sido possível vir esta a apagar-se-lhe da memória, como, infelizmente, aconteceu:

[1] O penúltimo verso, *Ni del Estigio lago eternos llantos*, lembra aquele *Lhe deu, no Estígio lcgo, eterno ninho*, do soneto «Está o lascivo e doce passarinho».

Nunca poderia la Fortuna airada,
Con todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar alma mia de *su gloria.*

A mesma canção astrológica «Vinde cá», que encerra o verso: *Quando vim da materna sepultura,* em que está expresso o falecimento da mãe naquela hora, traz, logo adiante, a confirmação do facto:

Foi minha Ama uma fera, que o Destino
Não quis que melhor fosse a que tivesse
Tal nome para mim... *Nem a haveria...*

¿Mas está o termo *ama* aqui empregado no sentido de Senhora, de quem o Poeta fosse servo, ou no sentido de aleitadora?...

Assim criado fui, por que *bebesse*
O veneno amoroso, de menino,
Que na maior idade *beberia,*
E, por costume, não me mataria.

É, pois, no sentido de aleitadora. Não quis o Destino que tivesse, o Poeta, a melhor ama que poderia ter — a mãe... E ainda que lha quisessem dar... *já não a haveria!*

E porque tinha morrido, tomou-lhe a vez uma *fera celeste,* tão bela quanto cruel e dura — imagem daquela *fera humana tão formosa* que, mais tarde, o criaria aos peitos da esperança:

Logo então, vi a imagem e semelhança
Daquela humana fera, tão formosa,
Suave e venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança.

CAPÍTULO V

As pessoas pasmadas, de ignorantes...

NO soneto do Aquário disse o Poeta acerca do seu próprio natalício:

Si un horrible rumor siendo sentido.

A expressão encerra o tempo passado. O Poeta quis ilustrar, com este verso, o Elemento *Terra*, pondo-nos assim ao facto dum movimento sismico, nesse dia, e que alarmou a população. Completa a ideia no soneto em português, o do eclipse:

As pessoas pasmadas, de ignorantes,
As lágrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidam que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa não te espantes,
Ques este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu!

Ora os casos sísmicos dos reinados de D. Manuel e D. João III não são tantos que não possamos enumerá-los.

A sismologia portuguesa, desde o ano de 1506 em diante, aponta-nos:

1522 — Ano em que, a 22 de Setembro, se dava na Baixa-Andaluzia um grande terramoto com o perecimento de mais de 2.000 pessoas; outro acontecia em terras da Coroa portuguesa, na ilha de São Miguel (Açores), a 22 de Outubro. Foi este último tão espantoso que soterrou a sua povoação principal, Vila Franca, a ponto de não transparecer dela coisa alguma, pois o

desmoronamento de terras duma montanha sobranceira à vila a tinha totalmente coberto. Toda a ilha tremera.

1531 — 26 de Janeiro é a data do maior cataclismo que assolou Portugal, e principalmente Lisboa, desde a fundação da Monarquia até então. Os historiadores lhe chamaram o *Segundo terramoto* de Portugal, reservando o nome *Primeiro* (em tempo) para o que sucedeu no reinado de D. Deniz, a 22 de Fevereiro de 1309.

1551 — Neste ano, a 16 de Outubro [1], há outro forte abalo de terra, denominado o *Terceiro terremoto* de Portugal.

1563 — Em 26 de Junho, «à 1 hora depois da meia-noite tiveram princípio na ilha de São Miguel as mais vivas, e mais próprias representações, do que sucederá no Mundo, quando ele se houver de acabar», etc. (Padre Francisco de Santa Maria, *Ano Histórico*).

1575 — Neste ano, a 7 de Junho, sofreu Lisboa um novo abalo de terra, do qual, dizem os autores, não houve maiores consequências que o medo.

Nada mais houve até ao ano da morte do Poeta, nem outros se deram no intervalo dessas datas.

Neste elenco, já de si bastante minucioso, não vem mencionada uma catástrofe local, e que apenas interessou a Lisboa, pátria do Poeta: foi o resvalamento de terras da *Costa*, em Santa Catarina, de que resultou a destruição dum bairro de duas formosas ruas, a morte de algumas pessoas, e, sobretudo, um grande susto e temor em toda a cidade, por se tratar dum cataclismo em vésperas da anunciada destruição do mundo!

Garcia de Resende dá conta de todos esses factos minuciosos, colocando este entre o ano de 1522 (terremoto da ilha de São Miguel) e o ano de 1531, em que se deu o grande terremoto de Lisboa. A data de 1512, aposta em cota marginal à estrofe do

---

[1] Bento Álvares Ferreira, «Biblioteca da Gente do Campo», pág. 142. Coimbra, 1870. Contém bibliografia.

desastre da Costa, é, evidentemente, errada, pois quebraria, de modo anómalo, a sequência cronológica que a obra correctamente mantém.

Resende coleccionou todos esses casos, descendo à minúcia da mula parida e do cometa que não crescia nem minguava, e nem era luminoso, «cousa branca, mui comprida». Tudo o que impressionou o seu tempo aí vem mencionado. Ora, os sucessos que neste capítulo de movimentos térreos narrou como anteriores a 31 são o desastre da Costa de Lisboa, o terremoto de Granada e o da ilha de São Miguel.

(240) Ano 1521

Vimos a astrologia
Mentir toda em todo o Mundo,
Que toda junta dizia
Que em vinte e quatro havia
De haver Dilúvio Segundo;
E seco vimos o ano,
E bem claro o engano
Em que astrólogos estavam,
Pois dantes tanto afirmavam
Por chuvas haver grão dano.

(241) Ano 1522

Vimos também subverter
Em Grãada muitos lugares,
E muita gente morrer,
E tal terremoto ser,
Que serras foram algares.
Na ilha aquém da Terceira
Uma grande Vila inteira
Neste ano se subverteu,
E todo o povo morreu:
Foi grão caso em grã maneira

(242)

Vi que em Lisboa caiu
Da Costa grã quantidade,
Duas ruas destruiu,
Duzentas casas sumiu,
Foi grão temor na cidade.
Aquestes tremores tais
E outros muitos sinais
Vemos, sem termos lembrança
De Deus, nem fazer mudança
De nossas vidas mortais.

Foi grão temor na cidade o tal resvalamento das barreiras da *Costa*. Esta era a que marginava o Tejo, do lado da cidade, e especialmente se dava este nome ao Alto de Santa Catarina de Ribamar e ao Monte das Chagas, que, entre si, têm a Bica de Duarte Belo. Este local é propenso a fenómenos desta natureza [1].

Ainda no século XVII se dava, por antonomásia, o nome de «Costa» ao morro de Santa Catarina.

Pelos anos adiante repetiram-se aí os desprendimentos de terras, com mais ou menos espanto dos moradores do sítio. Um deles é referido, assim, no «Ano Histórico» [2].

«Aquele monte, onde hoje vemos fundada a Igreja paroquial de Santa Catarina do Monte Sinai, corria antigamente naquela mesma altura, em que o vemos, até o sítio onde hoje chega o mar, e na distância do mesmo monte havia grande número de casas, que formavam três formosas ruas; sucedeu que neste dia (22 de Julho), ano de 1597, pelas onze horas da noite, começou a gritar um homem desconhecido, dizendo que fugissem todos, porque se subvertia o monte; a estas vozes saíram, com efeito, os

---

[1] Gomes de Brito, *Ruas de Lisboa*, em «Santa Catarina (Alto de)». Matos Sequeira dá-me esta informação: — Obras de Diogo Torralva na Costa da cidade. L.º 42 de D. João III, fl. 18 v.; Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, e referido a este sítio.

[1] Tomo II, 22 de Julho.

moradores e se retiraram para a parte da terra, e pouco depois o monte se submergiu com as três ruas e cento e dez moradas de casas, em que entravam muitas muito nobres, e uma calçada, e um cais de pedra, e tudo se sumiu, e desapareceu em um instante, com sumo horror, e terror de todos os que o viram».

A essência desta notícia deve atribuir-se ao ano de 1524.

O anónimo das *Memórias Trágicas* (fins do século XVIII) dá-nos mais esta nota:

«Em 13 de Abril de 1620 se subverteu parte do resto da *Costa de Santa Catarina* com a maior parte das casas que nela havia, e no dia 21 do dito mês se subverteram as que ficaram; foi este caso muito espantoso em Lisboa; muitos atribuíram esta subversão à violência das águas dum caudaloso rio que, dizem, passa por baixo do dito monte».

Temos, então, a registar o desprendimento de terras mencionado em Resende e a acrescentá-lo ao que já conhecemos deste local. Então se sumiram 200 casas e foi grande o espanto. É possível que alguma parte desta notícia se enxertasse em narrativas de sucessos posteriores.

Só a esse acontecimento se pode ter referido Camões quando escreveu acerca do dia em que veio ao mundo:

> Si un horrible rumor siendo sentido
> La alma a dejar el cuerpo redujese...

Como o Poeta tivesse dado como simultâneos um grave acontecimento de terras e uma chuva de sangue (chuva de águas vermelhas que, por vezes, acontece) e como os autores de livros de lembranças desse tempo associem, de facto, uma *chuva de sangue* a um cataclismo que fez supor, desde logo, a efectivação da destruição do mundo, — é natural que a esse mesmo conjunto se refira Camões. Tanto mais, que o cataclismo simultâneo da chuva de sangue — dizem os livros — destruíra *duzentas casas* alinhadas em duas ruas, o que joga certo com o que diz Resende:

Duas ruas destruiu,
Duzentas casas sumiu...

A data que os autores põem a este acontecimento é vária no tocante ao ano, sendo apenas constantes no tocante ao mês e ao dia, que dizem ser o *28 de Janeiro*. Facilmente se justifica a confusão gráfica de 28 com 23.

O Poeta nascera em Lisboa, como assevera o seu primeiro biógrafo e amigo pessoal, Manuel Correia.

CAPÍTULO VI

Sangue chova o ar

CAI, por vezes, uma chuva avermelhada, cor de sangue. É a chuva de sangue sinal do Céu epresságio de graves acontecimentos.

Conta o cronista Frei Manuel dos Santos, na sua «História Sebástica», que no dia da grande batalha de Alcácer Quibir caíram em Tânger algumas gotas de sangue.

Mas, quanto são de fabulosas estas gotas de sangue, como a carne picada que caiu em Roma, simbolizando as guerras civis dos romanos [1], outro tanto se não diga das chuvas vermelhas, que, se bem que raras, acontecem.

No nosso País são raríssimas. Por todo o século XVI, o século de Camões, contam-se, talvez, duas vezes.

Faria e Sousa faz referência a esta chuva na sua «Europa Portuguesa»:

«En el año 1561. Se vió fuego por tres horas en el ayre: sangue caído del Cielo».

O «Ano Histórico» ou «Diário Português», do Padre-Mestre Francisco de Santa Maria, menciona:

«*28 de Janeiro: Sinais horríveis no Céu e na Terra.* No mesmo dia, ano de 1551, foi visto em Lisboa o ar incendido em fogo, com horrenda catadura: *choveu sangue* e *sobreveio* um terremoto, com que se arruinaram duzentas casas e nas ruínas morreram mais de 2.000 pessoas».

---

[1] *Oráculo Profético*, 1773, pelo Dr. Anselmo Caetano Munhós de Abreu Gusmão; *Os Monstros*, por Ambrosino. Esta é obra notável e contém interessantíssimas gravuras.

É possível provar que não houve terremoto em 1551; e, quanto à morte das 2.000 pessoas, é confusão com o número de pessoas que pereceram no terremoto de Granada em 1522.

Quando se deu o megassismo do 1.º de Novembro de 1755, vários autores se dedicaram à colecção de informações sobre sucessos semelhantes em Portugal. Foram, por exemplo, Moreira de Mendonça, que escreveu *A História Universal dos Terremotos*, e um anónimo, autor dum manuscrito de lembranças, *Memórias Trágicas*, arquivado na Biblioteca Nacional com a cota do Fundo Geral, 1772; e outros. Este anónimo, conhecedor da notícia do «Ano Histórico», acima transcrita, e daquela passagem da «Miscelânia», de Resende, onde diz

> Vi que em Lisboa caiu
> Da *Costa*, gran quantidade,
> Duas ruas destruiu
> *Duzentas casas* sumiu
> Foi grão temor na cidade.

relacionou e compôs uma notícia com vários erros; e, julgando que a *Costa* de Lisboa era a Encosta do Castelo, colocou aqui o desastre que diz respeito ao Alto de Santa Catarina. E, ainda, na suposição de ser a Costa do Castelo, fez coincidir tudo isso com a invasão das barreiras sobre o Mosteiro da Rosa, que era na dita Encosta.

Como sabemos, o Mosteiro da Rosa (no hoje Largo da Rosa) e o bairro contíguo, então chamado Vila-Quente, sofrera um escorregamento de terras e de penedos da muralha no terremoto de 1531, segundo escreveram velhos autores, e, entre eles, Frei Luiz de Sousa em a sua «História de São Domingos». O Mosteiro fora fundado em 1519 e inaugurado em 1521.

Assim, colhendo elementos de três fontes referentes a factos distintos e distanciados em tempo, tais os que narram o «Ano Histórico», a «Miscelânia» e a «História de São Domingos», teceu o autor das «Memórias Trágicas» este pastel, este modelo de intercepcionismo cronológico e topográfico.

«Em 28 de Janeiro de 1512 sentiu Lisboa um terrível terremoto em o qual se subverteram 200 moradas de casas situadas em a Costa do Castelo, e monte junto a ela; caiu o Mosteiro da Rosa, morreram 2.000 pessoas, o ar se acendeu em forma que parecia querer abrasar a cidade e choveu sangue».

A data de 1512 foi colhê-la o autor à cota marginal da estrofe de Resende, aí posta pelo editor da edição de 1554, mas cronologicamente errada, pois que o desastre da *Costa*, em Lisboa, é posterior a 1522. Por outro lado, o anacronismo de fazer coincidir com 1512 o Mosteiro da Rosa é flagrante, em vista deste Mosteiro só começar a existir em 1521! Não é menos errada a suposição de que a *Costa*, em Lisboa, fosse a *Encosta do Castelo*. A *Costa* era a riba-mar, e dava-se especialmente este nome à dos montes das Chagas e de Santa Catarina, cortados, abrupto, sobre as águas do rio. O desastre da Costa, da referência de Resende, e que não é mencionado no *Ano Histórico*, deu-se no Monte de Santa Catarina, por antonomásia a *Costa*.

CAPÍTULO VII

Nasceu a um sábado

CAMÕES foi-nos dizendo tudo que se relacionava com o dia do seu nascimento. Assim nos declara o dia da semana em que nasceu:

> Que quién nace en dia
> De estrella tan dura
> No halla ventura...

Consagravam-se, antigamente, os dias da semana aos planetas (note-se que não era aos deuses), facto que não interessa hoje à astrologia por ser independente do curso dos astros, mas que ainda no séc. XVI era de grande importância. Os almanaques ou reportórios dos tempos, dessa época, encerram esse conceito e a sua minuciosa descrição.

Inicialmente, há milhares de anos, não era a «semana» independente do curso dos planetas, como hoje, pois se ligava e se adaptava às fases da Lua. Cada semana é de sete dias, que é, aproximadamente, a duração da fase. A lunação completa encerra quatro semanas. Assim, fazia-se coincidir o primeiro dia da primeira semana com o primeiro dia de Lua (Lua Nova); o primeiro dia da segunda semana, com o dia do quarto crescente; e assim por diante. O primeiro dia era consagrado ao Sol — o domingo: neste dia a Lua é invisível. No segundo dia já a Lua se principiava a ver: era o dia da Lua (segunda-feira). O terceiro era consagrado a Marte (terça-feira) dado que neste dia, terceiro de Lua, se experimentava combatividade nervosa, irritação. O quarto dia, quarta-feira, trazia excitação mental, e era, por

isso, consagrado a Mercúrio. O quinto, quinta-feira, era declaradamente tranquilo, propício à vida nervosa; importava paz e sentimentos de justiça; consagrava-se a Júpiter (g. Jovis). O sexto dia, sexta-feira, importava a sensação do amor, e, portanto, se consagrava a Vénus. O sétimo, sábado, trazia a tristeza e os maus presságios que lhe andavam sempre ligados. Por tal motivo era o sábado consagrado a Saturno, chamado pelos astrólogos a *Infortuna Maior*. Domingo era o dia do Sol, o do renovo, o do recomeço da fase.

No século de Camões já a semana nada queria dizer em relação aos astros, mas ainda se ligava aos seus dias, por continuidade tradicional, um significado astrológico, de que a própria medicina e cirurgia não dispensavam a colaboração. Gil Vicente chama a atenção para isso nos seus autos. Assim, no dos *Físicos* (por exemplo), em que foca os hábitos e estribilhos científicos de vários físicos da Corte, lá traz o médico Torres auscultando os sintomas da doença pelo dia e hora em que o doente caiu de cama:

> Isso foi em quarta-feira,
> Mercúrio à hora primeira:
> Não vejo causa nenhuma
> Para febre verdadeira...

É que, além de ser consagrada a Mercúrio a quarta-feira, ainda o era, em especial, a hora primeira desse dia (cada uma das 24 horas eram consagradas a seu planeta, conforme o dia da semana. A primeira de quarta-feira consagrava-se a Mercúrio). Não se justificava, portanto, a febre do doente!

Note-se que, para efeito da divisão do dia em *horas planetárias*, considerava-se este como tendo começo ao nascer do Sol, e acabando ao nascer do Sol seguinte. O dia dividia-se em *dia*, propriamente dito, e *noite:* esta começava ao pôr do Sol.

O dia, como a noite, dividia-se cada um em doze partes ou doze horas planetárias: e assim se dizia a hora primeira do dia, a segunda, a décima segunda; como: a hora primeira da noite, a segunda, etc.

Os dias e as noites são maiores ou menores, conforme a época do ano; e, por isso, o número de minutos nossos que cada hora encerrava de dia ou de noite, variava continuamente. Nos dias de 14 horas de Sol, tinham as horas diurnas 70 minutos dos nossos e as nocturnas 50.

Os dias maus, ou aziagos, da semana, eram a terça-feira e o sábado, aquele consagrado a Marte e este a Saturno — os dois planetas maléficos, as duas «infortunas» da astrologia. Entre os dois, a terça-feira ainda era tolerável, e, de certo modo, boa. Lá diz Gil Vicente no auto da «Serra da Estrela», representado por ocasião do nascimento da Infanta D. Maria, filha de el-rei D. João III, a qual nascera em Coimbra, e em terça-feira, *die Martis:*

> E mais nasceu em bom dia:
> Marte, deus dos vencimentos;
> E trouxeram logo os ventos
> Água que se requeria
> Pera todos os mantimentos.

A chuva que nesse dia caiu era almejada pelos lavradores, pois estavam a 15 de Outubro (1527) e a seca continuava. Esse dia caiu, de facto, em terça-feira (*F*, letra dominical desse ano).

A Marte chamam os astrólogos a *Infortuna Menor.*

Saturno é impiedoso, e o seu dia, o sábado, é sempre mau.

Pois Camões não apenas teve Saturno como Estrela do seu nascimento — o que adiante se provará — como ainda, por desígnio da mesma Estrela, veio nascer a um sábado, dia do mesmo Saturno!

A este planeta chamou Camões a *Estrela dura e cruel:*

Chamo dura e cruel a dura Estrela
Que me aparta de vós, minha alegria...

A Estrela dura e cruel foi a «Fortuna» do Poeta (ao planeta senhor do horóscopo de nascimento dava-se, também, o nome de «Fortuna»):

Fortuna minha foi cruel e dura
Aquela que causou meu perdimento
Com a qual ninguém pode ter cautela.

Nem se engane nenhuma criatura,
Que não pode nenhum impedimento
Fugir o que lhe ordene sua Estrela.

De Saturno dizem os astrólogos, *v. g.* Cardoso de Sequeira, no *Thesouro*, livro IV, tratado III, cap. V: «É Saturno Estrela maligna, de más influências, porque *totalmente é contrária à vida humana...* E, por isso, os matemáticos lhe chamam *Infortuna Maior.*»

Saturno, Fortuna de Camões, é a Estrela — *com a qual ninguém pode ter cautela.* É a dura e cruel.

Teve o Poeta, por singular coincidência, o nascimento em dia da sua própria Estrela — e, como diz, por desígnio desta mesma:

Esta dicha mia
Que siempre busqué,
Buscandola, hallé
Que no la hallaria;
Que quién nace en dia
De estrella tan dura
No halla ventura.

No puso *mi estrella*
Más ventura en min;
Ansi vive en fin
Quién nace sin ella;
Quéjome que atura
Vida tan escura.

Pertencem estes versos à redondilha *Dó la mi ventura*. Elucidou, portanto, e a seu respeito,

Que quem nasce em dia
De estrela tão dura
Não acha ventura...

Ora o dia 23 de Janeiro de 1524 caiu a um *sábado*, pois as letras dominicais desse ano foram *C B* — o que se traduz dizendo que o primeiro domingo do ano calhou no dia 3 (letra *C*). Assim, no mês de Janeiro, foram os sábados em 2, 9, 16 e 23.

No período que vai de 1518 a 1530 nenhum outro dia 23 de Janeiro caiu a um sábado, além deste. O ano foi bissexto; daí, as duas letras.

Parece-me ter ficado provado, avondosamente, o nascimento do Poeta em 23 de Janeiro, sob a grande conjunção do ano de 1524, a coincidir com a data dum eclipse do Sol no ano seguinte, e a calhar a um sábado, dia consagrado a Saturno.

PARTE II

DEMONSTRAÇÕES ASTROLÓGICAS

CAPÍTULO I

Camões na Astrologia

É POSSÍVEL arrancar aos astros uma certidão de idade para Camões, desde que se saiba interpretar a descrição que ele nos deixou do seu céu.

Descreveu o Poeta o arranjo planetário do seu dia e hora, para demonstrar quanto estavam previstos os seus infortúnios. Impressionou-o a exactidão dos prognósticos:

> Mas minha «Estrela», que eu já agora entendo,
> A «morte cega» e o «caso duvidoso»,
> Me fizeram de gostos haver medo...

É dum soneto.

Para o descobrimento da data do seu nascimento há, pois, um problema de ordem exegético-astrológica e outro de ordem astronómica. Ao primeiro se reduziria o nosso labor; aos astrónomos caberia a solução do segundo. E tudo se fez.

Ora, não há dúvida que o Poeta aludiu, repetidas vezes, às posições dos astros no dia e na hora do seu nascimento. Não se estranhe o ter chegado à minúcia da hora, pois que, sem o conhecimento desta, não pode um astrólogo levantar um *horóscopo*, vocábulo que significa «inspecção da hora». Portanto, pela descrição deste, o primeiro facto astronómico que se apura é o conhecimento da hora. Chega-se a esta conclusão primeiro que ao apuramento do dia e do ano.

Quanto ao crédito a dar ao Poeta, deve ser total. Foi suficientemente grande para que não pudesse deixar de ser sincero; tal a condição de toda a grandeza espiritual. De resto,

possuía o génio da expressão como ninguém; assim, não precisou de torcer conceitos por obediência a ritmos e a rimas:

> Nem eu delicadezas vou cantando
> Co'o gôsto do louvor, mas explicando
> Puras verdades já por mim passadas.
> Oxalá foram fábulas sonhadas.

Tinha um alto *sentido da realidade,* como definiu Afonso Lopes Vieira, e muito bem.

O pedaço supra transcrito pertence à canção astrológica «Vinde cá, meu tão certo secretário». Este secretário é o papel que recebe as suas confidências.

As expressões astrológicas em Camões não são hipérboles literárias sem significado real. Nem isso era crível numa época em que tais expressões eram uma linguagem falante, pois que a astrologia estava na brecha. Quem delas usasse por mero intento literário, como hoje é costume, arriscava-se a não ser entendido. De resto, o feixe de informações astrológicas que nos deixou, para a formação dum céu de nascimento, é tão coerente com a verdade astronómica, tão certo em todos os seus detalhes, que não o poderia ter inventado nem adivinhado... Tudo o que nos deixou da distribuição planetária nesse dia se realizou textualmente na noite de 23 de Janeiro de 1524.

Poderia a nossa interpretação ter sido errada (verifica-se que não fora): e, nesse caso, a insuficiência não seria de Camões, mas nossa.

Camões fez a sua profissão de fé astrológica nos próprios «Lusíadas», canto X. Aí descreve a máquina do Mundo, os céus e os planetas, pelo sistema em uso; caracteriza *astrologicamente* cada planeta, diz que Júpiter incarna a divina Providência, regendo os humanos pelas estrelas, a que denomina «espíritos mil».

Considera os astros *bons* e *maus;* e diz:

Ensina-o a *Profética ciência*
Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são *bons*, guiando favorecem,
Os *máos*, enquanto podem, nos empecem...

A astrologia era havida por verdadeira *ciência* e a Igreja distinguia-a daquela que, baseada ainda nela, é, todavia, *cabala* [1]. Condenava esta e admitia aquela. É assim que resume a «Summa Theológica» de S. Tomaz de Aquino:

Astrologus potest præ dicere futura determinata, ut semper vel ut frequenter in suis causis non autem contingentia ad utrumlibet. («Summa Theológica», D. Thomae Aquitanis. Indice — *Lexicon* Romae MDCCCXCIV, pág. 96).

Os mesmos argumentos que serviam à defesa do livre alvedrio — ou livre arbítrio — em relação à Providência Divina, *Causa Primeira,* se aplicavam em relação às predestinações astrais, ou *Causas Segundas.* É bem certo que um livre arbítrio debaixo duma tal chuva de causas é mui difícil de manter-se — mas, o que custa é que Deus agradece... O próprio Camões dizia, na *Babel* e *Sião:*

Que já me entraram o muro
Do livre arbítrio que tenho...

Noutro lugar (canção «Vinde cá») tratando das *Estrelas infelices* do seu nascimento, põe este comentário, em referência às mesmas estrelas:

Tendo *livre alvedrio* m'o não deram,
Que eu conheci, mil vezes, na Ventura
O melhor, e o peior segui forçado!

1 O Dr. da Cunha Dias elucida este ponto em artigo no jornal «Humanidade», 1938, acerca duns artigos meus, publicados no «Diário de Lisboa».

Na *Ode à Lua*, lá torna à supressão do livre alvedrio pelo poder dos astros:

> Oh! quanto há já que o Céu me desengana!
> Mas eu sempre porfio,
> Cada vez mais, na minha teima insana!
> *Tendo livre alvedrio*
> Não fujo o desvario;
> Porque êste em que me vejo
> Engana co'a esperança o meu desejo.

A expressão *Profética ciência*, concedida por Camões à Astrologia Judiciária, é perfeita. Esta era admitida por ciência pura, sem rebuço algum, inclusivamente pelas próprias «Ordenações» do reino, que, prescrevendo penalidades contra os que se punham a adivinhar futuros, ressalvavam os astrólogos:

Porém isto não haverá lugar nas pessoas que, vendo primeiro as nascenças das pessoas, disseram alguma cousa segundo seu Juízo e regra da dita ciência. (Orden., Tít. III, L.º V).

Nada, pois, inibia Camões de crer e usar dum sistema que toda a gente cria e usava — a Igreja como o Estado. Os reis tinham os seus astrólogos privativos e dizem que os Papas também. Pelo menos, houve grandes doutores da Igreja que se dedicaram à «Profética ciência», o próprio S. Tomaz de Aquino e seu mestre, o grande Alberto [1]. Numerosas são as informações

---

[1] Interessa ao assunto o estudo e considerações do Dr. Américo Cortez Pinto, em artigos no jornal «A Voz», 1938, dos quais o próprio autor fez o seguinte resumo em carta que me enviou:

Meu Prezado Amigo.

Cumpro o pedido do resumo dos artigos em que nos números da «Voz» de 6, 7, 16 e 21 de Abril de 1938 demonstrei que na época camoneana não havia antagonismo entre Religião, Ciência e Astrologia.

Como prova, invoquei, ao lado da licença do Tribunal do Santo Ofício para a publicação do *Thesouro*, do matemático Cardoso de Sequeira, anteriormente referido (em cujos capítulos V e XXIX se expõe a teoria astrológica da

que o atestam. Diz o Visconde de Juromenha no ensaio biográfico que precede a publicação que fez das *Obras de Camões*, em 1860 (vol. I, pág. 123): «Aos 10 de Novembro deste mesmo ano (1577) apareceu um cometa, que excitou em todos grande susto e apreensões, pretendendo ver neste sinal do céu, que durou pouco mais dum mês, um prognóstico da perda d'El-Rei (D. Sebastião) e da ruina do reino. Por este tempo mandou o Papa a El-Rei um vaticínio feito, conforme assevera o autor donde transcrevo esta memória, que o teve na sua mão, pelo mais célebre astrólogo do seu tempo, Hércules Bellemene de Revore, em que, ponto por ponto, estava escrita a sua perdição, morte e cativeiro dos que o acompanhavam, e nada disto bastou para desviar El-Rei do seu intento.»

Até os maiores contraditores da astrologia, de qualquer forma a admitiam.

A este respeito acrescentarei o que diz um autor muito

---

prognosticação) a licença do mesmo Santo Tribunal para a publicação do *Epitome das noticias astrológicas para a Medicina*, do Padre António Teixeira, onde o Santo Ofício também não encontrou «*nada contra a nossa santa fee*».

Provei ainda que no mesmo século, D. Manuel mandava tirar prognósticos judiciários «*no partir das naus para a Índia ou no tempo que as esperava*». E que por ser «*muito dado à astrologia judiciária*», encarregou o astrólogo Tomaz Torres de ensinar «*algumas coisas faceles de astrologia*» a D. João III o Piedoso.

Mostrei que este Mestre Tomaz ensinava a astrologia na Universidade de Lisboa. E não nos deve isso admirar, pois ela se ensinava em tantas Universidades estrangeiras. Na Universidade de Bolonha, ainda no fim do sec XVII o professor da cadeira de Astronomia era obrigado a ler o horóscopo dos alunos e a fazer em cada ano o juízo do ano seguinte, conforme o sábio Gomes Teixeira in *Panegíricos*. Em plena época camoneana, o sábio Dr. Pedro Nunes expunha à raínha D. Catarina as preocupações que lhe dava a leitura do horóscopo de D. Sebastião.

A demonstração de que nas idades anteriores (e o mesmo podia fazer-se em relação às posteriores) também a astrologia não era incompatível com a Religião e a Ciência, ficou feita entre outras com a demonstração sobejamente autenticada por transcrições, devidamente cotejadas, de *S. Tomaz de Aquino*, na *Summa Theologica*.

contrário à Judiciária, Dr. António de Sousa de Macedo, *Eva e Ave*, P. I, cap. 28 (ed. de 1676): «Muitos outros tratam de seus enganos (da astrologia), e nada acaba de desenganar os homens cegos pelo pecado. O que os astrólogos podem prognosticar é que haverá doenças, frios, tempestades, chuvas, securas, terremotos, esterilidade ou abundância de frutos, e semelhantes efeitos naturais, debaixo da disposição divina; e os judiciários pelo conhecimento dos astros, em que alguém foi concebido, e nascido, lhe podem prognosticar boa ou má saúde, breve ou larga vida, feliz fortuna em fazenda e honras: que será pacífico ou litigioso e outras coisas desta qualidade, mas tudo em geral, dizendo que será pela maior parte, e nada em particular ou com certeza; porque os astros contêm só disposição e inclinação no apetite sensitivo, que é potência corporal em órgão corpóreo; mas sempre sujeito ao livre alvedrio, que pode frustrar aquelas disposições.»

Note-se: no século XVII iniciava-se o descrédito da astrologia

---

Demonstrei ainda como era falsa a pretendida oposição entre *livre arbítrio* e *determinismo*, a qual só poderia ser explicada pela confusão entre determinismo e *fatalismo*, confusão que pode existir na astrologia árabe, mas não na astrologia dos cristãos, «*astra inclinant, non necessitant*». Era esta confusão que S. Tomaz esclarecia quando ressalvava da prognosticação o significado fatal. De resto, já Ptolomeu claramente expressava o predomínio do livre arbítrio no *Centiloquio*, Sentença n.º 5.

E a prova de que o determinismo não pode ser tomado como menos ortodoxo, ficou amplamente feita com o facto dos determinismos médicos de hereditariedade, biotipo e meio, expressos pela medicina actual, serem aceites pela Igreja, que não só os não condena como os utiliza inteligentemente para a sua actuação. Nem de outra maneira podia proceder sem lesar o espírito científico, que não pode deixar de ser sempre compatível com a fé.

E eis, o mais breve que pude fazê-lo, o resumo dos principais pontos versados nos artigos publicados na «Voz», sem me referir ao que foi escrito mas ali deixou de ser publicado para não alongar a discussão do assunto.

Cumprimentos do Camarada, etc.

AMÉRICO CORTEZ PINTO

e a Igreja procurava coibir o seu uso. No século XVIII, considerada, erradamente, sistema metafísico, e pelo combate sistemático às metafísicas, caducou.

Os argumentos geralmente usados a favor da Judicatura astrológica eram a experiência, *os exemplos...*

Camões era bem um homem do seu tempo. E, por isso, lá diz:

> Em muitos dos exemplos que apresenta...

A justificação teológica estava em considerar os astros *Segundas Causas* em relação à *Causa Primeira*, Deus. A Igreja admitia estes princípios, já explicitamente, já implicitamente, aprovando escritos astrológicos em que a doutrina se expendia.

São frequentes as licenças para a publicação de livros no género, e, tanto em Portugal como lá fora.

Mas, para dar um exemplo, cite-se do *Thesouro de Prudentes*[1], obra do matemático Cardoso de Sequeira, e impressa em 1612 com todas as licenças do Santo Ofício (o mais rigoroso tribunal de censura religiosa até hoje conhecido):

«Criou Deus miraculosamente ao primeiro homem... deixando ao Sol e à Lua, e mais planetas e signos, como *Causas Segundas*... E como os ditos planetas na criação do Mundo por Nosso Senhor, *fossem dotados de várias influências*, nascem as várias condições, qualidades, compleições, que há nos homens, segundo a *benignidade* ou *malícia* das influências do signo e planeta que domina em o nascimento de cada um.»

E ainda:

«... porque pelas influências dos signos e planetas, como *Segundas Causas*, assim é a vida nos corpos inferiores.»

Camões, usando desta mesma linguagem astrológica, termina nos «Lusíadas» a referida alusão à Profética ciência:

> Enfim, que o sumo Deus, que por *Segundas Causas* obra no mundo, tudo manda.
>
> (Lus., c. X, 85)

---

1 Livro IV, Trat. III, Cap. V e XXIX.

Ora, se poetas houve, ao tempo, que atraíram sobre alguns astrólogos o ridículo de se porem a adivinhar dilúvios onde vieram a acontecer grandes secas, recaia o mesmo ridículo sobre aqueles dos críticos hodiernos que, por semelhantes sátiras, vão inferindo da descrença astrológica dos seus autores...

Camões, nos seus versos, ora acentua a *Primeira Causa*, Deus,

> Chamam-lhe Fado mau, *Fortuna escura*,
> Sendo só Providência de Deus, pura...
>
> (Lus., c. X, 38)

ora as *Segundas Causas* acentua:

> *Amor* fero e cruel, *Fortuna escura*
> Bem tendes vossa força experimentada:
> Assolai, destruí, não fique nada,
> Vingai-vos desta vida que inda dura [1].

Por «Fortuna» entenda-se a *Estrela principal* do horóscopo e, ainda, o próprio horóscopo do nascimento.

Por «Amor» entenda-se o horóscopo dos amores.

Fortuna escura é como chama ao seu próprio horóscopo do nascimento, e a Saturno, que domina o tom escuro ou plúmbio. Também lhe dá os nomes de *Fado mau* e *Fado escuro*.

---

[1] Soneto «Grão tempo há já».

CAPÍTULO II

Os dois horóscopos

POR «Fortuna», disse, entenda-se o horóscopo do nascimento. Por «Amor», o do início do grande amor.

Este dualismo — Fortuna e Amor — é versado continuamente na obra lírica do Poeta.

«Fortuna» é sinónimo de «Forte» — a *Estrela Forte* do tema, e, por extensão, significa o próprio tema do nascimento.

Tanto por um como por outro horóscopo foi Camões inditoso; os dois se conjuraram contra ele:

> «Fortuna», enfim, co'o «Amor» se conjurou
> Contra mim, por que mais me magoasse:
> «Amor» a um vão desejo me obrigou
> Só para que a «Fortuna» m'o negasse...

Camões acreditava bem nesta dupla influência: ele se julgava a si próprio como um dos bons exemplos da verdade astrológica. E, contrariando a doutrina corrente de que os astros imperavam na medida da insensibilidade dos seres [1], Camões comentava:

> Vêdes aqui, Senhor, bem claramente
> Como a «Fortuna» em todos tem poder,
> Se não só no que menos sabe e sente,
> Em quem nenhum desejo pode haver.

---

[1] «O sábio (diz o provérbio) dominará as Estrelas: é vencedor da Fortuna, disse Juvenal». António de Sousa de Macedo, *Domínio sobre a Fortuna*, cap. X, ed. de 1682.

Pertencem estes fragmentos a umas oitavas da «Lírica». A canção da sua vida, e que verdadeiramente se pode chamar a *canção do horóscopo*, por ser este o assunto predominante e essencial, inicia-se por uma espécie de intróito, e desta forma:

Vinde cá, meu tão certo secretário
Dos queixumes que sempre ando fazendo,
Papel, com que a pena desafogo.
As sem-razões digamos que, vivendo,
Me faz o *inexorável e contrário*
Destino, surdo a lágrimas e a rogo.
Lancemos água pouca em muito fogo,
Acenda-se com gritos um tormento
Que a todas as idades seja estranho...

Esta canção versa a predestinação infeliz pelos astros do seu nascimento.

O intróito termina:

Direi, enfim, aquilo que me ensinam
A ira e mágoa, e delas a lembrança
(Que outra dor é, por si, mais dura e firme).
Chegai, desesperados, para ouvir-me,
E fujam os que vivem de esperança
Ou aqueles que nela se imaginam,
Porque «Amor» e «Fortuna» determinam
De lhes deixar poder para entenderem
À medida dos males que tiverem.

O horóscopo da *Fortuna* de Camões é relativo à noite de 23 de Janeiro de 1524 e o seu horóscopo do *Amor* relativo ao começo da noite de 11 de Abril de 1544, sexta-feira maior. Num e noutro tinha a Lua a mesma má posição: a Lua em Casa XII:

No *Amor*, que é composto de tristeza,
Na *Fortuna*, que acheis mais agradável...
Nela e nêle achei sempre a mesma Lua,
Em quem nunca se viu outra firmeza
Que não seja a de ser sempre mudável...

CAPÍTULO III

Preliminares astrológicos, casas e signos

O ZODÍACO é a larga cinta do Céu por onde andam os planetas. O trilho do Sol é a linha média e denomina-se *eclíptica*. Os planetas, caminhando com as suas velocidades peculiares, aqui se encontram, ali se afastam, e ora para um lado, ora para outro da eclíptica.

Nas conjunções encontram-se ombro a ombro, embora conservem, entre si, uma certa distância lateral, que é a diferença de *latitude* celeste.

O observador, colocado na Terra com as costas viradas para o Norte e olhando o Sul, tem à sua esquerda o Nascente e à sua direita o Poente.

Vê o Sol, a Lua e mais planetas no seu trilho contínuo de Leste a Oeste.

Mas esse caminhar de Leste a Oeste é aparente, dado o movimento de rotação da Terra no sentido contrário, isto é, de Oeste para Leste.

Na realidade, o Sol, a Lua e mais planetas andam no mesmo sentido da rotação da Terra, ou, seja, de Ocidente para Oriente. Andam, como o Sol, pelo Zodíaco, de constelação em constelação, uns mais vagarosos, outros mais acelerados, mas cada um sempre com o seu «passo» ou avanço diário. Desta certeza dos «passos» dos planetas resulta a possibilidade do cálculo das suas posições zodiacais em qualquer momento e de qualquer século.

Dividiu-se o Zodíaco em doze *signos*, ou, antes, a esfera celeste em doze gomos. Mas, para o caso, só nos importam as

partes desses gomos, compreendidas no Zodíaco. O gomo completo vai de polo a polo da esfera celeste *(fig. 3)*.

Enquanto os planetas mais morosos dão uma volta aos doze signos, dão os mais velozes duas, três e até dezenas delas. Saturno faz a volta completa em 30 anos, a Lua em 30 dias. Para este cômputo considere-se a Terra fixa no centro do Universo.

O Sol dá a volta aos 360 graus do Zodíaco em 365 dias; o seu «passo» é, pois, aproximadamente um grau por dia. O Sol avança um signo por mês.

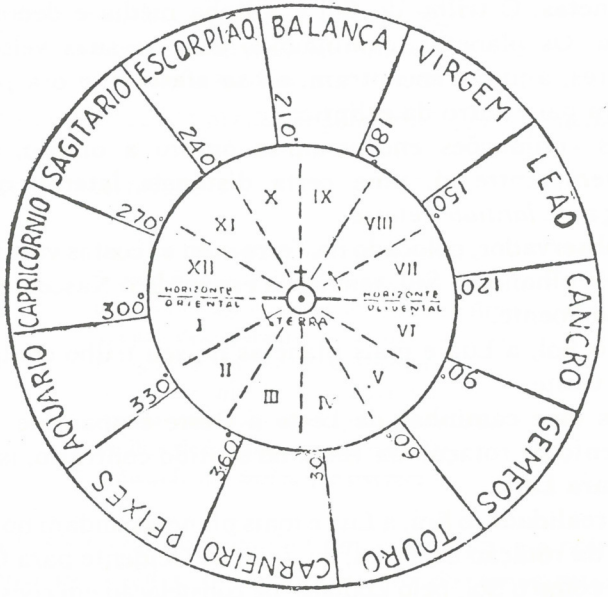


Fig. 3. — A Terra, representada por um círculo encimado por uma cruz, encontra-se no centro do Universo, e todo o Céu, dividido em doze secções (os *signos*), a envolve. O observador volta as costas ao Norte e olha o Sul, tendo à sua esquerda o horizonte oriental e à sua direita o ocidental. Com o movimento da Terra em torno do seu próprio eixo (considere-se apenas com este movimento e sem o de translacção) o horizonte oriental vai baixando ao longo dos signos e elevando-se o ocidental. Em 24 horas perpassam os dois horizontes por todos os signos. O astrólogo procura saber que signo se encontrava no horizonte oriental quando a pessoa nasceu. Cada signo perdura aí duas horas. É ao exame deste signo que se chama horóscopo (inspecção da *hora*)

Júpiter faz o Zodíaco em 12 anos; um signo em um ano, aproximadamente.

Marte leva dois anos a dar a volta ao Zodíaco; etc.

Se a Terra sustasse, por encanto, o seu movimento em torno do próprio eixo, assistiríamos a um espectáculo, já não aparente, mas verdadeiro, do Céu: veríamos os planetas levantarem-se do lado ocidental e mergulharem no oriental. O Sol dar-nos-ia um dia de seis meses e noite de seis meses, e o seu actual Nascente passaria a ser o Poente. Saturno erguer-se-ia no nosso Ocidente para se demorar à vista 15 anos; os outros 15 passá-los-ia por debaixo da Terra. A Lua demorar-se-ia por cima 15 dias e por baixo outros 15.

Cada signo, ou, seja, cada uma das doze divisões do Céu, ou cada um dos doze gomos, abrange infindo número de estrelas fixas, com algumas constelações características. A cada signo se deu determinado nome, segundo o seu carácter astrológico, e, por sua vez, este nome foi dado à constelação mais característica dele.

Mas, dado o fenómeno chamado a *Precessão dos Equinócios*, vão estas constelações saindo fora dos seus signos e desviando-se deles. Todavia, este deslocamento é lentíssimo apenas perceptível em centenas de anos.

Considera-se o Sol iniciando a sua viagem anual no 0 grau do signo de Carneiro, ou *ponto vernal*. Todos os dias aumenta de um grau a sua *longitude* celeste, a qual é a distância a este ponto vernal. Leva um mês a percorrer o signo de *Carneiro*, ou Áries, primeiro mês astrológico. Entra nele a 21 de Março e sai a 19 de Abril, actualmente. A partir de 21 de Março, em que o dia é rigorosamente igual à noite, vão os dias crescendo.

De 19 de Abril a 20 de Maio, em que o Sol percorre o signo do *Touro*, é o segundo mês astrológico.

De 20 de Maio a 21 de Junho, o terceiro mês, o de *Gémeos*.

Aqui, os dias, que sempre foram crescendo, começam a

diminuir. Por esta mudança de sentido se deu ao signo que segue o nome de *Caranguejo* ou *Cancro*, ou *Câncer*.

O Cancro vai de 21 de Junho a 22 de Julho. É o quarto mês.

De 22 de Julho a 23 de Agosto é o quinto mês e percorre o Sol o signo de *Leão*. É o mês do calor e, por isso, é este signo o «domicílio» astrológico do Sol.

Segue-se o sexto mês, o da *Virgem* — símbolo da esterilidade da terra e preparação de futuras fecundidades. Vai de 23 de Agosto a 23 de Setembro: novo Equinócio, o do Outono.

Em 23 de Setembro o dia é, outra vez, igual à noite; por isso, o nome do signo que aí começa é o de *Balança* ou Libra. Percorre-o o Sol até 24 de Outubro: é o sétimo mês.

De 24 de Outubro a 22 de Novembro percorre o Sol o signo de *Escorpião* — o signo verminoso, o dos animais peçonhentos, da terra, e que então se entumescem com as águas primeiras. É o oitavo mês, o da morte.

De 22 de Novembro a 22 de Dezembro é o mês eléctrico, dos coriscos, relâmpagos e trovões. Percorre o Sol o signo de *Sagitário*, domicílio de Júpiter tonante — o muito digno, e muito soberbo senhor e planeta. É o nono mês.

De 22 de Dezembro a 20 de Janeiro percorre o Sol o signo de *Capricórnio;* é, então, o décimo mês astrológico. É o signo do demónio, «domicílio» do triste Saturno, senhor da Terra. O seu símbolo é a serpente, ou dragão.

De 20 de Janeiro a 19 de Fevereiro anda o Sol no signo do *Aquário*, e é o décimo primeiro mês.

De 19 de Fevereiro a 20 de Março, último dia do ano, é o mês da proliferação dos peixes. Percorre o Sol o signo dos *Peixes*, ou de Pisces.

Frequente é o erro de supor os signos determinadas porções de tempo, ou do ano, e sempre as mesmas. Por exemplo: que seja o Aquário o intervalo de tempo de 20 de Janeiro a 19 de Fevereiro... Ora o signo não é porção de tempo sideral, percorrido, todos os anos, pelo Sol em determinada época, mas deter-

minado espaço do Zodíaco, que os outros «planetas» já percorrem em épocas várias.

(O Sol, como a Lua, eram chamados «planetas», «estrelas móveis»).

A Lua todos os meses percorre os doze signos do Zodíaco, demorando dois dias e meio em cada um. Apenas o Sol entra, em cada signo, em determinado dia do ano e noutro determinado dia sai.

O ano astrológico era, outrora, o ano civil. Ainda nos fins do século XV se usava deste cômputo em Portugal. A entrada do ano fazia-se em Março, no Equinócio da Primavera. Então se celebrava a passagem do ano com o festejo da *serração da Velha*, ou, seja, a serração do *Tempo*, pois que a Velha era o Tempo, era o ano. Sempre Saturno, o deus Crono, era o *Velho*.

Camões, referindo-se a Saturno, diz, nos «Lusíadas»: «... *o Velho* que os filhos próprios come».

«Arco da Velha» é expressão popular equivalente a «Arco do Templo»; é o «Arco Íris».

Março era o 1.º mês do ano. Daí, ainda, os nomes: Setembro (7.º mês), Outubro (8.º), Novembro (9.º), Dezembro (10.º).

Aproximemo-nos da astrologia propriamente dita, a *Judicatura*.

Os planetas viajam de signo em signo, cada um com o seu «passo» peculiar. E nuns ganham força, noutros a perdem, noutros se exaltam, noutros se conservam indiferentes. Conforme a *força* ou *debilidade* adquiridas aí, assim as suas influições benignas ou malignas. As qualidades astrológicas são exaltadas ou amortecidas, são vivas ou mortas, consoante o signo em que se encontrem.

Assim, os planetas, ora estão nos seus «domicílios» (de que são os «senhores»), ora nas «exaltações»; e, tanto num, como noutro caso, se dizem *dignificados*.

Ora estão nos seus «exílios» (signos opostos), ora nas suas «caídas» ou «quedas»; e tanto num como noutro caso se dizem *debilitados:* aqui perdem todas as «dignidades».

Sol e Lua têm, cada um, o seu «domicílio». Os outros planetas têm dois cada um *(tábua I)*.

Agora, outro ponto importante: o das chamadas *Casas astrológicas*.

TÁBUA DAS DIGNIDADES E DEBILIDADES

Planetas	Dignidades			Debilidades		
	Domicílios		Exaltação	Exílios		Queda
	Diurno	Noturno				
Saturno ♄	Aquário ♒	Capricórnio ♑	Balança ♎	Leão ♌	Cancro ♋	Carneiro ♈
Júpiter ♃	Sagitário ♐	Peixes ♓	Cancro ♋	Gémeos ♊	Virgem ♍	Capricórnio ♑
Marte ♂	Carneiro ♈	Escorpião ♏	Capricórnio ♑	Balança ♎	Touro ♉	Cancro ♋
Sol ☉	Leão ♌	Leão ♌	Carneiro ♈	Aquário ♒	Aquário ♒	Balança ♎
Venus ♀	Balança ♎	Touro ♉	Peixes ♓	Carneiro ♈	Escorpião ♏	Virgem ♍
Mercúrio ☿	Gémeos ♊	Virgem ♍	Virgem ♍	Sagitário ♐	Peixes ♓	Peixes ♓
Lua ☽	Cancro ♋	Cancro ♋	Touro ♉	Capricórnio ♑	Capricórnio ♑	Escorpião ♏

Em cada ponto da Terra a vista do homem estabelece um horizonte, que se vai deslocando ao longo dos signos, considerados fixos *(fig. 3)*.

O horizonte é a intercepção do plano em que a pessoa se encontra, com a esfera celeste. Divide esta em dois hemisférios: um visível, por cima; outro invisível, por baixo.

A parte oriental do horizonte projecta-se nos signos e vai baixando, continuamente, ao longo destes. A parte ocidental vai-se simultaneamente erguendo ao longo dos opostos.

O plano de vista, ou plano de Terra do observador projecta o seu Oriente em determinado signo, num dado momento. Pouco depois projecta-o no signo imediato. Em média, percorre cada signo em duas horas. Nas 24 horas do dia passa o horizonte por todos os signos e volta ao início. O considerado primeiro signo do Zodíaco é o Carneiro. O segundo o Touro, o terceiro o Gémeos, etc.

Mas, como disse, nós temos a ilusão de que são os signos e constelações que ascendem e não o nosso horizonte que baixa ao longo deles.

O signo em que o horizonte oriental se projecta, no momento do nascimento de alguém, é o que mais interessa aos astrólogos. Chamam-lhe o *signo do Ascendente* ou da *Casa I*. É o signo que está a nascer. Ao que nasce depois dele, ou, seja, ao imediato, chamam-lhe o signo da Casa II. Supondo que a ascensão ê regular, o signo logo a seguir é o da Casa III; depois o da Casa IV; e assim por diante até ao da Casa XII, pois que 12 são as *Casas astrológicas*. Cada Casa marca, *em média*, 30º do Zodíaco. A Casa I, ou Ascendente, é os primeiros 30º abaixo do horizonte oriental. A Casa II, é, *em média*, os 30º imediatos para baixo do horizonte; e assim por diante.

Digo *em média*, porque, sendo os *signos* secções iguais do Zodíaco, cada uma de 30 graus, as Casas variam algum tanto; pois que os signos ascendem uns mais rapidamente que outros e as Casas devem ser porções de tempo iguais. Portanto, umas Casas podem ter maior número de graus do Zodíaco que outras,

mas sempre, cada uma, leva duas horas certas a ascender no horizonte.

Esta desigualdade de velocidade dos signos é função da era, dia, mês e hora; pois depende do movimento de translação da terra, da latitude geográfica e do grau de precessão dos Equinócios.

Ora o carácter da pessoa nascente assinala-o o signo do Ascendente, o planeta que dele é senhor e o que nele tem «exaltação», etc.

É signo do Ascendente aquele em que se projecta o 1.º grau da Casa ou Ascedente (contanto que não se projecte, este 1.º grau, além do grau 25 do signo, pois que então será signo do Ascendente o imediato).

Pelo signo e planetas que dominam o Ascendente ou Casa I, se faz a *instituição* da pessoa; se lhe confere e se lhe define carácter.

Na Casa II, a imediata, se faz a prognosticação geral dos ganhos e perdas materiais.

Todas as Casas, excepção da I, a da instituição da índole, são relativas à prognosticação.

Por exemplo: a VII diz dos casamentos; a VIII diz de heranças e género de morte; a X do predomínio; a XI dos amigos; a XII é o inferno do horóscopo: graves doenças, cárceres, inimigos secretos...

CAPÍTULO IV

As triplicidades dos elementos

OS quatro Elementos são: Fogo, Terra, Ar e Água.

Cada um dos signos do Zodíaco participa da natureza dum destes quatro elementos. Assim:

Carneiro, Leão, Sagitário, formam a triplicidade do *Fogo.*
Touro, Virgem, Capricórnio, a triplicidade da *Terra.*
Gémeos, Balança, Aquário, a triplicidade do *Ar.*
Cancro, Escorpião, Peixes, a triplicidade da *Água.*

Esquema:

Os três signos de Fogo são *quentes* e *secos.*
Os três signos de Terra são *frios* e *secos.*
Os três signos de Ar são *quentes* e *húmidos.*
Os três signos de Água são *húmidos* e *frios.*

Paralelamente os planetas participam desta mesma confecção elemental. Assim [1]:

Sol e Marte são *quentes* e *secos.*
Saturno e Mercúrio são *frios* e *secos.*
Júpiter é *quente* e *húmido.*
Lua e Vénus são *húmidos* e *frios.*

Daqui resulta:

Sol e Marte dominarem *Fogo.*
Saturno e Mercúrio dominarem *Terra.*
Júpiter dominar o *Ar.*
Lua e Vénus dominarem *Água.*

---

[1] Valentim Fernandes, *Reportório dos Tempos.*

Saturno tem «domicílios» em Capricórnio (signo de Terra) e em Aquário (signo de Ar); é *seco* e *frio*. Assim, é ele contrário à humana compleição, que se define por *húmida e quente*. Por tal motivo, é Saturno o pior dos planetas, o mais maligno; recebeu o nome de *Infortuna Maior*.

Húmido e quente é, por exemplo, Júpiter, cujos «domicílios» são Peixes (signo de Água) e Sagitário (signo de Fogo). É absolutamente conforme à natureza humana, é a *Fortuna Maior*.

Malignos são, por compleição, Saturno e Marte. Saturno é o rei da malignidade: é a pior Fortuna.

Hoje, a palavra «fortuna» anda, mais ou menos, equivocada com a significação de «felicidade». Outrora não era assim. Era um termo comum, com as duas acepções, e em que, por vezes, a pior a caracterizava.

«... e contra a força, a velhice; e contra a privança, inveja; e *contra a riqueza, fortuna...*» [1].

É, pois, certo que, para Gil Vicente e os portugueses do seu tempo, ter riqueza não era ter fortuna. Mas, à riqueza se chamava «bens da Fortuna» [2].

A Fortuna era a Estrela, ou *Sorte;* porque «sorte» também é um termo astrológico, significando o signo que sai.

Fortuna era sinónimo de *Estrela forte*. Eram as Estrelas fortes dos horóscopos; mas o almutem tinha, por excelência, esse nome.

---

[1] É duma carta de Gil Vicente ao rei D. João III. Fazia-se, de facto, a destrinça: «Era nome comum da Próspera e da Adversa; por isso à Próspera ajuntavam o epíteto de *fors* ou *fortis*... Muitas vezes só a palavra *Fors*, tomada em substantivo, sem se ajuntar *Fortuna*, significava feliz». (António de Sousa de Macedo, *Domínio sobre a Fortuna*, cap. I, ed. de 1682).

Todavia, o termo *forte* tinha, primitivamente, o significado de *duro, infeliz*. Assim, em Camões, as expressões: *forte Estrela, forte hora*, etc.

[2] Esta expressão «bens da Fortuna» pode ler-se, por exemplo, no ms. 145, F. g., da Bibl. Nac., fl. 413 v. Ano de 1706(?). É acerca de Camões.

Qualquer dos sete planetas (incluídos neste número Sol e Lua, os dois *luminares*) podia ser a Fortuna dum horóscopo.

Especialmente se deu nome de *horóscopo da Fortuna* ao do nascimento de alguém.

Os tratadistas consideravam as seguintes Fortunas:

Lua, Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno. Naquele tempo não se conheciam, ainda, Urano e Neptuno.

As más Fortunas eram Saturno e Marte, às quais se deu nome de *Infortunas;* respectivamente, *Infortuna Maior* e *Infortuna Menor;* Primeira Infortuna, Segunda Infortuna.

As restantes não seriam boas, nem más, mas podiam causar o bem ou o mal, conforme estivessem bem ou *mal* aspectadas por aquelas. Estando em mau «aspecto» ou «debilitadas», não seriam, ainda assim, infortunas, mas *infortunadas* ou *débeis.*

Era o caso de Júpiter no horóscopo de Camões.

CAPÍTULO V

Dignidades essenciais e acidentais

OS planetas, consoante a sua posição no Zodíaco, em dado momento, adquirem ou perdem dignidades, tornam-se benignos ou malignos. Assim ganham ou perdem o que os astrólogos chamam dignidades *acidentais*. Estas, como o nome está dizendo, correspondem à acção directa, isto é, às posições de facto, dos planetas, nos graus zodiacais, quer em absoluto, quer relativamente ao horizonte desse momento.

Chamam-se acidentais por dependerem das posições sempre variáveis dos planetas.

Independentemente destas dignidades continuamente variáveis, possuem os planetas dignidades constantes, consignadas perpetuamente, a cada um, certas regiões ou partes do Zodíaco — e onde sempre têm o mesmo grau de dignidade, quer estejam lá, quer não. Possuem, nesses pontos, o que se chama dignidades *essenciais*. Não se requer a posição do planeta *em corpo* nos ditos lugares, mas sempre aí tem uma posição em espírito, em essência.

Modernamente, por abstracção semântica, os tratadores de astrologia fazem grande confusão entre uma e outra espécie de dignidades, quase conferindo às *essenciais* a ideia fundamental de posição de facto. De certo modo, têm invertido os significados.

Primeiramente, dividiram, os astrólogos, a roda do Zodíaco em 12 secções iguais, de 30 graus cada uma, chamadas os *signos*, e acharam que cada planeta possuía um singular império, ou similaridade de índole com cada uma dessas secções. Portanto, ficou cada signo sob o domínio de determinado planeta que, por

isso, tem nele a *dignidade essencial* denominada «domicílio» ou «casa» — a qual se reputa em cinco valores ou «dignidades».

Seguidamente, alguns planetas, além de possuirem os seus «domicílios» em determinados signos, vão possuir noutros uma outra espécie de dignidade chamada «exaltação», da qual auferem quatro valores ou «dignidades». Assim, pode o mesmo signo ser domicílio dum planeta e exaltação doutro.

Vem, depois, a dignidade do «triângulo», podendo possuí-la um ou mais planetas (até três) no mesmo signo. O triângulo vale três dignidades.

Dest'arte, pode o mesmo signo ser: domicílio dum planeta, exaltação do mesmo ou doutro, ou de nenhum, e triângulo do mesmo, ou doutro, ou doutros. Se um planeta possuir no mesmo signo domicílio, exaltação e triângulo, possuirá três dignidades que se desdobram em: 5+4+3=12 dignidades.

Isto no que diz respeito ao signo inteiro. Mas os astrólogos dividiram, ainda, cada um em cinco secções desiguais, com variado número de graus, e, cada secção, a que chamaram «término», ou «termo», foi consignada ao domínio especial dum planeta que, dele, aufere duas dignidades. Há, por último, a dignidade dos «décanos», ou «faces», que é uma outra divisão dos signos em três secções iguais, de 10 graus cada uma, sujeita ao domínio dum planeta, o qual vale aí uma dignidade.

Se num mesmo grau, ou *parte*, do Zodíaco, pudesse um planeta possuir, simultaneamente: domicílio, exaltação, triângulo, término e décano, o seu valor em dignidades subiria a quinze. Tal não sucede, porque nenhum planeta possue no mesmo signo domicílio e exaltação, simultaneamente.

Diz-se que um planeta está nalguma das suas dignidades essenciais — domicílio, exaltação, triângulo, término, décano — não quando, de facto, aí esteja, mas quando a região do Zodíaco em que ele possue essas dignidades se encontre conjugada com a linha do horizonte oriental, ou com o grau do Zodíaco em que se encontra o Sol, ou a Lua, ou o grau do Zodíaco em que houve a

conjunção dos dois luminares (ou a sua oposição) imediatamente anterior ao momento do nascimento da pessoa (se de nascimento se trata); ou o grau do Zodíaco que se denomina a *Parte da Fortuna.*

Estar o planeta nalguma dignidade essencial não é estar lá, em corpo, mas em espírito.

No capítulo 29 da obra *Thesouro de Prudentes* (ed. 1612), por Cardoso de Sequeira, onde diz dos planetas principais num horóscopo, lê-se:

«E segundo as influências destes (planetas) fazerem maior força no juízo da figura, suposto que atrás fiquem relatados os termos das *Dignidades* principais, advertimos que as dignidades principais e *essenciais* são cinco, das quais nascem quinze».

«A primeira é estar o Planeta em sua *casa* (seu domicílio), no qual lugar adquire cinco *dignidades* (cinco valores). A segunda Dignidade é estar o planeta em sua *exaltação,* no qual lugar adquire quatro *dignidades.* A terceira é estar o planeta no *triângulo* diurno, ou nocturno, em o qual é dado por Senhor, e neste adquire três *dignidades.* A quarta é estar em algum dos *términos,* que nos signos lhe são dados, e nestes adquire duas *dignidades.* A quinta é estar o Planeta no *décano* do signo, que lhe é dado, ou ser o mesmo décano ascendente no tempo do nascimento, no qual adquire uma *dignidade*». *(Fig. 4).*

O autor apresenta as tábuas das «dignidades» essenciais, segundo Ptolomeu, Alquebicio, Júlio Firmico, el-rei D. Afonso o Sábio, e outros antigos, dizendo:

«para que, pelas dignidades essenciais, nas tábuas seguintes relatadas, se possa escolher qual seja o Planeta, que por razão das dignidades, fique sendo o Senhor e dominador da figura, segundo a declaração que desta matéria atrás fica escrita».

Tábua dos «domicílios», onde os planetas ganham cinco dignidades e onde são governantes ou senhores:

Sol	tem domicílio em	*Leão*
Lua	» » »	*Cancro*

Saturno	»	»	»	*Capricórnio e Aquário*
Júpiter	»	»	»	*Sagitário* e *Peixes*
Marte	»	»	»	*Escorpião* e *Carneiro*
Vénus	»	»	»	*Balança* e *Touro*
Mercúrio	»	»	»	*Virgem* e *Gémeos*

Estando os planetas nos signos opostos a estes perdem as cinco dignidades, mas têm cinco debilidades, por estarem em seu *detrimento* (exílio).

Tábua das «exaltações», onde adquirem quatro dignidades:

Sol	tem exaltação		em	*Carneiro*
Lua	»	»	»	*Touro*
Saturno	»	»	»	*Balança*
Júpiter	»	»	»	*Cancro*
Marte	»	»	»	*Capricórnio*
Vénus	»	»	»	*Peixes*
Mercúrio	»	»	»	*Virgem*

Nos signos opostos perdem as quatro dignidades, estão em *caída* ou *queda*, e têm quatro debilidades.

Ainda, cada planeta tem especial domínio em três vértices dum triângulo equilátero inscrito na figura circular do Zodíaco. Um dos vértices coincide com o «domicílio». Assim, Saturno, com domicílio diurno em Aquário, tem triângulo em Aquário, Balança e Gémeos: em cada um destes signos, distanciados entre si 120º, possue Saturno um império de três dignidades. E assim para cada planeta, havendo alguns com triângulos diurno e nocturno.

Traz, ainda, as tabelas dos términos e dos décanos — o que tudo pode ver-se no esquema que apresento *(fig. 4)*.

Com respeito a *dignidades acidentais*, diz o autor:

«Juntamente são necessárias, também, as dignidades aciden-

tais, das quais a primeira é estar o Planeta em sua condição, que se diz quando o Planeta está no signo diurno masculino, e sendo a figura de dia, e estarem os ditos signos e Planetas sobre a Terra na hora do tal nascimento, *id est*, por cima do Horizonte, desde Oriente ao Ocidente. Outra Dignidade acidental é que o Planeta

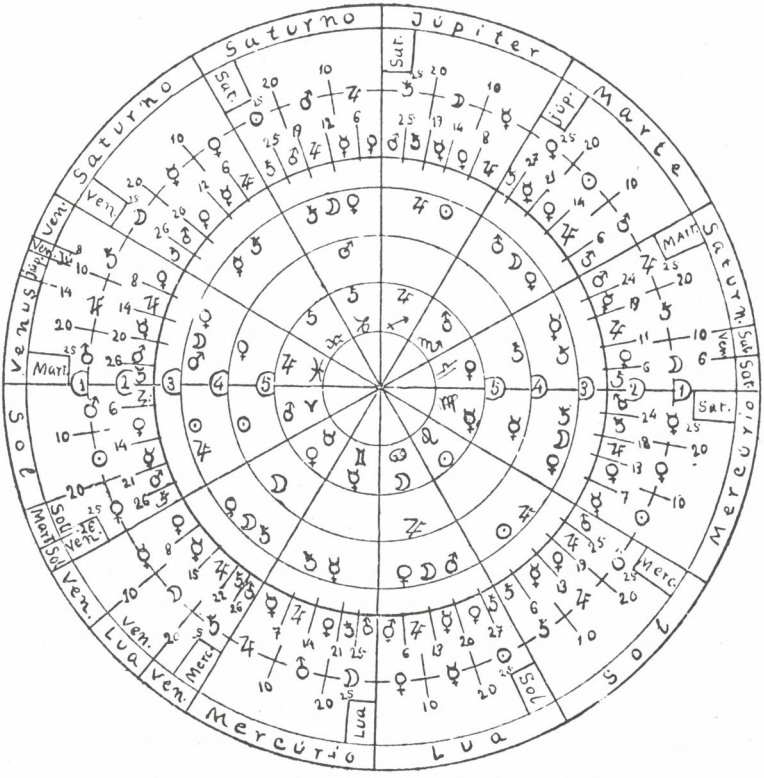


Fig. 4. — Para achar as «Estrelas» dos horóscopos. Esquema das «dignidades essenciais» dos planetas e do predomínio resultante, em qualquer grau do Zodíaco. No círculo mais pequeno estão inscritos os *signos*. Os doze sectores são os doze signos interceptando vários círculos, a começar pelo dos *domicílios*, em que o planeta ganha cinco dignidades. Segue-se o das *exaltações*, com quatro dignidades; o dos *triângulos*, com três dignidades; o dos *termos*, com duas dignidades; o dos *décanos*, com uma dignidade. Da resultante das somas em cada grau tira-se o predomínio dum planeta. Os resultados vão inscritos no último círculo. Nos últimos cinco graus dum signo marca-se o predomínio, tendo em consideração apenas *termo e décano* desse signo, e *domicílio, exaltação e triângulo*, do seguinte.

esteja em Casa Cardinal (I, IV, VII, X), ou Sucedente (II, V, VIII, XI), ou tenha bom *aspecto* com algum Planeta benéfico. E não esteja em sua *caída* (queda), ou *detrimento* (exílio), nem *feroz*, «id est», de maus aspectos; nem combusto debaixo dos raios do Sol. E porque destas coisas há vários autores, que sobre elas prognosticam, não há para que gastar tempo em as julgar. Ainda que alguns modernos tomam por *Juiz da Figura* o Planeta Senhor da hora e por limitador da vida ao signo Ascendente, como diz Hierónimo Cortes, no seu *Lunário*, que intitula *Perpétuo*, e por participante ao Planeta Senhor da noite, ou dia, cuja regra poucos guardam».

Ainda acerca das *dignidades acidentais:*

«Uma delas é o Planeta estar em Casa Cardinal (I, IV, VII, X), ou Sucedente, ou tenha bom *aspecto* com os Planetas benéficos, e não estando em seu detrimento, ou caída, nem feral, nem combusto, nem retrógrado, nem tardo, porque *os Planetas por causa destas Dignidades acidentais e essenciais, se chamam fortes ou fortunados*».

Diz mais que, no caso contrário, se chamam *débeis* ou *infortunados.*

Dá por *combusto* o planeta que estiver debaixo dos «raios do Sol», zona marcada de 5 a 12 graus de distância deste astro. A menos de 5 graus, e até 16 minutos do centro ideal do Sol — o coração do Sol — considera-se não combusto; e de 16 minutos até ao centro do Sol considera-se fortalecido.

As dignidades *acidentais*, principais, são adquiridas pelos planetas com a sua presença efectiva, em corpo, nos signos onde possuem a sua presença em espírito, ou seja, onde possuem as suas dignidades *essenciais*. Assim, Júpiter, que no Sagitário possui dignidade essencial, será revestido de dignidade acidental quando aí se encontrar.

CAPÍTULO VI

Para achar a Estrela

OS *signos* são secções de espaço, iguais: cada um, 30 graus do Zodíaco. As *casas astrológicas* são secções de tempo, iguais, pois que os signos ascendem no horizonte, uns mais rapidamente que os outros, conforme as épocas e latitudes geográficas. Assim, nas *casas* se contém maior ou menor número de graus do Zodíaco. As doze *casas* dum horóscopo projectam-se em graus diferentes dos doze signos *(figuras 13 a 19)*.

Uma casa é dominada pelo signo em que se projecta o 1.º grau da casa. Este 1.º grau chama-se cúspide ou ponta da dita casa.

Como cada signo tem por senhor um planeta, este mesmo será o senhor da casa de que o seu signo é senhor. Assim é, desde que a cúspide da casa se projecte do grau 1 ao grau 25, exclusivé, do signo. Desde que se projecte do 25 ao 30, já será senhor da casa o planeta que tem «domicílio» no signo imediato.

Para que isto assim suceda, não é necessária a presença do dito planeta nesse lugar; basta considerar a secção do Zodíaco em que ele tem seu domínio.

O planeta que num dado signo tem «domicílio» nem sempre é o que aí tem maior domínio. Este será o que nele tiver maior número de «dignidades». Por isso, os valores ou dignidades que possuírem em cada signo são somados e assim se verificará qual é o que aí possue mais dignidades. Este será o dominador ou vencedor, também chamado *almutem*. E o almutem do signo, será o da casa que este domina, quando a cúspide da casa se projecte até ao grau 25 do signo; porque se for além, será almutem da dita casa o do signo imediato.

Para a verificação rápida das dignidades que os planetas possuem em cada signo, veja-se o esquema junto *(fig. 4)*, no qual, sobre o círculo mais pequeno, se inscrevem os hieroglifos dos doze signos correspondentes aos doze sectores da figura. O 2.º círculo contém a indicação dos planetas que nos signos possuem «domicílio» e onde auferem cinco dignidades; o 3.º círculo é o das «exaltações», correspondente a quatro dignidades; o 4.º é o dos «triângulos». O 5.º círculo encerra a divisão de cada signo em secções desiguais, chamados «termos», regido cada um por seu planeta; o 6.º círculo, em que cada signo é subdividido em três secções iguais (de 10 graus cada secção) denominadas «décanos» ou «faces», marca os planetas que aí dominam, usufruindo uma dignidade.

O dominador ou vencedor é, como disse, o planeta que tiver mais dignidades essenciais no 1.º grau da casa astrológica em questão. Se este primeiro grau, ou cúspide, estiver até ao grau 25 do signo, levam-se em conta, para a definição do vencedor, as dignidades de domicílio (cinco), exaltação (4), triângulo (três), término (dois), décano (um). Se acaso passar do grau 25, apenas se levam em conta o termo (dois) e décano (um). O domicílio, exaltação e triângulo serão do signo seguinte.

Cada uma das doze *casas astrológicas* possue o seu *Senhor* e o seu vencedor ou *almutem*. O mesmo planeta pode cumular as duas funções.

A casa principal dum horóscopo é a I ou Ascendente; e o seu vencedor é o Almutem principal das casas.

Mas, além das cúspides ou pontas das casas, ainda há outros pontos nevrálgicos a considerar na roda do Zodíaco. Há, por exemplo, cinco partes (ou graus) no Zodíaco quando se trate de definir o planeta ou «Estrela» principal do tema. Investiga-se, então, nesses cinco pontos, o planeta mais dignificado em cada um, e entre eles escolhe-se, ainda, o mais dignificado, sempre *essencialmente*, bem entendido. No caso de empate recorre-se, então, às dignidades *acidentais* dos planetas empatados.

Leia-se o que escreveu o matemático, dos séculos XVI e XVII, Cardoso de Sequeira, no seu livro *Thesouro de prudentes* (edição de 1612):

«*Cap. 29. De algumas anotações necessárias aos nascimentos.*

«Juntino, e os mais que tratam de nascimentos, dão por Senhor da figura de nascimento ao Planeta que naquela hora tiver mais dignidades essenciais, e o segundo em dignidades dão por limitador dos anos de vida, e ao terceiro em dignidades fazem participante na figura, aos quais chamam *Almutem, Alcocodem, Ilec.*»

Convém ter sempre presente a seguinte classificação do *Thesouro*, fl. 132 v.:

«... Horóscopo é o mesmo que nascimento. Almutem é o mesmo que Juíz, ou Senhor da Figura. Alcocodem é o mesmo que prognosticador dos anos de vida. Hilec é o mesmo que participante da figura.»

Agora, da mesma obra, Livro IV, Trat. IV, cap. 16:

«*De como se há-de achar o Senhor do Nascimento.*

«Em qualquer nascimento se notam cinco lugares principais, e são: horóscopo ou Ascendente, Sol, Lua, Parte da Fortuna e a conjunção do Sol com a Lua ou oposição deles que precedeu ao nascimento, convém a saber, a primeira que passou quando foi nascimento. Os quatro primeiros lugares são certíssimos sem dúvida, o lugar da oposição se toma por lugar do luminar que estiver sobre a terra, ou se na oposição um dos luminares estiver no Oriente, se escolherá; e buscaremos nestes cinco lugares o Planeta que tiver mais dignidades essenciais, e aquele cujas dignidades sobrepujarem pelos outros, e nas dignidades acidentais do mesmo, este se escolherá por Senhor do nascimento.»

A *Parte da Fortuna* encontra-se assim: soma-se à longitude do ponto em que se projecta no Zodíaco o horizonte oriental (o Ascendente) a longitude da Lua, e subtrai-se da soma a longitude do Sol. O resultado dará o signo e o grau da *Parte da Fortuna*.

Procura-se, então, saber qual o planeta mais forte em cada

uma daquelas cinco partes: *a) o do signo e grau em que estiver o* horizonte oriental; *b)* o do signo e grau em que estiver o Sol; *c)* o do signo e grau em que estiver a Lua; *d)* o do signo e grau que é a Parte da Fortuna; *e)* o do signo e grau em que se deu a conjunção, ou oposição, dos dois luminares (Sol e Lua) imediatamente anterior ao nascimento. Tratando-se da oposição, há dois lugares a escolher, e então se prefere o do luminar que nesse horóscopo estiver sobre a Terra; e se estiverem os dois, prefere-se o que estiver ao lado oriental.

O planeta mais *forte* será a *Fortuna*, a Estrela. Chama-se forte em relação às dignidades essenciais, e não acidentais. Um planeta forte pode estar, em corpo, na sua própria *caída*.

Alguns astrólogos do século XVI não curavam destes cinco lugares, mas apenas se ocupavam da posição do Ascendente (horizonte oriental). Nesse ponto o planeta mais forte seria o Almutem ou Estrela, o 2.º em dignidade o Alcocodem.

O 3.º planeta, o Ilec, e que deveria corresponder à dignidade «triângulo», já não o buscavam no Ascendente, nem mesmo nesta dignidade. Pois diz Cardoso:

«E suposto que neste último Tratado, Capítulo XII, na resolução das triplicidades dos triângulos, temos dito não haver «participante» (hilec), todavia usaremos da tábua mais comum, que hoje se guarda, dando «participante», salvo no triângulo de Leo-Aries-Sagitário.»

Os dois planetas de *alta influição*, geralmente buscados no signo do Ascendente, ou sejam, Almutem e Alcocodem, eram o primeiro objectivo dos astrólogos.

Camões refere-se várias vezes aos seus dois planetas, e identifica-os com Saturno e Vénus.

No seu horóscopo *(figuras 10 e 12)* o signo do Ascendente era a Balança, de que é Senhor ou Governante o planeta Vénus, e Almutem Saturno, por ser aí o mais forte. Pois Vénus possue nesse lugar (3º 29' de Balança) a dignidade domicílio, e Saturno aí possue exaltação, triângulo e término. Acresce que o Sol, ao

grau 13 de Aquário, está ainda em casa e triângulo de Saturno *(fig. 4)*.

O método por que se iniciava uma leitura de horóscopo tinha as regras seguintes:

1.º Saber o planeta que governava o signo do Ascendente. Este é o *instituidor* da índole, o *significador* da pessoa, o seu símbolo.

2.º Saber qual o mais dignificado nesse grau do signo em que se projecta o horizonte. Este era a Estrela, por excelência, a Fortuna.

3.º Saber em que *Casas astrológicas* se encontravam, nesse momento, estes dois planetas de alta influição.

4.º Saber em que signos se encontravam, etc.

Havendo muitas mais coisas a procurar num horóscopo, estas eram, todavia, aquelas pelas quais se iniciava a sua leitura.

Enfim, conhecer os dois planetas, almutem e alcocodem, saber em que Casas e signos se encontravam e os seus *aspectos*.

São chamados «aspectos» as longitudes que os planetas mantêm entre si.

É um bom «aspecto» o trino, isto é, a distância de 120 graus dum planeta ao outro.

São maus «aspectos» a quadratura (90º) e a oposição (180º).

O horóscopo de el-rei D. Sebastião apresentado por Lavanha no códice manuscrito *Relação de coisas que sucederam no tempo de el-rei D. Sebastião* [1] dá por «dispositor» ou alcocodem o Sol; por almutem Saturno.

Põe este comentário sob a figura (transcrevo do latim): «*Dispositor* o Sol, que está em casa e triângulo de Saturno;

[1] N.º 887 F. G. Biblioteca Nacional.

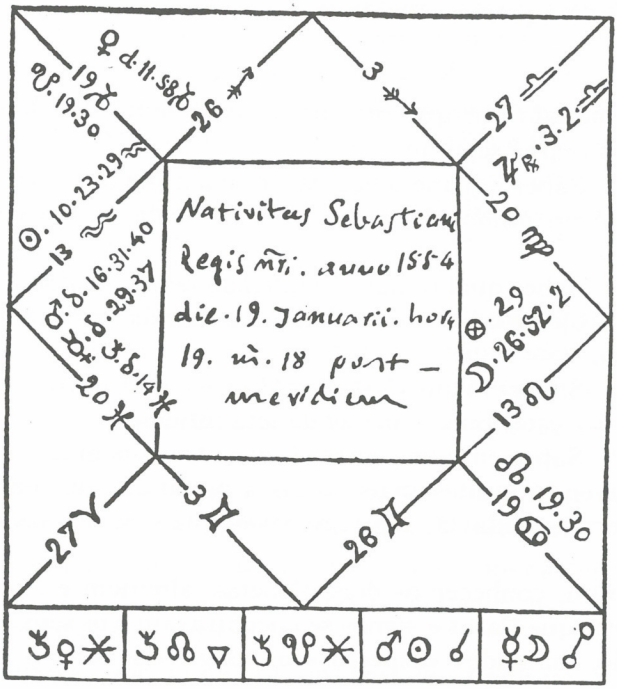


Fig. 5. — Horóscopo de nascimento, ou Fortuna, de el-rei D. Sebastião, apresentado por Lavanha no seu códice sobre as coisas deste rei. Nasceu a 20 de Janeiro de 1554, às 7 h. 16 m. antemanhã, alguns minutos depois do aparecimento do Sol no horizonte. Os seus dois planetas de alta influição são: Saturno e Sol. Pelos seus «aspectos» é este tema considerado astrologicamente infortunoso

ao dispositor também damos nome de Alchocodem, segundo Ptolomeu e Alquebício, etc.».

O códice é do século XVII, em plena hipótese de não ter morrido el-rei D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir; e, por isso, fazendo as contas da idade a que chegaria o rei, assina-lhe 48 anos... Isto é, fá-lo sobreviver à batalha!

D. Sebastião nasceu em 20 de Janeiro de 1554, às 7 horas e 18 minutos da manhã, alguns minutos depois do nascimento do Sol *(figuras 5 e 6)*.

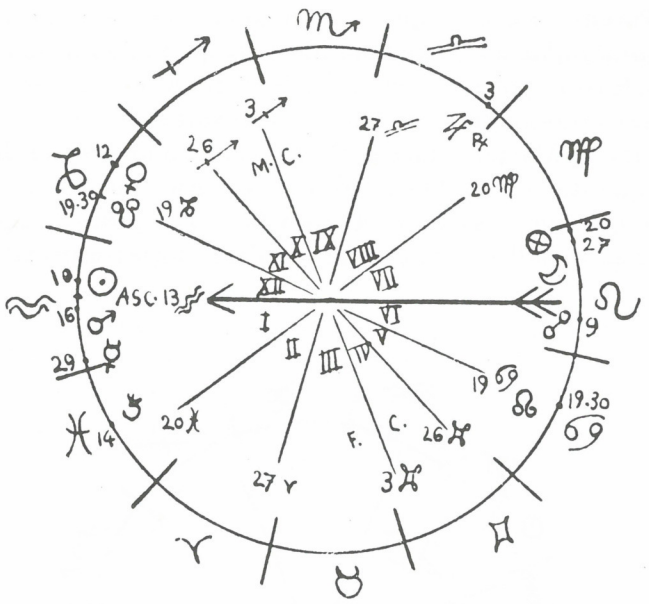


Fig. 6. — O mesmo horóscopo do nascimento de el-rei D. Sebastião (para as 7 h. 18 m. da manhã de 20 de Janeiro de 1554), apresentado pelo sistema circular, ao uso actual

Num horóscopo mais antigo, o do Infante de Sagres, o signo do Ascendente era o do Carneiro, e, portanto, o seu governante Marte. Se o Ascendente estiver entre os graus 21 e 25 deste signo, dá-se o empate entre Marte e Sol para a definição de Almutem *(fig. 4)*. O desempate far-se-ia pelas dignidades acidentais que nesse momento tinham os dois astros. Mas, enfim, eram Marte e Sol os dois planetas de alta influição *(fig. 7)*.

O Infante D. Henrique nasceu no Porto em 1394.

Traz este horóscopo Gomes Eanes de Zurara na sua «Crónica da Guiné», «*Capítulo VII, no qual se mostram cinco razões por que o Senhor Infante foi movido de mandar buscar as terras da Guinéa*».

À 5.ª razão diz:

«Porém vos quero aqui escrever como ainda, *por pungimento de natural influência*, este honrado príncipe se inclinava a estas coisas. E isto é porque o seu Ascendente foi Ariés (Carneiro), que é «casa» («domicílio») de Marte e é «exaltação» do Sol; e seu «senhor» (o Marte) está em a XI Casa, acompanhado do Sol. E porquanto o dito Marte foi em Aquário, que é «casa» de Saturno, e em Casa de esperança (a XI), significou que este Senhor se trabalhasse de conquistas altas e fortes, especialmente

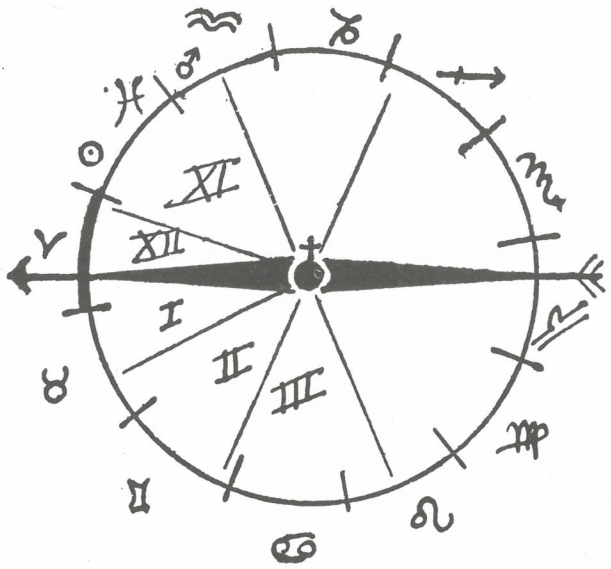


Fig. 7. — Para o horóscopo do Infante de Sagres: Ascendente em Carneiro, Sol e Marte em Casa XI, aquele em Peixes e este em Aquário

de buscar as coisas que eram cobertas aos outros homens, e secretas, segundo a qualidade de Saturno (planeta do oculto) [1],

[1] As expressões entre parêntesis pertencem-nos.

em cuja «casa» é. E por ser acompanhado do Sol, como disse, e o Sol ser em «casa» de Júpiter(isto é, em Peixes), significou todos seus trautos e conquistas serem lealmente feitas e a prazer de seu Rei e Senhor.»

Se o Infante nasceu em 1394, e esta descrição do seu horóscopo assenta em dados verdadeiros, nunca ele poderia ter nascido depois do mês de Fevereiro do dito ano, pois só nesse mês estiveram, simultaneamente, o Sol em Peixes e Marte em Aquário [1].

Pelo Ascendente em Carneiro e o Sol no signo contíguo a este, o de Peixes, foi o nascimento da parte da manhã, cerca do nascer do Sol. Mas pode precisar-se a hora e o minuto desde que se saiba a data ou outras posições astrais.

El-rei D. Manuel, nascido em 1 de Junho de 1469, tão *venturoso* foi, que pôde contar como estrela principal do horóscopo o planeta que os astrólogos denominaram *Fortuna Maior (fig. 13)*. Nasceu

> Quando Júpiter estava
> Em toda sua fortaleza,
> E seu grão poder reinava,
> E seu braço dominava
> Os cursos da natureza;

diz Gil Vicente no seu auto *Exortação da Guerra*.

Júpiter alcança o maior número das suas dignidades quando o Ascendente do nascimento se inscreva no signo do Sagitário até ao grau 8. Possue, nesse sector: domícilio, triângulo, término — 13 dignidades ao todo.

Note-se que o Júpiter, em corpo, está, neste horóscopo, ao grau 1 de Leão, onde apenas possue a dignidade «triângulo» *(fig. 4)*.

---

[1] Tábuas de Zacuto.

No horóscopo do embarque da Infanta D. Beatriz para Saboia (esta Infanta é a que dizem ser dos amores de Bernardim Ribeiro) — horóscopo do dia 2 de Agosto de 1521 (a viagem foi adiada, depois, para o dia 9) — era signo do Ascendente o Cancro, domicílio da Lua e exaltação de Júpiter. Por isso lá diz Gil Vicente nas *Côrtes de Júpiter*, dirigindo-se a Providência a este grande planeta, nestes termos:

> Subi a vossa *exaltação*
> E mandai chamar o mar...

Subir Júpiter ao signo da sua exaltação (o Cancro) não queria significar a sua entrada, em corpo, neste signo, mas a posição do horizonte oriental no Cancro. Por sinal que nessa ocasião andava Júpiter muito dignificado *acidentalmente*, visto estar, em corpo, em seu próprio domicílio, o Sagitário *(fig. 18)*.

Os dois planetas de alta influição neste tema do embarque eram Lua e Júpiter, pois o Cancro ascendia. O mais fortificado era a Lua, senhor do mar, e, por isso, se escolheu este signo para a hora da partida.

Os *dois planetas* do horóscopo de Camões (23 de Janeiro de 1524, 8^h e meia da noite) — e que veremos serem Saturno e Vénus, pois a Balança ascendia — estavam em debilidade *acidental*, nessa ocasião, dado que, cada um, se encontrava com a sua luz lograda por outro planeta:

> Para poder jogar licença tenho
> Desta *alta influição de dois Planetas*
> (Com uma e outra luz, deles, lograda);

Veja-se a figura horoscopal do Poeta *(figuras 10 e 12)*: Vénus apresenta-se *combusta*, visto estar em conjunção com o Sol a menos de 12 graus e a mais de 5, e o Saturno (Estrela ou Fortuna do tema), tem a sua luz lograda por Marte, em *aspecto* de conjunção, e pela Lua em *aspecto* de oposição: achando-se, além disso, a Lua meleficiada pela sua posição em Casa XII (a terrível Casa) e Saturno em Casa VI, também maléfica.

CAPÍTULO VII

As fortunas

A ESTRELA principal do horóscopo, o Almutem, é a chamada *Fortuna*. Por generalização se dava este nome ao próprio horóscopo do nascimento: o horóscopo da Fortuna.

A Estrela, ou Fortuna, inferia-se do signo do Ascendente.

«Muitos, que a gentilidade tinha por sábios — diz o Dr. António de Sousa de Macedo, autor do século XVII, na sua diatribe contra a astrologia, em a obra *Domínio sobre a Fortuna*, cap. X — cuidavam que a boa ou má *Fortuna* procedia da constelação (o signo) em que cada um nascera; ainda hoje o imagina o vulgo, e diz que se nasce em boa ou má *estrela*.»

Para a decisão deste caso, tão essencial no horóscopo, convém passar em revista o que os antigos diziam acerca das fortunas e como as classificavam.

Frei António Teixeira, no seu *Epítome das Notícias astrológicas para a Medicina*, tratado IV, diz (como outros tratadistas) acerca do planeta Júpiter:

«Ajuda e favorece a natureza humana... de onde vem chamarem-lhe a *Primeira Fortuna*.»

Acerca de Vénus:

«Favorece grandemente a natureza humana em todos os seus aspectos, até no das conjunções e oposições; é benéfica e, portanto, chamada *Segunda Fortuna*.»

Cardoso de Sequeira, autor mais antigo, diz no *Thesouro* (uma das obras de que mais edições se fizeram em Portugal e com mais modificações), edição de 1612, acerca de Júpiter:

«*Fortuna suprema*, porque suas qualidades convêm muito com a vida e natureza humana.»

Quando a Estrela de alguém é Júpiter (gen. Jovis), se diz que a pessoa é *jovial;* os que nascem sob Marte são *marcianos;* sob Saturno, *saturninos;* sob a Lua, *lunáticos,* etc.

André do Avelar, no seu *Reportório dos Tempos,* tratado II, título 26 (edição de 1563), tem estas palavras:

«Quando alguém se quere notar de homem justo e bem acondicionado [1], costuma-se a dizer, quási como em provérbio: é um homem *jovial,* pela boa, benévola e virtuosa influência deste Planeta.»

Quanto às fortunas malévolas ou infortunas, a primeira é Saturno, antagónica de Júpiter e da humana compleição. Na origem era este o *deus do Céu* e aquele o *deus da Terra;* o primeiro simbolizado na águia, o segundo na serpente. Esta serpente, quando alada, denominava-se dragão. O deus do Céu venceu o deus da Terra; Júpiter, ou Iove, ou Ieová, venceu Saturno, ou Satan, ou Set (o deus da Noite entre os egípcios) e o dragão tornou-se o símbolo do pecado. É o dragão o mesmo Capricórnio, nome dum dos signos do Zodíaco, «domicílio» de Saturno. O Capricórnio, com cabeça de cabra, possuía um corpo de serpente, que os maus desenhos tornaram em cauda de peixe. O signo de Capricórnio possue a natureza de Saturno. Cada signo possue a natureza do seu governador ou senhor, e ainda do planeta que em cada secção dele possuir maior número de dignidades *(fig. 4).*

Por isso, quando se trata do domínio duma *Estrela* em um nascimento, do que de facto se trata é do domínio da secção do Zodíaco em que o dito planeta tem domínio.

Frei António Teixeira, no *Epítome,* tratado IV, diz de Saturno:

«No seu influxo é seco e frio... por estas qualidades fica sendo *imigo capital do género humano...* causa nos corpos

---

[1] De condição ou acondicionado, queria significar *rico.* Abastado queria significar remediado, suficiente.

humanos o humor melancólico... A sua «casa» diurna é o signo do Aquário, a nocturna a do Capricórnio.»

André do Avelar, no *Reportório*, tratado II, tít. 26:

«... *totalmente é inimigo da vida humana*... mostra destruições, mortes, choros, suspiros... significa as cadeias, prisões, longas peregrinações, trabalhos, tardanças, aflições. Domina sobre os solitários... melancólicos, etc..»

Cardoso de Sequeira, no *Thesouro*, livro IV, tratado III, cap. V:

«Saturno, o mais alto dos planetas, se tem por *frio e seco*, pela qual razão é autor de muitas doenças melancólicas... É Saturno Estrela maligna, de más influências, porque *totalmente é contrária à vida humana*... E, por isso, os matemáticos lhe chamam *Infortuna Maior*».

O mesmo autor define o temperamento dos saturninos [1]:

«Os que nascem debaixo do domínio de Saturno são de natureza fria e seca e de compleição melancólica, os tais têm o rosto grande e não muito bem afeiçoado, os olhos meãos e algum tanto carrancudos, e um maior que o outro, o nariz cheio de carne e grosso, e os beiços também grossos, e as sobrancelhas juntas, a cor do rosto pálida e os cabelos da cabeça e barba negros, tocados de crespos ásperos, duros e grossos, os dentes desiguais, os peitos cabeludos, as pernas mal direitas e compridas; são de poucas carnes mas nervados, as veias bem descobertas mas delgadas.

«E isto promete Saturno, estando da parte Oriental, porque, sendo Ocidental, mostra que a pessoa será magra e de pequena estatura, e terá poucas, e os cabelos não crespos mas corridos.

«Finalmente, os da natureza de Saturno, continuamente são pensativos e considerados, afeiçoados à lavoura e fazem benfeitorias, mas não são muito constantes, e usam de enganos e rapósias, amam a vida solitária, aborrecem-lhes os passatempos

---

1 *Thesouro*, ed. 1612, fl. 174.

e festas, e anojam-se de qualquer coisa, e dura-lhes muito o agastamento.»

De Marte, diz o mesmo autor, Cardoso de Sequeira:

«Chamam-lhe *Infortuna Menor:* porque só com sua secura é contrária à vida dos animais.»

Valentim Fernandes [1] define Marte (como todos os autores) como *seco e quente em excesso.* Dá o tipo combativo, agressivo, irascível.

Sol e Lua, como governadores gerais da vida (Cardoso de Sequeira) não são bons nem maus: mas nos bons aspectos são fortunas boas e nos maus fortunas más. Do mesmo modo Mercúrio, com os bons é bom, com os maus é mau.

Quanto à Lua, em especial:

«Quando maléfica é chamada Infortuna e quando benéfica Fortuna; é a via por que se comunicam às criaturas os influxos dos planetas.» [2]

A clássica divindade Fortuna pouca ou nenhuma relação tem com o que em astrologia se denomina assim: pois que, nesta, *fortuna* é sinónimo de *forte.*

O que nos horóscopos se chama a *Parte da Fortuna* é também um caso independente, há muitos séculos desvirtuado, perdido o sentido original.

Ora, agora, pesquisemos, nos passos da lírica camoneana, o rastro da «fortuna» de Camões.

Entenda-se que cada planeta é *Fortuna* apenas na qualidade de *Almutem* do tema.

Passada em revista a índole das «estrelas», ficou definida a de Saturno:

Saturno, totalmente contrário à natureza humana, inimigo capital do género humano... É a fortuna, *com a qual ninguém pode ter cautela,* na expressão do Poeta.

---

[1] *Repertório,* ed. 1563, pág. 27.

[2] *Epitome,* pág. 72, ed. 1675.

CAPÍTULO VIII

A fortuna inquieta de Camões

FORTUNA é nome genérico do horóscopo de nascimento, e, particularmente, o nome do planeta que domina o horóscopo. Mas, quando à palavra Fortuna se ajunta um qualificativo qualquer, a expressão passa a querer significar um determinado planeta.

Podendo qualquer dos sete planetas, então conhecidos, ser a Fortuna, eram estas sete: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio, Lua.

A Luiz de Camões era Saturno, que os poetas, como os astrólogos, identificaram com o «Tempo». E, por isso, era Saturno a «Fortuna», por excelência. Mas, como, na verdade, eram sete as Fortunas, distinguiam Saturno chamando-lhe *Fortuna inquieta, Fortuna injusta, Fortuna flutuosa.* Estas expressões aparecem na obra, lírica e épica, de Camões.

O qualitativo de *injusta* provém-lhe de se ligar o Tempo (que é Saturno) à ideia da *roda fatal — irregular.* Assim, no canto III dos *Lusíadas*, estância XVIII, aludindo à Ibéria, diz o autor:

> Eis aqui se descobre a nobre Espanha
> Como cabeça ali da Europa toda,
> Em cujo senhorio, e glória estranha
> Muitas voltas tem dado a *fatal roda:*
> Mas nunca poderá com força ou manha
> A *Fortuna inquieta pôr-lhe noda,*
> Que lha não tire o esforço e ousadia
> Dos belicosos peitos que em si cria.

Assim, a *fatal roda* é a *Fortuna inquieta*, é Saturno, é o Tempo — que à Ibéria não porá sujeição estrangeira de que os seus belicosos habitantes a não saibam libertar.

Logo adiante (estrofe XX), aludindo, em especial, à Lusitânia:

> Eis aqui, quási cume da cabeça
> Da Europa toda, o reino Lusitano,
> Onde a terra se acaba e o mar começa,
> E onde Febo repousa no Oceano:
> Este quis o *Céu Justo* que floreça
> Nas armas contra o torpe mauritano...

A cada planeta correspondia um *céu*.

Por *Céu Justo* entenda-se Júpiter. O Poeta prossegue numa ordem de ideias astrológico-mitológicas, e até mesmo onde parece mais ajustado à ortodoxia católica. Céu Justo, ou Justa Lei do Céu, é como chamava a Júpiter, opondo-o à Fortuna injusta, Fortuna inquieta, que é Saturno. A expressão de *injusta* tem aqui o significado de *não regular*, pois Saturno é o Tempo desigual, incerto.

Continuando a referir-se à Lusitânia, expressa o Poeta, mais nitidamente Saturno (estância XXII):

> Desta o Pastor nasceu, que no seu nome
> Se vê que de homem forte os feitos teve,
> .....
> Esta, o *Velho que os filhos próprios come*,
> Por decreto do *Céu* ligeiro e leve,
> Veio a fazer no mundo tanta parte
> Criando-a reino ilustre, e foi desta arte.

O *Velho* é Saturno; a roda fatal ligeira e leve, a *Fortuna inquieta*.

E porque Saturno foi a sua Estrela, a sua Fortuna, escreveu Camões num soneto:

> «Fortuna» minha foi cruel e dura
> Aquela que causou meu perdimento
> *Com a qual ninguém pode ter cautela.*

Nem se engane nenhuma criatura
Que não pode nenhum impedimento
Fugir ao que lhe ordene *sua Estrela.*

Ficou provado, no capítulo anterior, como é astrologicamente Saturno *aquela Estrela com a qual ninguém pode ter cautela.*

Em dizer que a sua Fortuna foi *cruel e dura,* o mesmo é dizer que foi *dura e cruel* a sua Estrela...

Com efeito:

Chamo *dura e cruel* a *dura Estrela*
Que me aparta de vós, minha alegria...

É dum soneto assim mesmo começado.

Sempre a sua *dura Estrela,* o Senhor da tristeza, Saturno, o qual exerce domínio sobre tudo quanto é escuro e plúmbio. Por isso, chamou, também, o Poeta, a Saturno o *Fado escuro, Sorte escura, Fortuna escura...* É, em resumo, Saturno o seu próprio *Fado,* a mesma *Estrela dura com a qual ninguém pode ter cautela...*

Já mais pude co'o *Fado* ter cautela,
Nem houve, nunca, em mim contentamento
Que não fosse trocado em *dura Estrela.*

É da égloga «Ao longo do sereno Tejo», Agrário.

No dia em que nasceu estava Saturno em conjunção com Júpiter; e di-lo, chamando a Saturno a Fortuna inquieta e a Júpiter a Justa Lei do Céu. É um soneto que começa:

Se a *Fortuna inquieta,* e mal-olhada,
Que a *Justa Lei do Céu* consigo infama,
A vida quieta que ela mais desama
Me concedera honesta e repousada,

Pudera ser que a Musa alevantada...

Está então visto como Saturno «infamava», nessa ocasião, com a sua presença, a Júpiter. Havia, pois, uma conjunção Saturno-Júpiter — aquela famosa conjunção pela qual inferiam, os astrólogos, o fim do mundo para 1524. Mas o mais singular nesta emergência celeste, e que deu aso ao terrível prognóstico, é que a *Fortuna inquieta* estava ainda em conjunção com Marte, e recebia um mau-olhado, da Lua. Por este último facto dissera o Poeta:

Se a Fortuna inquieta e *mal-olhada*...

Camões fazia a distinção entre a *Fortuna*, horóscopo de nascença, e *Fortuna*, Estrela do horóscopo, a qual, para si, foi Saturno, ou seja o *Tempo*.

E, marcando essa mesma distinção, diz num soneto:

No mundo quis o *Tempo* que se achasse
O bem que por acerto ou sorte vinha;
E, por experimentar que dita tinha...

Que dita tinha ele próprio, o Tempo ou Saturno:

Quis que a *Fortuna* em mim se experimentasse.

Isto quere dizer que o Tempo, ou Saturno, se identificava com o Poeta, por ser a sua Estrela. Continua:

Mas por que o Destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou ver que desejasse...

O *Tempo* ordenou que no Poeta se experimentasse a *Fortuna*, isto é, o conjunto astral do dia do nascimento, o horóscopo. Mas o Destino, que é a própria Fortuna, mostrou ao Poeta que nem ter *esperanças* lhe convinha, coisa tanto mais para admirar

quanto é certo ser Saturno (o Tempo) o planeta da *Esperança*.

Termina o soneto:

> Mas, segundo o que o *Céu me tem mostrado*
> Já sei que deste meu buscar ventura
> Achado tenho já que não a tenho.

Este *céu* é o horoscópico.

Umas coisas puxam as outras. Recorda-me o final deste soneto o que o seu autor expende nalguns versos da redondilha *Dó la mi ventura:*

> Oh! que nacimiento,
> .....
> Que luego en la cuna
> Me seguió Fortuna!
>
> Esta dicha mia
> *Que siempre busqué,*
> *Buscandola hallé*
> *Que no la hallaria;*
>
> No puso *mi Estrella*
> Más ventura en min;
> Ansi vive, en fin,
> Quien nace sin ella.

Exposta esta aproximação entre a redondilha e o soneto, tornemos a este. Ele é a declaração formal de que o *Tempo* fora a Estrela do autor.

Compete a Saturno reger a «esperança» no mundo; e, por isso, escrevera o Poeta, tratando do seu próprio caso:

> A ti, *Fortuna injusta,* que consumes
> As idades, levando-lhes diante
> Uma esperança...

É da canção «Vinde cá, meu tão certo sècretário».

Várias vezes acentuou o Poeta este pensamento: *A sua Estrela, Saturno, ainda lhe poderia conceder algumas esperanças, porque é essa a função deste planeta, mas a sua Fortuna, isto é, o conjunto planetário do seu dia — essa até as esperanças lhe negava...* Fortuna e Destino, o mesmo é:

Mas por que o Destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tão longa vida minha,
etc.

É a mesma ideia de outro soneto, onde se lê:

Esperanças de novas alegrias
Não m'as deixa a *Fortuna* e o *Tempo* irado
Que do contentamento são espias...

O *Tempo* irado fora a sua má Estrela, Saturno; a *Fortuna* é o horóscopo.

Referindo-se à sua Estrela, a *sua Ama*, na canção do horóscopo, diz ainda:

Logo então vi a imagem e semelhança
Daquela humana fera, tão formosa
Suave e venenosa
Que me criou aos peitos da *esperança*...

É que a Saturno anda ligada a ideia da Esperança, não obstante a Fortuna do Poeta lha negar totalmente.

A *Casa astrológica n.º XI* é a Casa da Esperança, por corresponder ao signo de Capricórnio, domicílio de Saturno. (*Vide* P. II, cap. VI, pág. 126).

Quem não estiver prevenido com certas ideias há-de estranhar um paradoxo, aparente, que por vezes se apresenta nos sonetos do Poeta. E é que, confessando continuamente o império que sobre ele exercia o céu do seu nascimento, a Fortuna, confessa noutras partes que nenhum poderio exercia na sua alma. Assim, o soneto:

Amor fero e cruel, *Fortuna escura,*
Bem tendes vossa força experimentado
.....
Soube *Amor* da *Ventura,* que a não tinha,
E, por que mais sentisse a falta dela,
De imagens impossíveis me mantinha.

Mas vós, Senhora, pois que minha Estrela
Não foi melhor, *Vivei nesta alma minha,*
Que não tem a Fortuna poder nela.

O Poeta não nega o poder da Fortuna, mas sim o império da Fortuna nas almas. Estava com o ensinamento da Igreja, que proclama, pela pena de Santo Tomaz, o domínio evidente dos astros na parte sensitiva ou corpórea, negando-a, todavia, na alma. Assim, diz o Poeta, pôde a Fortuna separá-lo duramente, *em corpo, em olhos,* da sua muito amada, mas não os pôde separar *em alma.* A mesma ideia põe, ainda, no soneto:

Gentil Senhora, se a Fortuna imiga
Que contra mim, *com todo o Céu conspira,*
Os olhos meus de ver os vossos tira
.....
Nesta alma onde a Fortuna pode pouco,
etc.

Onde diz que *todo o Céu contra si conspira,* quere dizer que todos os planetas estavam virados contra ele. E, de facto, os vencedores ou almutens de todas as casas astrológicas do seu horóscopo encontravam-se infortunados, em debilidade *acidental.* Veja-se, por exemplo, a *Casa II,* a dos bens temporais. A cúspide desta Casa astrológica está no grau 29 de Balança *(fig. 10),* lugar em que domina Marte; pois por ser ao de lá do grau 25, já o império é exercido pelo planeta dominante, em domicílio, exaltação e triângulo, do signo seguinte (o do Escorpião), ficando apenas o término e o décano de Balança. Em resumo, é o planeta Marte o imperante ao grau 29 de Balança *(fig. 4).* Buscando, agora, a posição do Marte em pessoa, na roda

do horóscopo, verifica-se a sua conjunção com Saturno e oposição com a Lua — o que tudo é mau.

Estando, pois, o representante da Casa II em mau aspecto — em maus aspectos estaria o Poeta no tocante aos bens temporais!

Assim se faz a prognosticação.

Cada Casa tem a sua intenção. Na I institue-se a índole. As outras servem à adivinhança. A cada uma, desde a I à XII, consagravam os antigos uma palavra latina a definir:

Vita, lucrum, fratres, genitor, nati, valetudo,
Vxor, mors, pietas, regnum, benefactoque, carcer.

Entendam-se estas palavras no mais lato sentido *(fig. 8)*.

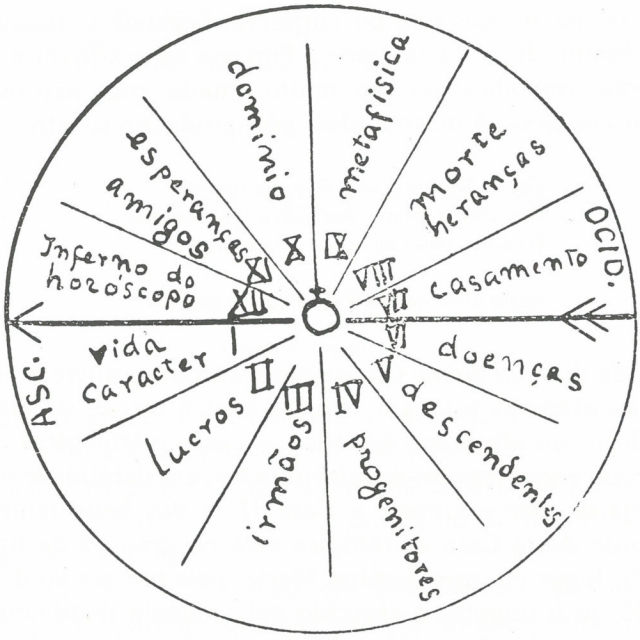


Fig. 8. — Casas astrológicas e suas definições para efeitos de prognosticação. Na primeira se *institue* o nascido; nas restantes se observam os sucessos da sua vida, segundo os planetas e signos aí acidentalmente alojados. As Casas, representando secções de tempo, iguais, são desiguais em espaço, e sempre variáveis conforme a época e o ano

CAPÍTULO IX

A fortuna injusta de Camões

SENTIDAMENTE queixa-se o Poeta da sua má «Fortuna», o mau Saturno, cruel e duro, que os astrólogos classificam de *Infortuna Primeira* ou *Maior:*

> Erros meus, *má Fortuna,* Amor ardente,
> Em minha perdição se conjuraram;
> Os erros e a Fortuna sobejaram,
> Que para mim bastava Amor somente.

É dum soneto. Três inimigos, portanto: erros (filhos do seu livre alvedrio); o horóscopo da Fortuna ou do nascimento; o horóscopo do início do grande amor.

Mas aqui, no que toca à Fortuna, Camões alude, em especial, ao planeta dominante — Saturno; por isso, ajunta à palavra Fortuna o qualificativo de má: a *Fortuna má.*

Esta é a famosa *Fortuna injusta.* E lá o diz, noutro soneto:

> De quem me queixarei se tudo mente?
> Porém, que culpas ponho às esperanças,
> Onde a *Fortuna injusta* é mais que os erros?

Mais culpas atribuía à sua Estrela, que a si próprio, no uso do seu livre arbítrio. É isto uma prova da sua firme crença nas determinações pelos astros.

Em *Fortuna injusta* exprime concretamente Saturno, o Velho que devora os próprios filhos, que tudo consome: o Tempo.

Na muito bela canção do horóscopo, desenhou Camões a influência recebida, por ele, desse mesmo planeta — que astro-

logicamente é o promotor da vida vaga, errante, das longas peregrinações:

> Agora peregrino, vago, errante,
> Vendo nações, linguagens e costumes,
> Céus vários, qualidades diferentes,
> Só por seguir com passos diligentes
> A ti, *Fortuna injusta que consumes*
> *As idades...*

O epíteto de *injusta* é-lhe aposto como sinónimo de *incerta*, e como contrário da *Justa Lei do Céu*, que é Júpiter. Um representa a Justiça, o outro a Injustiça, a Incerteza. Assim se definem astrologicamente estes dois planetas.

Às *injustiças* chamou Camões os *casos duvidosos;* e, logo ao seu horóscopo, dominado por Saturno, «Caso Duvidoso».

Da mesma canção do horóscopo:

> Enfim, não houve trances da «Fortuna»
> Nem *perigos*, nem *casos duvidosos*
> (Injustiças daqueles, que o confuso
> Regimento do mundo, antigo abuso,
> Faz sobre os outros homens poderosos)
> Que eu não passasse, atado à fiel coluna
> Do sofrimento meu...

Antes, e na mesma canção, se referira o Poeta aos *dois perigos*, identificando-os com Saturno e Marte, que são as *duas Infortunas* da astrologia. Aqui a «Fortuna» é, no lato sentido, o horóscopo do nascimento; os casos duvidosos — as injustiças — são as consequências desse mesmo horóscopo que, por sua vez, reveste ainda, para o Poeta, a condição de *Caso Duvidoso*. Assim, dum soneto:

> Mas *minha Estrela*, que eu já agora entendo,
> A *Morte Cega* e o *Caso Duvidoso*,
> Me fizeram de gostos haver mêdo.

A Estrela é Saturno. A Morte Cega é o Moço Cego, o Cego

Frecheiro, isto é, o Amor. Caso Duvidoso é, por extensão, a Fortuna, e no restrito senso o próprio Saturno. Enfim, em Morte Cega e Caso Duvidoso, está o constante tema camoneano de *Amor* e *Fortuna* — os dois horóscopos.

Oh! mal haja a Fortuna e o Moço Cego!

diz Camões noutro soneto («Senhor João Lopes, o meu baixo estado»).

CAPÍTULO X

Saturno Diabólico

O ASTRO da meditação, Saturno, torna triste, ou melancólica, a pessoa que nasceu debaixo da sua influição, contrária à vida:

Já que mais não mereceu
Minha Estrela,
Só a *tristeza* conheço...

Saturno, a triste fortuna, guardara sempre *o seu direito* de, em qualquer altura da vida, exercer sobre o Poeta a nefasta influência. O Poeta vivia descuidado até àquele preciso momento, ainda em verdes anos:

Eis, dum soneto:

Guardando em mim *Fortuna*, seu direito,
Em verde me cortou minha alegria.
Oh, quanto feneceu naquele dia
Cuja triste lembrança arde em meu peito!

Agora melhor se entende o soneto «Ausente dessa vista pura e bela», no qual se lê:

Chamo *dura e cruel* a *dura Estrela*
Que me aparta de vós, minha álegria:
Mil vezes maldizendo a lua e o dia
Que foi duro princípio a tal querela...

Foi daí em diante que a *dura Estrela*, Saturno, começou a usar dos seus direitos! Pois estava previsto,

Que quem nasce em dia
De *Estrela tão dura*
Não acha ventura.
Não pôs minha Estrela
Mais ventura em mim...

Assim, predestinado para a tristeza, escrevia da sua alegria postiça e febril, que era apenas *para não parecer coruja entre pardais...*

Classificando, também, a sua Fortuna de *dura e cruel*, não fazia senão repetir o que acerca de Saturno diziam os astrólogos: «É Saturno Estrela maligna, de más influências, porque *totalmente é contrária à vida humana....*» [1]

Camões serve-se das mesmas expressões justificando a dureza e crueldade de Saturno. É na fala de Agrário, na égloga «Ao longo do sereno Tejo»:

¿Pois quem foi tão contrário a esta vida?
Saturno que, perdida a luz serena,
Causou que em dura pena desterrado,
Fosse do Céu lançado, onde vivia,
Porque os filhos comia, que gerava.
Por isso se mudava o *Tempo igual*
Em mais baixo metal; .....

O carácter dos planetas correspondia ao carácter dos deuses seus homónimos. Era Saturno o planeta e o deus — *com o qual ninguém pode ter cautela...*

Saturno fora expulso do Céu por Júpiter, a *Justa lei.* Este é a Lei do *Tempo igual.* Saturno impôs na vida o *Tempo desigual* e identificou-se com ele; tanto que, *Tempo* e *Saturno* o mesmo é. Assim o denominou Camões *Fortuna inquieta,* ou *injusta.*

Já se sabe como o inimigo da vida quieta é Saturno; ele que,

---

[1] *Tesouro,* livro IV, trat. III, cap. V.

perdida a luz serena, foi do Céu lançado. Então tornou o Tempo de igual em desigual.

Mas a fala de Agrário, da égloga «Ao longo do sereno Tejo», revela bem o pensamento de Camões sobre qual fosse a Fortuna inquieta que a Lei da regularidade despreza:

Mas quem a Lei despreza e pouco estima
De quem de lá de Cima está movendo
O Céu sublime e horrendo, o mundo puro,
Este muda o seguro e firme estado
Do Tempo, não mudado, de verdade.
¿Não foi naquela *idade d'ouro claro*
O firme Tempo calmo e excelente?
Vivia então a gente moderada;
Sem ser a terra arada, dava pão;
Sem ser cavado, o chão as frutas dava;
Nem águas desejava, nem quentura:
Supria, então, Natura o necessário.
Pois quem foi tão contrário a esta vida?
Saturno, que, perdida a luz serena .....

Quem de Cima está movendo o Céu, o Mundo *puro,* e cuja lei Saturno despreza e pouco estima, é Júpiter, sinónimo de *Mundo.*

O planeta inquieto, e injusto, conduz os seus neófitos à inquietação e correspondente miséria.

Os que nascem sob a influição de Saturno são levados às longas peregrinações, a toda a espécie de misérias e a cárceres, no caso deste planeta estar em mau aspecto:

Agora peregrino, vago, errante,
Vendo nações, linguagens e costumes,
Céus vários, qualidades diferentes,
Só por seguir com passos diligentes
A ti, *Fortuna injusta, que consomes*
As idades .....

O pedaço citado é da canção do horóscopo.
Prossegue:

> Que inda agora a *Fortuna flutuosa*
> A tamanhas misérias me compele.

A *miséria* é compelição de Saturno. E o Poeta assaca à sua Fortuna a responsabilidade da sua pobreza. Ele é o pescador Sereno da égloga:

> Arde, por Galatéa, branca e loura,
> Sereno, pescador *pobre, forçado*
> *Duma Estrela que quere à mingua morra...*

O leitor já sabe o nome da estrela que força a morrer de míngua.

Na mesma égloga «Arde por Galatéa» alude aos outros pescadores, os outros poetas que ficaram em Portugal gozando de situações rendosas... e ele apenas fazia versos...

> Os outros pescadores têm lançado
> No Tejo as redes, ele só fazia
> Este queixume ao vento descuidado...

Não tem outra coisa a dar à amada senão a sua própria alma: propõe dar-lha, a troco duma só volta de olhos, descuidada: mas se ela ainda achar pouco...

> Se muito te parece, e *minha Estrela*
> Não consentir ventura tão ditosa,
> Dou-te as *asas do Amor*, perdidas nela.

Perdidas nela, na *alma*. É a lenda de Cupido perdido nas asas de Psiquê.

Nada mais tem, o Poeta, que lhe dar, e vale mais que todos os tesouros. A sua alma são os seus próprios versos:

Que mais te posso dar, ninfa formosa,
Nem que o mar de aljôfar me cobrira
Toda esta praia, lêda e graciosa.

Entenda-se por praia o próprio papel em que está espraiando os seus versos.

Se alguma vez, na Índia, uma ocupação rendosa lhe sorriu, logo o *lobo* Saturno *lhe devorou quanto gado vacum pastava e tinha, de que grandes soldadas esperava...* Mas ele já o pressentia quando, das mãos dum vice-rei amigo, aceitava um lucrativo emprego... tanto contra as determinações de Saturno...

Servirdes-vos de *ocupar-me,*
Tanto contra meu Planeta...

É da redondilha «Conde, cujo ilustre peito».

¿Que outro planeta poderia ter arrancado a Camões este comentário? Qual o que empobrece?...

Já na hora em que Camões embarcava para tão longes terras, despede-se:

Assim me vou do meu bem
Onde quere a *Forte Estrela...*

É da redondilha «Sem vós e com meu cuidado».

Sem ela, mas com seu próprio cuidado, embarcava, compelido a uma vida errante, movido pela *Forte Estrela.*

«Forte» é um adjectivo aqui aplicado no sentido de áspero, ou duro. Assim para ele, por influição da sua mesma Estrela, foi a mulher que amou:

Por alta influição da *minha Estrela*
Mitigando o rigor do peito honesto,
Entretecendo rosas nos cabelos
De que tomasse a luz, o Sol, ao vê-los...

Pertencem estes versos a umas oitavas da Lírica, nas quais escreve a um amigo (talvez o Conde de Vimieiro), manifestando-lhe quanto teria sido o seu ideal a vida pacata do campo compondo rimas àquela de quem os loiros cabelos desafiavam a luz do Sol!

A Estrela era a culpada dos seus padecimentos de amor. Da redondilha «Minha alma, lembrai-vos dela»:

> Eu a tal estado vim
> Guiado de *minha Estrela;*
> Quando houverdes dó de mim...

A lástima de amor! «Conquistador» incorrigível, saíam-lhe da pena estes outros versos a uma dama que de tal zombava:

> Mas já que foi *minha Estrela*
> Ser diabo e ter tal nome...

Acrescenta: «Que o diabo vos não tome...».
É que Saturno identifica-se com o Diabo.

CAPÍTULO XI

Vénus

O SEGUNDO planeta a considerar, no horóscopo de Camões, é Vénus. Ele com Saturno são as duas estrelas de alta influição do seu tema, os dois planetas que dominavam, em *essência*, o signo do Ascendente.

Camões refere-se, na canção do seu horóscopo («Vinde cá, meu tão certo secretário») primeiramente a Vénus, por ser o planeta domiciliário, o Senhor do signo que ascendia.

Este signo só poderia, então, ser o Touro («alegria» de Vénus), ou a Balança, seu domicílio principal. Queixou-se o Poeta da sua triste Vénus horoscopal, o que já destrói a ideia do Touro como signo do Ascendente. Por outro lado, só a Balança comporta simultaneamente o domínio de Vénus e de Saturno, com a preeminência deste último planeta *(fig. 4)*.

Por ter no Ascendente o signo da Balança, ficou o Poeta *instituído* profundamente em pupilo da Estrela de Vénus.

E, como muitos havia que, não sendo sujeitos a ela, se diziam como tais, distingue o Poeta, entre o caso verdadeiro e o falso:

> Los que vivis subjectos a *la Estrela*
> *De Vénus, cujo hijo «Amor» se llama,*
> No digo a los que viendo qualquer dama
> Dizis que padecis muerte por ella;

É dum soneto de apresentação dos seus versos de amor, o qual termina:

Venide a ver mis versos, do pintado
Vereis varios efectos de *la Suerte*
Que dentro en mis entrañas son formados.

Vereis al proprio «Amor», terrible, fuerte,
Vereis angustia, ancias y cuidados,
Suspiros, llanto, pena, fee y muerte.

Astrólogos e Poetas tomavam o «Amor» pelo planeta «Vénus», o filho pela mãe: um era como que o efeito do outro, e tomavam o efeito pela causa. Tal a representação nos livros antigos de astrologia, como se vê na gravura junta *(fig. 9)*.

O «Amor» era o *Menino sem olhos*, o *Menino cego*, o *Moço cego*.

Camões confessa-se-lhe continuamente sujeito.

Quando dos seus súbitos amores pela Bárbara escrava, quase se desculpa com a predestinação por Vénus — o Amor:

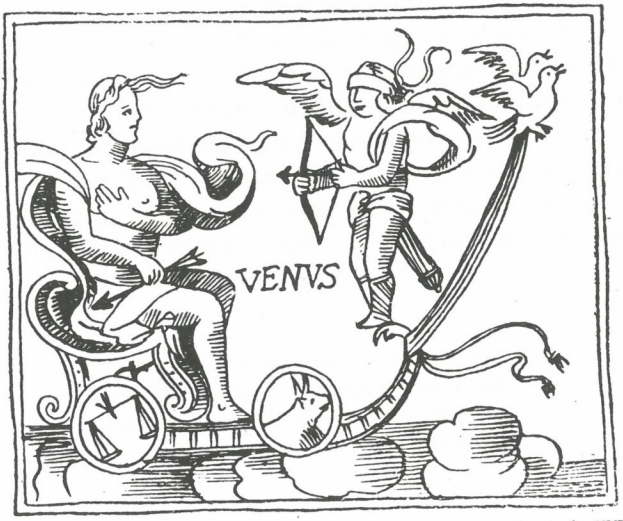


Fig. 9. — Modo de representar o planeta Vénus, nos *reportórios* do século XVI. Vénus e o seu atributo, o *Amor*, o *Menino Cego*, são conduzidos no carro tirado a pombas. Gravura reproduzida do livro de Valentim Fernandes, ed. 1562

Pois logo, quem, culpado
Será, se de pequeno oferecido
Foi todo, a seu cuidado,
No berço instituído
A não poder deixar de ser ferido?...

Quem logo, fraco infante,
Doutro mais poderoso foi sujeito,
E, para cego amante
Desde o princípio feito
Com lágrimas, banhando o tenro peito?

Se agora foi ferido
Da penetrante ponta e força de erva,
E se *Amor* é servido
Que sirva à linda serva,
Para quem, *minha Estrela,* me reserva?

Pertencem estes versos à bela e simbólica ode «Aquele moço fero...».

Diz:

No berço instituído
A não poder deixar de ser ferido.

Com efeito, a *instituição* do carácter, dizem os astrólogos, faz-se pelos signos instalados no Ascendente.

A ideia «no berço instituído a não poder deixar de ser ferido» era uma ideia fixa. Marca-a ainda no soneto «Está o lascivo e doce passarinho», no qual compara a sua existência incauta e descuidada, antes de ser ferido pelo grande amor (que foi o assunto de toda a sua vida), ao da ave incauta que *canta* alegremente no raminho quando o caçador, o frecheiro, a feriu. Os tercetos:

Destarte o coração, que livre andava,
Posto que já de longe destinado
Onde menos temia foi ferido;

Porque o *Frecheiro* [1] cego me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido...

Mas é na canção do horóscopo que se marca, bem claro, a ascensão dum signo de Vénus:

E para que o tormento, conformado
Me dessem *co'a idade*, quando abrisse,
Inda menino, os olhos, brandamente,
Mandam que, diligente
Um Menino sem olhos me ferisse...

Sempre me lembra aquela parte da ode: *No berço instituído, a não poder deixar de ser ferido...*

E, logo, os efeitos de Vénus:

As lágrimas da infância já manavam
Com uma saudade namorada;

E repisa o tema da definição da idade por Vénus no Ascendente, na qualidade de alcocodem:

Co'a idade, o Fado estava concertado...

Na série de estâncias mnemónicas que Cardoso de Sequeira traz no seu *Thesouro* para a definição das funções das Casas astrológicas, a primeira, em relação à Casa I, é:

Por *primeira* conhecida,
Cardinal ou Ascendente,
Prognostico ao nascente
Breve ou comprida vida,
Voz, cabeça, rosto e mente.

---

[1] O termo popular *frecheiro*, evolucionando deu o moderno vocábulo *bregeiro*.

A idade a atingir determinava-se pelo alcocodem, sacado do Ascendente.

«Alcocodem» é vocábulo que tem, do árabe, o significado de planeta que vai à frente. É que, pelo avanço que o Alcocodem leva, no Zodíaco, sobre o Almutem, se conta a idade a atingir pela pessoa. Esta contagem é feita nos *términos*. Cada planeta, na qualidade de Estrela principal, ou Almutem, representa um limite máximo de anos de vida que é a soma total dos graus que possue nos términos; mas o avanço que o Alcocodem apresenta, na ocasião, sobre o Almutem, faz subtrair a esse número o avanço, em graus, nos términos do Almutem.

Por isso o Alcocodem é o *dispositor:* dá ou tira a idade.

No século XVII preferiram o uso do 1.º grau do Ascendente como Alcocodem.

CAPÍTULO XII

A canção do Horóscopo

EM três pinceladas sóbrias, mas cheias de intenção, deu-nos Camões todo o quadro do seu próprio horóscopo de nascimento. O processo já fora usado por Gil Vicente, de quem Camões é, de certo modo, um discípulo.

Começa a canção por denunciar a má posição que, no seu nascimento, tiveram as duas estrelas *infelices*, as duas *infortunas*, Saturno e Marte, (das quais a primeira fora a chamada «Fortuna» ou Estrela do tema), e a que nesta mesma canção vem ainda a chamar o Perigo 1.º e o Perigo 2.º (Infortunas, 1.ª e 2.ª):

> Quando vim da materna sepultura,
> De novo, ao mundo logo me fizeram
> *Estrelas infelices* obrigado.

O termo *infelice* usava-se, então, no sentido de infelicitante e não de inditoso, como hoje se usa. O *infeliz* era o causador do mal e não o que o sofria.

As duas infortunas, ou infelices, como se fossem uma única (por estarem conjuntas), ordenaram que Vénus se apresentasse em forma de signo do Ascendente a desempenhar a função de alcocodem no horóscopo do Poeta; e, como o alcocodem é também o limitador da idade, diz:

> E, para que *o tormento, conformado,*
> *Me dessem, co'a idade,* quando abrisse,
> Inda menino, os olhos brandamente,
> Mandam que, *diligente*
> Um «Menino sem olhos» me ferisse...

O «menino sem olhos», o «moço cego», é o filho de Vénus. Aqui se toma o filho pela mãe, como era costume.

O alcocodem é o dispositor, porque dispõe da vida e da longevidade. E, assim, Vénus, ao passo que lhe dava um intrínseco *tormento*, lhe dava, igualmente, uma longa vida... para a poder sentir dolorosamente...

E não poder perdê-la,
Tendo-a tantas vezes, já, perdida,

diz ele, lá mais para diante, nesta mesma canção do horóscopo.

Num horóscopo, o primeiro elemento a referir é o signo do Ascendente, que logo traz o nome do planeta que em essência o representa. O signo do Ascendente, no caso de ser Vénus o instituidor da índole, só pode ser o Touro (alegria de Vénus), ou a Balança. Mas Vénus era triste, e imperava Saturno; portanto, era a Balança.

A influição amorosa, de Vénus, logo se fez sentir:

As lágrimas da infância já manavam
Com uma saudade namorada;
O som dos gritos que no berço dava
Já como de suspiros me soava...
Co'a idade, o Fado estava concertado:
Porque, quando, por acaso, me embalavam,
Se de amor tristes versos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza,
Que tão conforme estava co'a tristeza...

Depois desta referência ao signo do seu Ascendente dominado por Vénus, vem (o que naturalmente devia vir) a alusão à Estrela, à sua *Ama* astrológica — Saturno.

Foi minha *ama* uma fera, que o Destino
Não quis que melhor fosse a que tivesse
Tal nome para mim... nem a haveria.
Assim criado fui, por que bebesse
O *veneno amoroso*, de menino,
Que na maior idade beberia
E, por costume, não me mataria...
Logo, então, vi a imagem e semelhança
Daquela humana fera, *tão formosa,*
Suave e venenosa
Que me criou aos peitos da esperança...

Fera é termo não popular, mas de intrusão classicista, e tinha, no século de Camões (como em latim), o significado de *rústico*.

Faria e Sousa, ao comentar, na *Europa Portuguesa*, os inconvenientes (diz) de dar por amas aos príncipes mulheres rústicas, escreveu:

«... *és lastima que por esta ignorancia vana se vean oy expuestos a ser criados con el veneno de villanas rusticas. Y quando suceda el mal, és crible que el Principe que és malo criado a sangre pura, criado a la montezina, será fiera.*» [1]

A ideia devia ser corrente: a rusticidade, ou fereza proviria de amamentação por ama rústica. Na mesma ordem de ideias escreveu, então, Camões:

Foi minha ama uma fera...

Depois faz a destrinça entre esta e a *fera humana* que, mais tarde, conheceu. Distinguia entre a fera celeste e a fera humana.

O *veneno amoroso*, a que o Poeta se refere, é a tristeza. Noutro lugar define:

Que não pode no mundo haver tristeza
Em cuja causa Amor não tenha parte.

---

[1] *Europa Portuguesa*, T. II, P. IV, Cap. II, pág. 581.

A *fera celeste*, imagem da fera humana que mais tarde conheceu, e como ela suave e venenosa, criá-lo-ia aos peitos da *esperança*, pois que, como sabido é, a *esperança* promana de Saturno.

Da redondilha astrológica, já aqui enunciada, «Dó la mi ventura», recorto a passagem:

> Naciendo mesquino,
> Dolor fué mi cama;
> *Triteza fué el ama*
> Cuidado el padrino.
> Vestióse el Destino
> Negra vestidura,
> Hugó la Ventura.

A *cama* é o horóscopo de nascimento, a *ama* é a sua Estrela, o *cuidado* é o horóscopo do Amor.

A simbiose Saturno-Vénus daria o que o Poeta chama o *veneno amoroso*. A fusão da índole dos dois planetas só se efectua encontrando-se no Ascendente o signo da Balança.

Relata a canção, em seguida, os impressionantes malefícios desta triste Vénus, atormentada:

> Que género tão novo de tormento
> Teve *Amor*, sem que fosse não somente
> Provado em mim, mas todo executado...

Sobre a amorosa influição de Vénus longamente se espraia. Sentira-lhe duramente os efeitos.

Depois, considera o Poeta a sua vida cindida em duas: na *1.ª vida*, passada na Metrópole, *Vénus* atormenta-o: tratava-se dos efeitos do mal aspectado planeta. A *2.ª vida* é quando abraça a carreira das armas e sai da Pátria, e isto a despeito da sua vontade, mas por compelição do Destino astral, um *Destino fero e irado*.

Na 2.ª vida considera-se sob a garra de dois *perigos:* o 2.º, a experiência da vida militar e guerreira, sob a contrarie-

dade do planeta *Marte*. O 1.º, o abandono da vida militar e a entrada numa existência de livre pulso, sob a influição da sua Fortuna injusta, *Saturno*, e dum Júpiter irado. Deste primeiro perigo escreveu numa carta que «quem não tem uma vida, tem muitas...». Era o seu caso, depois de deixar a profissão militar; e, sempre em todos os modos de vida, faliu. Já desiludido, escrevia, um dia, ao vice-rei que lhe grangeara um emprego:

Servirdes-vos de ocupar-me
Tanto contra meu Planeta,
Não foi senão asas dar-me
Com as quais vou a queimar-me
Como o faz a borboleta...

Este planeta é o seu Almutem, Saturno, astro maléfico, fautor de todas as pobrezas, inimigo das profissões lucrativas: o *Perigo 1.º* (Infortuna 1.ª).

O Poeta relata a 2.ª parte da sua vida, sob as garras de Saturno e Marte, os dois Perigos, que lhe tornaram adversos, respectivamente, os Elementos de que a mesma vida se compõe:

Destarte a vida em outra fui trocando;
Eu não, mas o *Destino fero, irado,*
Que eu, inda assim, por outra a não trocara.
Fez-me deixar o pátrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida cara.
Agora experimentando a fúria rara
De *Marte*, que nos olhos quis que logo
Visse e tocasse o acerbo fruto seu;
E neste escudo meu
A pintura verão, do infesto *Fogo*.

O Poeta cegara. Agora vem Saturno, a *Fortuna injusta*, isto é, incerta, inconstante, irregular, e fá-lo andar errante pelo Mundo:

Agora *peregrino, vago, errante,*
Vendo nações, linguagens e costumes,
Céus vários, qualidades diferentes,

Só por seguir com passos ailigentes
A ti, *Fortuna injusta, que consumes*
As idades, ...

«Saturno (diz Valentim Fernandes no seu *Reportório dos Tempos*, edição de 1563) o pintam com a foice na mão e comendo seus filhos: porque todas as coisas que o Tempo produz, *ele mesmo as consume*, e assim o honraram por deus dos *Tempos*.»

Na mesma e constante identificação do *Tempo* com Saturno escreveu Camões nos *Lusíadas*, a propósito da Lusitânia:

Esta, o *Velho que os filhos próprios come...*

E logo, numa das estrofes seguintes, identifica este *Velho* com a *Fortuna inquieta*, que é Saturno.

Agora torna aos dois Perigos: o 1.º Saturno, e o 2.º Marte, e que são as *Estrelas infelices* do começo da canção.

Saturno e Marte estavam em conjunção; e, portanto, Marte intensificava a sua malignidade pela presença de Saturno, e Saturno aumentava a sua pela presença de Marte.

Acresce que Saturno estava em estreita conjunção com Júpiter; e, logo, este planeta com Marte.

O Marte, malificiado por Saturno (Perigo 1.º) e em conjunção com Júpiter, é como se formasse o *mau aspecto* de oposição Marte-Júpiter. Ora, da oposição Marte-Júpiter, escrevem os manuais de astrologia clássica:

«Dedicações que se transformarão em hostilidades. Vida acidentada. Afastamento da família.» [1]

Por isso, escrevia Camões, na canção do horóscopo:

A piedade humana me faltava, *(Água)*
A gente amiga já contrária via, *(Fogo)*
No *Perigo primeiro;* e no *segundo...*

---

[1] O compêndio *A Astrologia*, por Synesius, pág. 217.

— No *segundo Perigo* o quê?

.....; e no *segundo*,
«Terra» em que pôr os pés me falecia, *(Terra)*
«Ar» para respirar se me negava, *(Ar)*
E faltava-me, enfim, o *Tempo* e o *Mundo!*

Do *Perigo 2.º* (Marte), resultou faltarem ao Poeta o *Tempo* e o *Mundo*, isto é, Saturno e Júpiter, respectivamente senhores dos Elementos Terra e Ar.

Saturno em conjunção com Marte (Perigo 2.º) maleficia ainda mais a sua natureza, e, logo, a conjunção Saturno-Júpiter não sendo essencialmente muito ruim, torna-se equivalente à discórdia entre estes dois planetas, resultando: *oposições, perigos, adversidades, esforços estéreis...* [1]

À inimizade da gente amiga aludiu, mais uma vez, o Poeta numa carta que escreveu de Ceuta:

«Porque, quando cuido que, sem pecado que me obrigasse a três dias de Purgatório, passei três mil de más línguas, piores tenções, danadas vontades, nascidas da pura inveja de verem *su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida... Da qual tambem amisades, mais brandas que cera, se acendiam em ódios* que disparavam lume que me deitava mais pingos na fama que nos couros dum leitão.»

O Mundo, que Júpiter simboliza, não é tanto a Terra, como o próprio Céu, o *Mundo puro*. Este se considerava em dois hemisférios: por cima e por baixo da Terra. O de cima é o *Céu sublime;* o de baixo é o *Céu horrendo*, o Inferno.

Estes dois céus constituem o *Mundo puro* e são da regência de Júpiter:

---

[1] Synesius, *A Astrologia*, pág. 216.

Mas quem a Lei despreza, e pouco estima,
De quem de lá de cima está movendo
O Céu sublime, e horrendo, o Mundo puro,
Este muda o seguro e firme estado
Do Tempo .....

Este, desprezador da Lei de Júpiter, é

Saturno que, perdida a luz serena,

No simbolismo pagão, Saturno, representando o *Tempo*, tinha na mão uma foice; Júpiter, representando o *Mundo*, tinha a esfera celeste na mão. Diz Camões nos «Lusíadas», referindo-se a Júpiter: *Governa o Mundo todo que sustenta*. Que *sustenta* na mão, segundo a figura simbólica.

Ora Saturno representa o Elemento *Terra* (cap. IV Triplicidades) e Júpiter o Elemento *Ar*. Com o Perigo Marte a Terra e o Ar tornaram-se contrários ao Poeta. Forçoso era que, com o Perigo Saturno, lhe viessem a faltar os outros dois: Fogo e Água, pois o Poeta declarou que os quatro Elementos lhe faltavam. Na verdade, por malefício de Saturno em oposição à Lua *(fig. 10)* a Água lhe faltaria em virtude de ser a Lua a senhora da Água e dos mares. E o mau aspecto que o mesmo Saturno, recebendo-o da Lua, transmitia ao seu planeta conjunto, Marte, indispunha o Elemento *Fogo* contra o Poeta, pois Marte é o dominador do Fogo.

O Poeta confessa ter contra si, Fogo, Água, Terra e Ar. São estes, precisamente, os quatro Elementos com que o mesmo Júpiter, o *Mundo*, torna possível a vida [1]! Daí, o enigma:

---

[1] Deus «criou o insensível e sensível. Compôs o homem dos quatro elementos de que compôs o Mundo; por isso alguns filósofos o chamaram *Microcosmo*, que se interpreta mundo pequeno...» (A. de Sousa de Macedo, *Domínio sobre a Fortuna*, cap. X, ano de 1682).

Com os quatro Elementos confecciona-se a vida, como com as vinte e cinco letras a escrita de todas as palavras. Camões, nos *Lusíadas*, põe a mesma doutrina (C. X, 80):

Que segredo tão árduo, e tão profundo:
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ela...

Este mesmo problema é posto num soneto seu, enumerando os seus *seis inimigos* astrológicos: horóscopo da *Fortuna*, horóscopo do *Amor*, *Fogo*, *Ar*, *Terra* e *Água*.

Ei-lo:

Ar, que de meus suspiros vejo cheio;
Terra, cansada, já, com meu tormento;
Água, que com mil lágrimas sustento;
Fogo, que mais acendo no meu seio!

Em paz estais em mim, e assim o creio,
Sem esse ser o vosso próprio intento...
Pois em dor onde falta o sofrimento
A vida se sustem por vosso meio.

Ai imiga *Fortuna!* ai vingativo
Amor! a que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!

Se me quereis matar, para que vivo?
E, como vivo, se contrários tenho
Fogo, Fortuna, Amor, Ar, Terra e Água?!...

Era o problema da canção do horóscopo. Por isso lá dizia:

Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ela...
E não poder perdê-la,
Tendo-a tantas vezes, já, perdida!

O Mundo (Júpiter) tem para ela, para a vida, apenas os quatro Elementos.

Vede aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, *que fabricada*
Assim foi do saber alto e profundo...

Nos dois últimos versos alude à vida longa prometida por Vénus.

A tetralogia dos Elementos era tema da predilecção do nosso Poeta. Já transcrevi o soneto em castelhano, alusivo ao dia do seu nascimento, e que começa: *Si el* Fuego *que me enciende, consumido...*

Enfim, diz Camões na canção:

> Enfim, não houve trance de Fortuna,
> Nem Perigos, nem «Casos duvidosos»
> (Injustiças daqueles que o confuso
> Regimento do Mundo, antigo abuso,
> Faz sobre os outros homens poderosos)
> Que eu não passasse .....

Este *caso duvidoso* tem algo que se lhe diga. Num soneto à Dinamene alude a ele:

> Mas, *minha Estrela*, que eu já agora entendo,
> A *morte cega*, e o *Caso duvidoso*,
> Me fizeram de gostos haver medo...

Camões naufragou na foz do rio Mecon. Aí salvou os *Lusíadas* a nado. Diz, no poema, acerca do naufrágio:

> Este receberá plácido e brando
> No seu regaço o Canto que molhado
> Vem do naufrágio triste e miserando,
> Dos procelosos baixos escapado,
> Das *fomes*, dos *perigos grandes*, quando
> Será o *injusto mando* executado
> Naquele cuja lira sonorosa
> Será mais afamada que ditosa.
>
> (Lus., c. X, 128)

Camões foi sempre, e seria, mais afamado que feliz: era a fatalidade pela sua Fortuna, a que chama aqui... *injusto mando*. *Na canção sob exame, lá está:*

> De novo, ao Mundo logo me fizeram
> *Estrelas infelices* obrigado;
> Como ter livre alvedrio m'o não deram,
> *Que eu conheci, mil vezes, na Ventura,*
> *O melhor, e o pior segui forçado...*

A *Fortuna injusta*, o *injusto Mando*, tudo é... Saturno! Também lhe chamou Fortuna inquieta, Fortuna flutuosa, etc. Continua a canção do horóscopo:

> Que'inda agora a *Fortuna flutuosa*
> *A tamanhas misérias me compele,*
> Que de dar um só passo tenho medo...

É o mesmo que diz no soneto das «Prisões baixas»:

> Inda agora arrojando levo os ferros
> Que a Morte, a meu pesar tem já quebrado
> .....
> Que Amor não quere cordeiros nem bezerros
> .....
> Sofri mágoas, misérias e desterros,
> *Parece-me que estava assim ordenado...*

Mas, continua a canção:

> Já de mal que me venha não me arredo,
> Nem bem que me faleça já pretendo,
> *Que, para mim, não vale astúcia humana...*

Sempre o reconhecimento da sua impotência perante a fatalidade astral. ¿Que pode a astúcia humana contra os astros?

A flutuosa Fortuna, a inquieta, é aqui, mais uma vez, identificada com Saturno.

CAPÍTULO XIII

As conjunções do Horóscopo

CONJUNÇÕES se apresentam no horóscopo da Fortuna de Camões assaz singulares.

Depois da determinação dos dois planetas do Ascendente, Saturno e Vénus, busca o astrólogo conhecer as posições deles na figura.

A norma na leitura era, com efeito, evidenciar os bons ou maus aspectos de cada um dos dois planetas.

Dos seus diz Camões, em um soneto de elogio ao Estácio, soldado e poeta:

> Agora toma a espada, agora a pena,
> Estácio nosso, em ambas celebrado...

Depois, tornando o caso a si mesmo, declara-se com uma pequena autorização dos seus dois planetas para lidar com pena e espada:

> Se eu, que a pena tomei, tomei a espada,
> Para poder jogar licença tenho
> *Desta alta influição de dois Planetas*
>
> *Com uma e outra luz, deles, lograda...*
> Tu, com pujante braço e ardente engenho,
> Serás faro a Soldados e a Poetas!

Os astrólogos buscam sempre saber como estão aspectados os dois planetas, almutem e alcocodem — e Camões diz-nos que os dois planetas de alta influição do seu horóscopo estavam, cada um, com a sua luz lograda.

Lograr tinha o significado de lucrar, de auferir [1]: envolve a ideia da conjunção em que a luz é sugada por outro.

Camões aplicou o verbo *lograr* dezenas de vezes, na épica como na lírica.

Pode entender-se que os dois planetas estariam conjugados com um terceiro, sem, contudo, o estarem entre si.

Identificadas as *Estrelas infelices* com Saturno e Marte, e sabido o papel que desempenharam no horóscopo do Poeta, é de presumir que fossem estas mesmas as logradoras das luzes dos

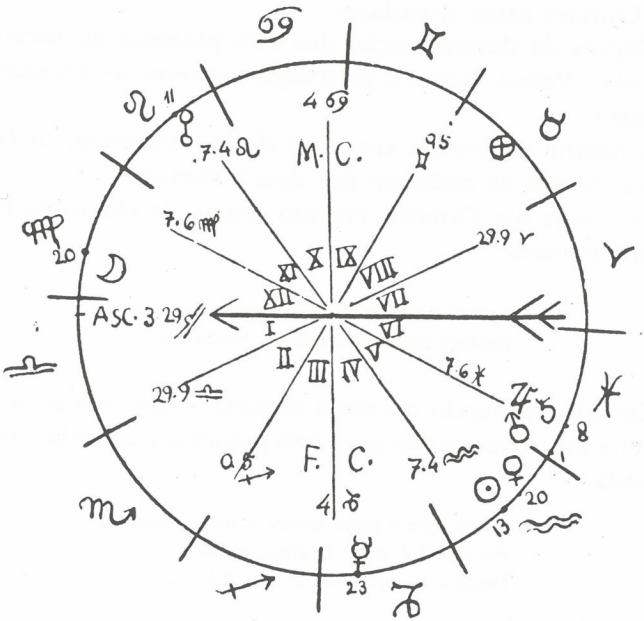


Fig. 10. — «Fortuna» ou horóscopo de nascimento de Luís de Camões, Poeta, nascido em Lisboa às 8 h. 40 m. da noite do dia 23 de Janeiro de 1524. A mesma grande conjunção planetária, que originou o prognóstico dum dilúvio universal para esse ano presidiu ao nascimento do Poeta

---

[1] Fazia-se diferença entre gozar e lograr: «Esta vida não é para gozada; é só para lograda, com ordem a granjear nela o gozo eterno. (A. S. Macedo, *Domínio sobre a Fortuna*, cap. 31).

planetas de alta influição, para o que bastaria Marte lograr simultaneamente Vénus e Saturno. De facto, só uma infortuna pode lograr outra infortuna ou qualquer outro planeta.

Observando a figura horoscopal de Camões, pelo que se demonstra e pelo que se há-de demonstrar, verifica-se isso mesmo: conjunção Marte-Vénus, conjunção Marte-Saturno. Além disso, verifica-se a conjunção Saturno-Júpiter.

Assim, a 1.ª Infelice, Saturno, roubava ao Poeta as boas influências que ele poderia receber da Grande Fortuna, que é Júpiter, a prometedora dos bens temporais. E Marte em conjunção com Vénus ameaçava ruir o Amor.

Queixou-se acerbamente Camões destes *dois lobos* conjuntos, as duas infortunas. Há um soneto traçado pelo Poeta ao modo pastoril em que o astrólogo aparece como sabedor do futuro pelo canto das aves e em que o pastor *Liso*, anagrama de Luís, é ele, o Poeta. A cordeira gentil é a branca Dinamene, «morta nas águas», vítima de Marte no horóscopo do pastor; é aquela mulher a quem fez o soneto «Alma minha gentil». A um tempo o lobo Saturno o atirou à pobreza absoluta, material, e o outro, o lobo Marte, lhe roubava a cordeira gentil. Saturno matava Júpiter, Marte matava Vénus.

Mas, o soneto:

Cantando estava, um dia, bem seguro,
Quando passava Sílvio, e me dizia,
(Sílvio, pastor antigo, que sabia
Pelo canto das aves o futuro):

Liso! quando quiser o *Fado escuro*,
A oprimir-te virão, em um só dia,
Dois lobos... logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro!

Bem foi assim, porque um me degolou
Quanto gado vacum pastava e tinha,
De que grandes soldadas esperava...

E, por mais dano, o outro me matou
A cordeira gentil que eu tanto amava,
Perpétua saudade de alma minha!

O Fado escuro, a Fortuna escura, a minha escura Sorte, é sempre o horóscopo da nascença.

No soneto à Dinamene *Morta nas águas*, e que começa: «Ah, minha Dinamene!», tem este final:

¿Puderam essas águas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?
.....
Oh mar! Oh Céu! Oh minha *escura sorte*...

O mesmo caso da mulher morta nas águas está no soneto «Apartava-se Nise de Montano»:

Mas se em vós ondas mora piedade,
Levai também as lágrimas que choro,
Pois assim me levais a causa delas...

Camões atribuía a sua infelicidade ao mau Céu astrológico, o Céu severo:

Somente o *Céu severo*,
As Estrelas, e o Fado sempre fero,
Com meu perpétuo dano se recreiam,

Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da Terra, vil e tão pequeno...

Num soneto, que começa: «Tomou-me vossa vista soberana», lá torna à mesma queixa:

Bem salvar-me cuidei, mas foi em vão,
Que contra o Céu não vale defensa humana.

O Poeta era, realmente, fatalista. Numa admirável redondilha tem estes dizeres:

Todo o trabalhado bem
Promete gostoso fruito;
Mas os trabalhos que vem
Para quem dita não tem,
Valem pouco, e custam... muito!
.....
Mas querer achar ventura
Sem *Ventura*... é por demais!

Demonstra-se a conjunção Saturno-Júpiter pelo que acabamos de escrever, e pelo que já ficou escrito na análise da canção do horóscopo. Mas ainda se demonstra, e com toda a evidência, por um soneto já citado, e que começa:

Se a *Fortuna inquieta, e mal olhada,*
Que a *Justa Lei do Céu* consigo infama,
A vida quieta, que ela mais desama,
Me concedera, honesta e repousada,

Pudera ser que a Musa, alevantada
Com luz de mais ardente e viva flama,
Fizera ao Tejo, lá na pátria cama,
Adormecer co'o som da lira amada.

Porém, pois o Destino trabalhoso,
Que me escurece a Musa fraca e lassa,
Louvor de tanto preço não sustenta,

A vossa, de louvar-me pouco escassa,
Outro sujeito busque valoroso,
Tal qual em vós ao mundo se apresenta.

Este soneto é uma resposta gentil ao elogio que lhe tecera um outro poeta. Lamenta não poder dar à Musa todo o brilho possível, pois a conjunção infeliz do Céu do seu nascimento o obriga a uma vida inquieta e sempre longe da Pátria. Refere-se à

sua conjunção Saturno-Júpiter. A *Fortuna inquieta* (Saturno) *sua Estrela*, e *mal olhada* (em aspecto de oposição à Lua, e em conjunção com Marte) infamava, com a sua própria presença, a Justa Lei, que é Júpiter.

Para a definição do ano do nascimento de Camões é suficiente a indicação da conjunção Saturno-Júpiter. Foi esta conjunção, tão célebre, que determinou os infaustos prognósticos do Segundo Dilúvio universal. Ocorreu no começo do ano de 1524, estando os dois planetas no signo de Peixes. Saturno e Júpiter, irritados, eram o *Tempo* e o *Mundo* contra a própria vida. E, faltando à vida o Tempo e o Mundo, nada poderia subsistir...

«As conjunções, capitais, de Júpiter e Saturno — diz um astrólogo [1] — têm sempre um alto significado. Presidem aos períodos históricos: Islão, Reforma, Revolução francesa, por exemplo.»

A que os astrólogos dizem que presidiu à Reforma foi a de 1524, a de Camões *(fig. 2)*.

É de notar que uma conjunção desta natureza se considera demorada por muitas semanas, e que o seu ponto crítico se assinalava para 5 de Fevereiro. Camões nasceu em 23 de Janeiro.

O ano da grande conjunção planetária não foi alheio às referências de Gil Vicente. Na *Farsa dos Físicos* lá diz o médico Torres, o qual curava por processos astrológicos:

> E também deste ajuntamento
> Dos planetas desta era...

Desta era quere dizer: deste ano.

Isto diz o Torres, à cabeceira dum doente (por sinal um doente de amor e um clérigo) a quem fora chamado. Torres desconhecia a origem da enfermidade, e pretendia deduzi-la da

---

[1] Maurice Privat, *L'Astrologie scientifique*, pág. 265.

astrologia, um dos processos da época. Para tanto, careceria de saber o dia e a hora em que o doente tinha caído de cama. Pergunta:

Este mal é já de dias?

Responde o clérigo:

Hoy hay diez que así estó

Nova pergunta:

A que horas vos tomou?

Resposta:

Alli á las avemarias,
Y de mañana comenzó.

Torres, deduzindo:

Dés dias, de manhã cedo
Estava Saturno em Ariés...

Súbita pergunta:

Doem-vos as pontas dos pés?

Aqui cabe observar que cada signo rege uma parte especial do corpo humano. O 1.º signo, Áries ou Carneiro, rege a cabeça; o 2.º, Touro, rege o pescoço; e assim por diante; o 5.º, Leão, rege o coração; o último, Peixes ou Pisces, rege os pés. Isto sabia-o toda a gente, por ser elementaríssimo na astrologia; e, em especial, o físico Torres, aliás bem conhecido como astrólogo. Como vai, então, Tomaz Torres dar a Áries as atribuições de Pisces?...

Puro engano de copistas, ou antes, ignorância dos mesmos. Em vez de Áries estaria *Pisces,* que o comentador escrevia, erradamente, *Piscis;* e, então, nesta modalidade de erro não achava, aí, rima para *pés!* Era necessário um signo rimando com esta palavra, e achou que seria Áries.

As edições trazem Piscis por Pisces. O erro não é de Gil Vicente. E Torres não diz aqui, disparates.

Mas, continua o Torres:

Bisexto é o ano agora,
Em Pisces estava Júpiter,
Saturno há de desfazer
Quanto natura melhora:
Bem há aqui que guarecer,
Também em Pisces a Lua.
Isso foi em quarta-feira;
Mercúrio à hora primeira:
Não vejo causa nenhua
Para febre verdadeira.
E também deste ajuntamento
Dos planetas desta era...
Não sei... não sei... mas por mera
Astrologia... não sei, eu sento...

Nesta farsa, o autor foca os estribilhos usados por cada um desses médicos notáveis de Lisboa.

Temos, então, Júpiter e Lua em Peixes, e também no mesmo signo (e não em Áries) Saturno. Além disso, o ano bissexto, indicação que também fazia parte das superstições da época.

Saturno em Pisces, e ano bissexto, só em 1524. No mesmo signo estivera o planeta 30 anos antes, como tornaria a estar 30 anos depois. A coincidência de Saturno em Áries com ano bissexto, não se deu nem antes nem depois.

Júpiter em Pisces ocorreu em 1524, como aí estivera, também, 12 anos antes, e estaria 12 anos depois.

Para melhor definição da data que Gil Vicente focava ou

objectivava (se bem que isto não tivesse nunca importância grande), ele diz mais adiante:

> E segundo eu sento cá,
> E segundo está o Zodíaco,
> E segundo está retrogrado
> Júpiter .....

Era, pois, uma ocasião em que Júpiter andava *retrógrado*, isto é, caminhando ao invés (aparentemente) no Zodíaco. Pode saber-se quando foi isso, em 1524, pois que só neste ano estiveram Saturno e Júpiter, retrogradados, em Peixes [1].

Principiara a doença em quarta-feira, dia consagrado a Mercúrio, como também consagrada a este planeta é a *hora prima* desse dia. Esta se considera a primeira hora a seguir ao nascer do Sol.

Todos estes factos ocorrem nos começos de Abril do supradito ano.

---

[1] Táboas de Zacuto, ed. 1496.

CAPÍTULO XIV

A posição do Sol

OS antigos usavam o cômputo dos meses astrológicos e muito tempo depois foi ele ainda da preferência dos poetas.

Camões marcou acontecimentos por esse sistema, e, entre eles, o do seu próprio nascimento. Em lugar de dizer, como vulgarmente se diz, que nasceu no mês de Janeiro, preferiu afirmar que tal facto se deu no mês do Aquário.

O Aquário ia, então, de 9 de Janeiro a 9 de Fevereiro.

Alguns exemplos aqui aponto do uso que fez Camões deste sistema para a marcação dalguns acontecimentos.

> Era no mês que Apolo
> Entre os *Irmãos celestes* passa o tempo
> .....
> O luminoso dia
> Os amorosos corpos despertava.

Este pedaço pertence à ode «Naquele tempo». Ora Apolo, o Sol, percorria então o signo de *Gémeos*, de 11 de Maio a 12 de Junho. Era, pois, no tempo em que os corpos amorosamente despertam.

Querendo marcar outro instante notável, o de certa sexta-feira de Paixão, diz, dirigindo-se ao mesmo Sol:

> Pois tu, no *Touro* fazes a morada
> (Deixando Aquário e Pisces de mau brio [1])
> Com Vénus entre os cornos assentada.

---

[1] Brio = brilho.

O Touro é «alegria» astrológica de Vénus; daí, a alusão.

A sexta-feira Santa que Camões teria no sentido, seria a de 1566, que caiu em 12 de Abril, estando o Sol em Touro. Nesse dia achava-se Vénus entre as estrelas denominadas Cornos do Touro, e em mais nenhum ano da vida do Poeta houve esta coincidência.

Marcando aquele instante sublime em outra sexta-feira Santa, no qual foi tocado do primeiro amor da sua vida, escreve:

> No *Touro* entrava Febo, e Progne vinha.
> O corno de Aquelôo Flora entornava...

Era, portanto, crível que alguma vez se referisse, por este sistema, ao mês do seu nascimento.

Com efeito, deixou-nos o soneto em castelhano:

> Si el *Fuego* que me enciende, consumido
> De algun más suelto *Aquario* ser pudiese...

Diz que, se este Aquário do seu nascimento, de cuja secura se queixa, tivesse sido um pouco mais pluvioso (como estava anunciado o de 1524) pudera ser lhe tivesse extinguido o *fogo* da Vida, com o que teria lucrado, por já estar auferindo, na bem-aventurança eterna, a alma de sua própria mãe, que o Destino não quis que conhecesse...

Faria e Sousa, em comentário a este soneto, diz apenas, e no tocante ao Aquário, que *as águas são próprias da constelação e signo deste nome...* [1].

---

[1] Cabe aqui observar, não a propósito deste comentário, mas de outros, que os intérpretes de Camões, no século XVII, se abstinham de achar sentidos astrológicos mesmo nas passagens mais evidentes; e isto faziam por compelição da própria censura do Santo Ofício, com o que veriam o seu trabalho rejeitado. Iniciava-se, então, furiosa campanha contra a astrologia, e o mesmo Santo Ofício interdizia escritos impressos que anos atrás aprovara. Assim se sofismaram sentidos astrológicos em Camões, como nos *Lusíadas*, no canto X, as estrofes da *Profética ciência*...

Nota cronológica: no tempo em que o Sol está em Aquário, o signo da Balança só aparece de noite no horizonte oriental. Em Janeiro ascendia este signo entre as 8^h e 10^h depois do meio dia. O Sol punha-se às 5 h. Tendo o Poeta, como signo do Ascendente a Balança, e sendo em Janeiro, só poderia ter nascido àquela hora da noite.

CAPÍTULO XV

A posição da Lua

É MÍSTER conhecer a posição da Lua no horóscopo do Amor (início do grande amor do Poeta) para que saibamos a sua posição no horóscopo da Fortuna, pois lá disse:

> No *Amor*, que é composto de tristeza,
> Na *Fortuna* que acheis mais agradável.
> Nela e nele achei sempre a mesma Lua,
> Em quem nunca se viu outra firmeza
> Que não seja a de ser sempre mudável.

Naquele tempo verificavam-se, astrologicamente, os auspícios das empresas de amor. O casamento era objecto dum exame dessa natureza. O rifão «Casamento e mortalha no Céu se talha» é aforismo astrológico [1].

Camões andou livre de amores até ao instante traumático — aquele instante celebrado continuamente em seus versos — em que o Destino lhe pôs no caminho a mulher que nunca mais olvidou:

> Destarte, o coração, que livre andava,
> *Posto que, já de longe destinado,*
> *Onde menos temia... foi ferido...*

Este *onde menos temia* refere-se a um local sagrado, um

---

[1] Há muitas expressões em uso que tem a sua origem na astrologia. Assim: *fortuna, desastre, sorte, estreia*, etc.

templo. Refere-se à igreja em que se celebrava, na sexta-feira de Trevas, a cerimónia da Paixão.

Foi um caso notável, semelhante ao de Leandro e Haro, enamorados na celebração que se fazia em um templo.

A descrição da sua isenção amorosa anteriormente a esse facto é dada em vários passos da lírica, mas, principalmente, em três canções, que, antes, são três modalidades duma única, e que começa: «Manda-me Amor que cante».

Numa das modalidades, diz:

> Eu vivia do *Cego Amor isento,*
> Porém *tão inclinado* a viver preso
> Que me dava desgosto a liberdade...
> Um natural desejo tinha aceso
> De algum ditoso e doce pensamento
> Que me ilustrasse a insana mocidade.
> *Tornava do ano, já, a primeira idade.*

Entrava a Primavera. Sucedia, então o caso: a aparição daquela beldade, *fera humana, suave e venenosa, que o criaria aos peitos da esperança!*

Parece-me que tinha forma humana — diz, na canção do horóscopo — *mas cintilava espíritos divinos...*

E diz, na canção «Manda-me Amor».

> Um não sei quê, suave, respirando,
> *Causava um desusado e novo espanto*
> Que as coisas insensíveis o sentiam...

Na segunda modalidade da canção o mesmo estado anterior e o mesmo momento. Mas agora dá uma indicação cronológica:

> Sem conhecer «Amor» viver soía,
> Seu arco e seus enganos desprezando,
> Quando, vivendo deles, me mantinha.
> Um amor enganoso que fingia,
> Mil vontades alheias enganando,
> Me fazia zombar de quem o tinha!

A indicação cronológica vem a seguir:

No Touro entrava Febo, e Progne vinha,
O corno de Aquelôo Flora entornava,
Quando o «Amor» soltava
Os fios de ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquivas:
Os olhos rutilando chamas vivas,
E as rosas entre a neve semeadas...

Está dada a primeira indicação cronológica: *o Sol entrava no signo de Touro* — o que então se fazia em 11 de Abril. Hoje, pelo fenómeno da precessão dos Equinócios, e pela alteração do calendário juliano, é a 19.

Embora o dia seja determinado por este processo, carecemos, ainda, de factos concomitantes, e até para a determinação do ano.

Ora o caso coincidiu não apenas com a entrada do Sol em Touro, mas também com a celebração da Semana Santa:

Todas as almas, tristes se mostravam
Pela piedade do Feitor divino,
Onde, ante o aspecto seu, benino,
O devido tributo lhe pagavam.

Meus sentidos, então, livres estavam,
Que até aí foi constante o seu destino,
Quando uns olhos, de que eu não era dino,
A furto da razão me salteavam.

A nova vista me cegou de todo!
Nasceu do descostume a estranheza
Da suave e angélica presença...

Para remediar-me não há aí modo!
Oh, porque fez a una natureza
Entre os humanos tanta diferença?...

«Para remediar-me não há aí modo...». Prova-se bem a estirpe insuperável daquela mulher e a inacessibilidade ao matrimónio para o mísero Camões...

A mesma ocasião da Semana Santa é posta em relevo noutro soneto:

O culto divinal se celebrava
No Templo donde toda criatura
Louva o Feitor divino que *a feitura*
Com seu sagrado sangue restaurava.

«Amor» ali, que o Tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura,
Com uma rara e angélica figura
A vista da razão me salteava...

Eu, crendo que o lugar me defendia
De seu livre costume, *não sabendo*
Que nenhum confiado lhe fugia,

Deixei-me cativar... Mas hoje, vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

Compare-se o verso *Onde menos temia foi ferido*, do soneto «Está o lascivo e doce passarinho», com este acima, *Onde a vontade tinha mais segura.*

Onde, tem, num e noutro caso, um sentido topográfico.

A expressão «que o Tempo me aguardava» interprete-se: «que Saturno me preparava», equivalente ao que noutra parte dissera: «Guardando em mim, Fortuna, o seu direito...».

Fica evidenciada uma semana Santa no início deste extraordinário amor: há, portanto, concomitância da entrada do Sol no signo de Touro com a celebração da Paixão.

Mas, há mais! Nós podemos determinar o dia da Semana Santa — quarta, quinta ou sexta-feira Maior.

Descrevendo a noite de luar em que isto foi — e o mais que podia ser, Lua cheia — tem, o Poeta, um soneto:

Diana prateada, esclarecia
Com a luz que do claro Febo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho reluzia.

Cem mil milhões de graças lhe influía,
«Quando me apareceu o *excelente*
Raio do vosso aspecto, diferente
Em graça e amor do que soía».

A Lua recebia o máximo de influições do Sol (cem mil milhões de graças) quando lhe apareceu o *excelente Raio da Beleza,* diferente em tudo — em graça, em amor — daquilo a que o Poeta estava acostumado no respeitante a mulheres.

Os dois tercetos:

Eu, vendo-me tão cheio de favores,
E tão propínquo a ser de todo vosso,
Louvei a *hora clara* e a *noite escura,*

Pois nela destes côr a meus amores;
Donde colijo, claro, que não posso
De dia, para vós já ter ventura...

O último terceto acorda o conhecimento da fábula de Endimião, que só de noite era amado de Diana, a mesma Lua.

Mas o soneto diz «Louvei a *hora clara* e a *noite escura*».

A *hora clara* corresponde à Lua cheia e a *noite escura* à do *Ofício das Trevas* em que este facto se deu. A *noite escura* não tem aqui outro sentido.

A mesma Diana, ou Délia, mereceu ao Poeta uma ode admirável, que começa «Detem um pouco, Musa» (é a *ode à Lua*), e nela pinta aquele instante de Amor, a Délia radiando em plenilúnio e a *Noite escura:*

Oh Délia, que a-pesar-da névoa grossa,
Co'os teus raios de prata
A *noite escura* fazes que não possa
Encontrar o que trata
(E o que na alma retrata)
«Amor» por teu *divino*
Raio, porque endoudeço e desatino...

O *divino Raio* (da Lua) é o *excelente Raio*, é ela, a mulher deslumbrante! A *noite escura*, a de sexta-feira, não conseguiu apagar, nem escurecer, a imagem que pelo «Raio» da Lua, Amor lhe projectava na alma... E, todavia, apesar duma Lua Cheia ofuscada pela névoa grossa que nessa noite fazia, Délia, a Lua, conseguiu com seu *Raio refulgente* projectar-lhe na alma aquela imagem...

O início da paixão de Camões em Semana Santa não só ele o disse, como ficou, também, na tradição, mas mais ou menos deturpada.

Assim, Diogo de Paiva de Andrade, que nascera em 1576, deixou esta notícia no seu manuscrito «Lembranças» [1]:

«Luiz de Camões, poeta bem conhecido, tendo 18 anos, namorou Catarina de Ataíde e principiou a inclinação em 19 ou 20 de Abril do ano de 1542, *em sexta-feira da Semana Santa*, indo ela à igreja das Chagas, de Lisboa, onde o poeta se achava».

Há erro evidente na colocação da sexta-feira Santa de 1542 em 19 ou 20 de Abril, pois que nesse ano caiu em 7 de Abril; a de 1543 caiu a 23 de Março; a de 1544 a 11 de Abril; a de 1545 a 3 de Abril. Assim como: a de 1541 a 15 de Abril; a de 1540 a 26 de Março. Só as de 1538 e 1549 caíram em 19 de Abril!

A confusão de Paiva de Andrade provém duma tradição, por ele mal compreendida, do nascimento da amada de Camões em 19 de Abril, sexta-feira Santa, ano de 1527! Adiante se verá.

---

[1] Publicado por Camilo Castelo Branco, *Notas e biografia de Camões*, opúsculo.

Nenhuma coincidiu, portanto, com o dia preciso da entrada do Sol em Touro, o que também é condição posta pelo Poeta.

Dizer que os amores começaram em Lisboa, indo ela à igreja das Chagas, é outro erro.

Na igreja das Chagas, em Lisboa, teriam simplesmente continuado.

Este caso passou-se em Coimbra, como expressamente o Poeta declara:

Vão as serenas águas
Do Mondego descendo,
E, mansamente, até o mar não param...
Por onde as minhas máguas,
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.
Aqui se me mostraram,
neste lugar ameno

Onde inda agora, mouro,
Testa de neve e ouro,
Riso brando e suave, olhar sereno,
Um gesto delicado
Que sempre n'alma me estará pintado...

Mais tarde, quando a vida o atirou para longe, era Coimbra que lhe merecia a precedência na saudade:

Doces e claras águas do Mondego,
Doce repouso da minha lembrança,
Onde a comprida e pérfida esperança
Longo tempo, após si, me trouxe cego.

De vós me aparto só, ...

Marcou Camões para dia de início da sua alta paixão amorosa a entrada do *Sol em Touro*, coincidindo com a Lua cheia (o Sol, cem mil milhões de graças lhe influindo) e com uma sexta-feira de Paixão. Enfim, uma tríplice coincidência.

A entrada do Sol no signo de Touro fazia-se em 11 de Abril de cada ano. A data de sexta-feira maior é variável por depender da Páscoa, festa móvel.

Todavia, no intervalo de anos que vai de 1535 a 1550 uma só sexta-feira maior calhou em dia 11 de Abril: a do ano de 1544.

Um plenilúnio caiu, igualmente, em sexta-feira de Trevas e coincidiu com a entrada do Sol em Touro — com uma aproximação que não se verificou nos outros anos do intervalo citado: 1544.

A fase da Lua cheia começa no dia da oposição Sol-Lua e vai até ao dia em que começa o Quarto Crescente. O dia da oposição fora em 7 de Abril nesse ano.

Temos, pois, encontrada a data e a noite de luar a que se refere Camões como a do início do seu grande amor, a sua *querela*. Foi o 11 de Abril de 1544, à entrada da noite.

Camões embarcou para a Índia em 1552. Foi então, apesar do Amor ainda tentar reconciliações, que ele, corajosamente, deu fim à querela. Era um namoro que durava há sete anos — os do soneto *Sete anos de pastor Jacob servia...*

Que de prazeres, mas que de sofrimentos, também, durante todo esse tempo!...

> Que género tão novo de tormento
> Teve Amor, sem que fosse, não somente
> Provado em mim, mas todo executado...
> .....
> Pois quando aquele mal me atormentava,
> E aquela dor que das tartáreas águas
> Saiu ao mundo, e mais que todas dói,
> Que tantas vezes sói
>
> Duras iras tornar em brandas máguas!
> Agora co'o furor, da mágua, irado,
> *Querer, e não querer, deixar de amar;*
> E mudar noutra parte, por vingança,
> O desejo, privado de esperança.
> *Que tão mal se podia já mudar...*

Era a confissão dum único amor!

Chega à Índia e logo escreve a um amigo, aludindo à já tão

famosa querela, e como tudo acabara; e como tudo foram tormentos:

«Porque, quando cuido que, sem pecado que me obrigasse a *três dias* de Purgatório, passei *três mil* de más línguas, piores tenções, danadas vontades, nascidas da pura inveja de verem *su amada yedra de si arrancada, y en outro muro asida...*».

Três mil dias é maneira metafórica de dizer os sete para oito anos que durara o atribulado namoro.

Este número de anos acrescentado a 1544 dá o de 1552, o do embarque.

Cabe aqui apresentar uma lista das datas das sextas-feiras de Trevas em cada um dos anos que vão de 1535 a 1550, com as respectivas datas dos dias de Lua cheia anteriores a elas.

Sexta feira **Trevas**		Lua cheia
Ano	Dia e mês	Lua cheia precedente
1535	26 Março	28 Março
1536	7 Abril	5 Abril
1537	30 Março	25 Março
1538	19 Abril	12 Abril
1539	4 Abril	2 Abril
1540	26 Março	22 Março
1541	15 Abril	11 Abril
1542	7 Abril	30 Março
1543	23 Março	19 Março
1544	**11 Abril**	**7 Abril**
1545	3 Abril	27 Março
1546	25 Abril	14 Abril
1547	8 Abril	3 Abril
1548	30 Março	24 Março
1549	19 Abril	12 Abril
1550	4 Abril	1 Abril

No ano de 1544 entrava, como de costume, o Sol em o signo de Touro a 11 de Abril, e neste dia foi sexta-feira de Paixão. A fase de Lua cheia começou a 7. Era, portanto, plenilúnio (o Sol, cem milhões de graças lhe influindo) e nascera a Lua pouco depois do Sol se pôr.

A hora clara da noite constrastava com as sombras do templo, onde as luzes se apagavam em memória das tristezas do Calvário. Era a *Noite Escura* da vida de Jesus... Rezava-se o Ofício das Trevas.

E o Poeta:

> Eu, vendo-me tão cheio de favores,
> E tão propínquo a ser de todo vosso,
> Louvei a *hora clara* e a *noite escura*...

¿Mas qual era a posição da Lua, em 11 de Abril de 1544, à noite, às 10 horas?

— Pendia redonda, com claridade difusa por entre a névoa grossa, sobre o horizonte do Oriente. Achava-se cerca do grau 11 do signo do Sagitário. Alojava-se na Casa XII, a *casa dozena*, inferno do horóscopo *(fig. 11)*. Os planetas nesta casa são singularmente perniciosos. Quando dantes, dependia dos homens escolherem o início das empresas, procuravam-no em conformidade com a não existência dos planetas na Casa XII, ou, ao menos, com a permanência, aí, de planetas decididamente benéficos, e que, pela sua posição na dita Casa, se tornam indiferentes: nem bons, nem maus!

Gil Vicente, na farsa *Côrtes de Júpiter*, acerca do dia e hora escolhidos para o embarque, para Saboia, da infanta D. Beatriz põe estas palavras na boca da Providência:

> Eu vou prover logo essora
> Naquela *casa dozena*
> Dos males, que é malfeitora...

Observando a figura do horóscopo do Amor, de Camões *(fig.*

11) verifica-se a Lua em Casa XII, e em *mau aspecto* de quadratura (90º de distância) com Vénus. Ora, num horóscopo de Amor, é Vénus o *significador* do tema, e, logo, estando malificiado este objecto, o amor está comprometido. Vénus está a 16º de Peixes, em nítida quadratura com a Lua. As quadraturas são más.

Mas, acaso, se teria erguido a Lua para se internar na Casa XII, neste horóscopo do Amor?

Erguendo a mão, e penetrando na Casa XII, estava nisso a maior ameaça para os amores nessa hora de início.

Depois de vários queixumes à mesma Lua, dirige-lhe o Poeta estas palavras naquela ode *Detém um pouco, Musa:*

Triste de mim! Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me
Como a cruel imigo?...
Mas eu, *meu Fado sigo*
Que a isto me destina,
E que isto só pretende, e só me ensina!
Oh, quanto há, já, que o *Céu me desengana...*

O *Céu astrológico* estava-o desenganando desde aquela hora, uma longínqua sexta-feira de Trevas; e de mais longe, ainda, do nascimento...

Não admira que lançasse a maldição sobre *dia e Lua* em què principiava o grande amor, tão celebremente infeliz:

Mil vezes maldizendo a *Lua e o dia*
Que foi duro princípio a tal querela... [1]

A *querela* era o caso em questão. Na redondilha «Para que me dán tormiento» define-se:

Sepan que me manda «Amor»
Que de tan *dulce querella*
A nadie dé parte della
Porque la sienta mayor...

---

[1] É dum soneto.

Ao mote «De dentro tengo mi mal», doutra redondilha, segue-se a volta:

Mi nueva e *dulce querella*
Es invisible á la gente:
El, alma sola la siente,
Que el cuerpo no es dino della...

Os amores de Camões começaram, portanto — *que até aí foi constante o seu destino* — a 11 de Abril do ano de 1544, sexta-feira da Semana Santa, à noite, à hora em que a Lua cheia pairava sobre o horizonte oriental.

Portanto, é essa a sua posição no horóscopo da Fortuna:

Nela e nele achei sempre a mesma Lua.

Dum e doutro dizia o Poeta, acerca dos seus queixumes à Lua:

..... Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me
Como a cruel imigo?

Só em tal posição, a Lua daria aso a que o Poeta afirmasse:

Em quem nunca se viu outra firmeza
Que não seja a de ser sempre mudável.

Os astrólogos chamam à Lua *Lucina.*

«Chama-se a Lua quási [1] Lucina porque esta com lume alheio resplandece, porque a toma do Sol e a ministra em corpos inferiores» [2]. Eram expressão e definição astrológicas.

---

[1] quási=como. Exemplo nos *Lusíadas:*

Eis aqui, quási cume da cabeça
Da Europa toda o reino Lusitano...

[2] Valentim Fernandes, *Reportório,* ed. de 1563.

Camões, na *ode à Lua:*

Das castas virgens sempre os altos gritos
Clara *Lucina*, ouviste,
Avivando-lhe as almas e os espritos,
Mas os daquele triste...

A Lua era tida por condutora dos fluxos, não apenas do Sol, como dos restantes planetas. *A Lua é a via por onde se comunicam às criaturas os fluxos dos planetas*, diz o mestre Frei António Teixeira [1].

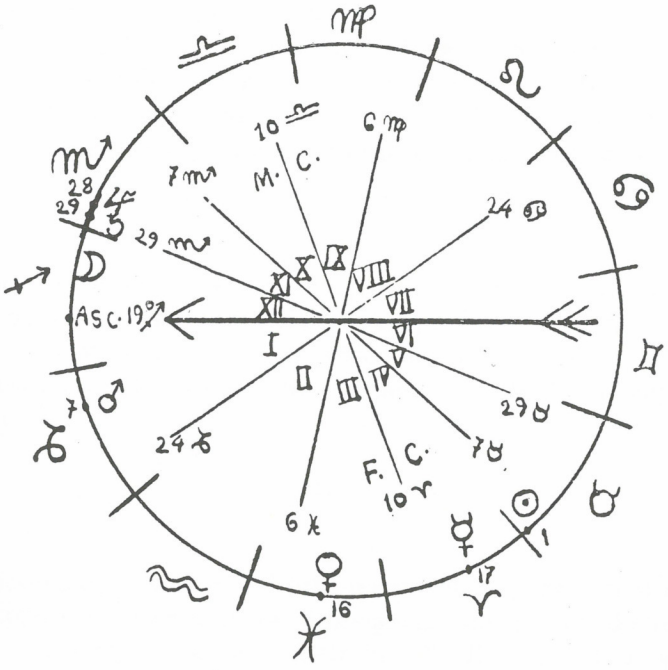


Fig. 11. — Horóscopo do *Amor*, em Camões. Início de amores em um templo, numa sexta-feira de Paixão, quando se procedia ao ofício das Trevas. Noite de 11 de Abril de 1544, às 9 h. 48 m.

[1] *Epitome das Not. Astrol.*, pág. 72.

No horóscopo da Fortuna, de Camões *(fig. 10)* pode ver-se a Lua em Casa XII e em perfeita oposição a Saturno, pelo que, afirmava o Poeta:

Se a *Fortuna inquieta* e *mal olhada*...

O mau aspecto com a Lua (quadratura ou oposição) chama-se um *mau olhado*.

CAPÍTULO XVI

Resumo e conclusões astronómicas

FAÇA-SE um resumo dos capítulos anteriores e convertam-se em números as informações astrológicas do Poeta para a data do seu próprio nascimento.

Este capítulo é um feixe de abóbada e o prémio espiritual do esforço dispendido na compreensão dos anteriores. É a data do nascimento de Camões, até agora ignorada. (Ter sempre presente a fig. 10, pág. 136 ou a fig. 12 no fim deste corrente capítulo).

I

Ficou provado que em astrologia se dava nome de «Fortuna» ao planeta principal dum horóscopo de natividade, o qual, por isso, também se chamava «horóscopo da Fortuna» e, ainda, simplesmente «Fortuna». (Nesta mesma obra, P. II, caps. I a VIII).

II

Ficou provado que a «Fortuna» ou planeta principal dum horóscopo tinha comummente a designação de «Estrela do horóscopo» ou simplesmente a Estrela. (P. II, caps. I a VIII).

III

Ficou provado que dois são os planetas de «alta influição» num horóscopo: que o primeiro ou principal é a mencionada

Fortuna ou Estrela, também chamado «Almutem» segundo a nomenclatura dos árabes; que o segundo, «Instituidor» do carácter, e «Dispositor» da idade, é ainda, pela mesma nomenclatura, denominado «Alcocodem». (P. II, cap. VI, *Para achar a Estrela*, pág. 85).

IV

Ficou demonstrado como é previamente estabelecido que cada zona do Zodíaco pertença ao domínio principal dum determinado planeta, sempre o mesmo; que essa zona, ou grupo de graus zodiacais, se considera da mesma *essência* do planeta que lhe é atribuído, e se toma pelo dito planeta embora o planeta aí não esteja. Ficou demonstrado como a Estrela principal dum horóscopo, o Almutem, é precisamente o planeta que possue o tal super-domínio sobre a zona do Zodíaco em que se projecta o horizonte oriental no momento do nascimento (se de nascimento se trata).

E ficou esclarecido como, independentemente dessas zonas zodiacais em que predominam certos planetas — sempre os mesmos — ainda o Zodíaco se divide em doze secções iguais chamadas «signos», regido cada um por determinado planeta chamado o «Senhor do signo»; e diz-se que o signo é «casa» do planeta seu Senhor. Ora o Senhor do signo em que se projecte, no momento do nascimento, o horizonte oriental é que é tido pelo 2.º Planeta do horóscopo, o 2.º de «alta influição» — o Alcocodem.

O Almutem é o senhor da zona do Ascendete; o Alcocodem é o senhor do signo do Ascendente. São dois conceitos diversos, (P. II, cap. VI, *Para achar a Estrela*, pág. 85).

Por vezes acontece ser o Almutem o planeta que tem «exaltação» no signo do Ascendente; e, por vezes ser o que aí tem «casa» ou «domicílio»; e, neste último caso, o Alcocodem será o planeta que tiver dignidade imediatamente inferior ao senhor do signo. (Fig. 4, pág. 83).

V

Provado ficou como a Estrela principal, ou Fortuna, ou Almutem do Poeta, fora Saturno, e como ele a denominou *Fortuna inquieta, Fortuna injusta, Fortuna flutuosa,* o *Caso Duvidoso,* o *Tempo,* o *Velho que os filhos próprios come...* (P. II, caps. VIII pág. 99, XV pág. 107, X pág. 111).

VI

Ficou demonstrado como a 2.ª Estrela de «alta influição» do Poeta fora Vénus — traduzindo esse facto a ascensão dum signo de que Vénus é *senhor.* Só um dos dois pode ser: Touro ou Balança, Cap. XI, *Vénus,* pág. 117).

Ora como é forçoso que seja Saturno o super-dominante ao grau, ou zona zodiacal, em que se projectava o horizonte do Poeta, e como Saturno apenas super-domina nos graus pertencentes aos signos de Balança, Capricórnio e Aquário (fig. 4, pág. 83) — se conclui ser o signo de Balança que ascendia, por ser comum a Saturno e a Vénus.

Dos dois signos de que Vénus é «senhor» — o Touro é considerado a «alegria» de Vénus, e Balança a «tristeza» do mesmo planeta. Ora Camões aludiu constantemente à sua Vénus *triste.* (P. II, caps. I a VIII).

VII

É sabido como o 2.º Planeta, o Alcocodem, é havido, em astrologia, pelo *Instituidor* (do carácter da pessoa que nasce) e *Dispositor* (isto é, o que consigna o número de anos de vida). Camões chama a Vénus (ao «Amor») o «Instituidor» do seu carácer, e «Dispositor» da sua idade: ele fora destinado aos ferimentos do Amor, o Cego Frecheiro:

No berço *instituído*
A não poder deixar de ser ferido...

E, noutra parte, aludindo a Vénus como *Dispositor* (da idade):

> E, para que o tormento conformado
> Me dessem *co'a idade*, quando abrisse,
> Inda menino os olhos, brandamente,
> Mandam que, diligente,
> Um menino sem olhos me ferisse...

(P. II, cap. XI, *Vénus*, pág. 117. Fig. 9, pág. 118).

Está então provado que no horizonte oriental do Poeta se levantava o signo da Balança. Este, era o signo do Ascendente. (P. II, cap. III, *Preliminares astrológicos*, pág. 67; especial, pág. 74; cap. VIII, *A Fortuna inquieta de Camões*, pág. 99. Fig. 8, pag. 106).

VIII

Manda o protocolo astrológico que, depois de se saber quais os dois planetas de «alta influição» num horóscopo, se procure a sua posição de facto na roda de Zodíaco; isto é, se saiba em que casas astrológicas se encontram, e em que signos, e que aspectos possuem com outros planetas. Há-de provar-se como os dois planetas de Camões se encontravam — cada um em separado — em *mao aspecto* de conjunção com outros.

> Para poder jogar licença tenho
> Desta «alta influição», de dois Planetas
> (Com uma e outra luz, deles, lograda)...

Há-de ver-se como outras circunstâncias infelizes concorriam para a péssima posição dos dois planetas — de que o Poeta tanto se queixou. (P. II, cap. XIII, *As conjunções do Horóscopo*, pág. 135).

IX

Quanto à posição do 1.º Planeta do tema, Saturno, vamos

dizê-lo. Estava em mau aspecto com a Lua (um mau aspecto com a Lua denomina-se *mau olhado;* é o cobranto). E estava em conjunção com Júpiter.

É sabido ser Saturno a *Fortuna inquieta,* e Júpiter a *Justa Lei,* ou *Justa Lei do Céu.* A *Fortuna inquieta,* no horóscopo de Camões, infamava com a sua presença a Júpiter, que é a *Justa Lei.* Diz o Poeta:

> Se a *Fortuna inquieta,* e «mal olhada»,
> Que a *Justa Lei do Céu* consigo infama,
> A vida quieta, que ela mais desama
> Me concedera .....

Está provada a conjunção Saturno-Júpiter, e o mau aspecto Saturno-Lua. Mas a confirmação da conjunção está no artigo seguinte (X). (P. II, caps. VIII, pág. 102; XII, pág. 123; XIII, pág. 135).

X

As conjunções Saturno-Júpiter sucedem de vinte em vinte anos e, portanto, são um bom elemento cronológico para o apuramento da data do nascimento do Poeta. Compatível com este nascimento, houve apenas uma conjunção Saturno-Júpiter; e foi a de 1524.

O Poeta nasceu (como se provará) em 23 de Janeiro, desse ano; e, portanto, 13 dias antes daquele que estava anunciado para a destruição do mundo.

Nesse dia do nascimento do Poeta estavam em conjunção Saturno, Júpiter, Marte, no signo de Peixes, e a Lua encontrava-se ainda no signo oposto (o da Virgem), em «oposição» a esta tríplice conjunção (fig. 10). Mas, em 5 de Fevereiro, a Lua, astro

muito veloz, atingia os três planetas reunidos, juntando-se a eles e constituindo com eles uma quádrupla conjunção: Saturno--Júpiter-Marte-Lua. Estes quatro planetas correspondem precisamente aos quatro Elementos, e os únicos, de que a Vida se compõe: *Terra* (Saturno); *Ar* (Júpiter); *Fogo* (Marte); *Água* (Lua). (P. II, cap. IV, *As Triplicidades dos Elementos*, pág. 75).

Então, pela argumentação de alguns astrólogos (todavia combatida por outros astrólogos dessa mesma época), deveria o mundo acabar em 5 de Fevereiro de 1524, pois os quatro Elementos estariam em contradição com a própria Vida. Com efeito, os quatro planetas daquela dita quádrupla conjunção, e representativos dos quatro Elementos, eram todos malificiados, pois na conjunção entravam Saturno e Marte — as *Estrelas infelices, de Camões* — respectivamente denominados Infortuna Primeira ou Maior, e Infortuna Segunda ou Menor. Camões lhes chamou *Perigo Primeiro* e *Perigo Segundo*. (P. II, cap. VII, *As Fortunas*, pág. 95).

Infelice é o que produz a infelicidade e não o que a recebe.

A agressividade dos quatro Elementos estava neste fenómeno: o Perigo Primeiro (Saturno), em conjunção com a Lua (Água) punha o Elemento *Água* contra o género humano, e em conjunção com Marte (Fogo), tornava adverso o Elemento *Fogo*.

O Perigo Segundo (Marte) em conjunção com Saturno (Terra) tornava negativo o Elemento *Terra*, e em conjunção com Júpiter (Ar) o Elemento *Ar*. Resultado: o mundo não poderia subsistir pois é composto, e apenas, dos ditos quatro Elementos. Escreveu Camões: *A vida se sustém por vosso meio...*

Ora, quando o Poeta nasceu ainda a Lua não estava em conjunção com os três mencionados planetas mas estava 180 graus atrás, isto é, em «oposição» a eles — distância que o astro iria transpor em 13 dias para formar a quádrupla conjunção. Estava em *mau aspecto* de oposição, pernicioso para o Poeta, e que lhe tornaria, do mesmo modo, adversos os quatro Elementos, como adversos seriam à Humanidade em geral, 13 dias depois, em 5 de Fevereiro.

Do seu próprio céu astrológico em 23 de Janeiro, escreveu o Poeta:

A Piedade humana me faltava *(Água)*
A gente amiga já contrária via *(Fogo)*
No Perigo Primeiro. E no Segundo
«Terra» em que pôs os pés me falecia *(Terra)*
«Ar» para respirar se me negava, *(Ar)*
E faltava-me, enfim, o «Tempo» e o «Mundo»! *(Saturno* e *Júpiter)*

Que segredo tão árduo, e tão profundo,
Nascer para viver, e para a Vida
faltar-me quanto o mundo tem para ela...

O mundo tem para a Vida unicamente os quatro Elementos que faltaram, nessa hora, ao Poeta... e ele continuava, paradoxalmente, a viver... Este é que era o problema, o segredo tão árduo e profundo. Num soneto consagrado aos quatro Elementos (o que começa: «*Ar*, que de meus suspiros vejo cheio») lá torna ao problema. Dirigindo-se a eles mesmos diz:

Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo se contrários tenho
Água, Fortuna, Amor, Ar, Terra e *Água?*

(P. II, cap. XII, *A canção do Horóscopo*, pág. 123).

Os astrólogos relacionavam psicologicamente a Piedade com a Lua e Vénus (Elemento Água), e a Inimizade e *transformação de amigos em inimigos* com Marte (Elemento Fogo).

Acresce ainda que onde faltem Saturno e Júpiter, ao mesmo tempo, tudo vem a faltar pois faltam *Tempo* e *Mundo*, isto é, Tempo e Espaço...

Eis, enfim, relatada a emergência astrológica de 1524.

Fica confirmada, portanto, a conjunção Saturno-Júpiter no nascimento de Luiz de Camões. Assim se determina o ano do seu nascimento. (P. I, cap. II, *Sonetos ao dia do nascimento*, pág. 19).

XI

Acreditava-se em 1524, e já antes, que o mundo acabaria então, e *por um Dilúvio*, dado que por um dos quatro Elementos o havia de ser, e ter nessa altura maiores probabilidades a Água.

Na verdade, a junção dos planetas era no signo de Peixes, estando, ao mesmo tempo, Sol e Vénus em conjunção também, mas no signo do Aquário. Peixes é signo de Água; o mês em que o Sol percorre Aquário é o das chuvas (o Sol percorria este signo de 9 de Janeiro a 9 de Fevereiro); Vénus é planeta de Água.

Mas, o anunciado Dilúvio não se deu, o mês do Aquário não foi muito chuvoso, e os quatro Elementos não mostraram a violência prevista e apenas leves sinais... É desta falha do prognóstico que o Poeta se queixa em um soneto ao dia do nascimento.

Queixa-se da debilidade do Aquário e da deficiência de cada um dos quatro Elementos, pois se tudo fosse como estava anunciado, seria a sua vida perdida na infância e suprimido assim o subsequente role de amarguras.

> Si el *Fuego* que me enciende, consumido
> *De algun más suelto Aquario* ser pudiese...
> Si el alto suspirar me convertiese
> En *Ayre*, por el ayre desparcido...

(P. I), cap. II, pág. 19. P. II, cap. XIV, *A posição do Sol*, pág. 145.

Fica provado o nascimento quando o Sol percorria o signo de Aquário, sendo esse facto na constância duma conjunção Saturno-Júpiter — conjunção esta que, astrologicamente perdura semanas e meses (até ao ponto em que os dois planetas se encontram afastados um do outro mais de 8 graus).

Assim se determina o mês.

XII

Aludindo ao dia do seu nascimento, escreveu o Poeta: «Se a Fortuna Inquieta e *mal olhada...*». Portanto, o Saturno estava mal olhado; isto é, encontrava-se num aspecto de cobranto. O mau olhado é dado pela Lua em mau aspecto astrológico. Os únicos maus aspectos, entre planetas, a considerar no século XVI — como antes, desde Ptolomeu — são unicamente a *quadratura* (distância de 90 graus) e a *oposição* (distância de 180 graus). Num dos dois aspectos se encontrava, portanto, Saturno, em relação à Lua.

Era no mau aspecto da «oposição» que a Lua se encontrava com Saturno, pois a Lua, segundo o Poeta declarou, *erguia a mão*, nesse momento, e... *para o matar;* isto é, vinha de nascer e achava-se suspensa sobre o horizonte do Oriente onde, como provado ficou, se encontrava o signo de Balança. Logo, a Lua, encontrava-se neste signo ou no imediato, o da Virgem. Mas, como Saturno (e Júpiter) estava em Peixes, signo *oposto* ao de Virgem, se segue que a Lua não estava no de Balança mas no de Virgem e, portanto, em *oposição* a Saturno, Fortuna inquieta.

De como o luminar se levantava, di-lo o Poeta fazendo queixas à Lua do seu nascimento:

> Pois minhas queixas digo
> A quem já *ergueu a mão* para matar-me
> Como a cruel imigo...

O perigo da Lua não estava em levantar-se, em nascer, mas no facto de internar-se na Casa XII, a *Casa dozena*, chamada o Inferno do Horóscopo, e onde os astros se tornam muito maléficos. Esta casa são os primeiros 30 graus, em média, acima do horizonte oriental; mas os seus efeitos maléficos só começam a mais de 10 graus acima do horizonte pois que até 10 graus se consideram os planetas em conjunção com o mesmo horizonte. Estava, portanto, a Lua, a mais de 10 graus acima do horizonte,

e não longe deste pois devia estar em Casa dozena onde se tornaria *cruel inimigo* do Poeta.

Os astrólogos preparavam os momentos propícios para inícios de empresas, como para inícios de viagens, procurando a hora em que não estivessem na Casa dozena astros ruins, e mesmo os bons, que aí se poderiam tornar maus.

Gil Vicente, no auto «Cortes de Júpiter», para celebrar o embarque da infanta D. Beatriz para Saboia, diz, pela boca da Providência:

> Eu vou prover logo essora
> Naquela *Casa dozena*
> Dos males, que é mal feitora.

(P. II, cap. XV, pág. 158).

Eis porque a Lua, *erguendo a mão*, isto é, erguendo-se, matava o Poeta e se tornaria seu cruel inimigo.

Na hora em que principiam os seus grandes amores, a Lua tinha a mesma posição em Casa dozena: a mesma posição nos dois horóscopos — *Fortuna* e *Amor:* «Nela e nele achei sempre a mesma Lua». (P. II, cap. XV, *A posição da Lua*, pág. 149; especial, pág. 159).

Pela posição da Lua em relação a qualquer outro planeta de posição já definida (a 180 graus com Saturno, neste caso) se determina o dia preciso.

XIII

A hora. A simultaneidade do signo da Balança no horizonte oriental com o Sol no signo de Aquário, só pode acontecer à noite próximo das 9 horas.

Com efeito, o signo da Balança é quási oposto ao de Aquário; e, para estar aquele no Oriente, estará este no Ocidente e já abaixo do horizonte ocidental: o que quere dizer que o Sol, que nele se encontrava, já estava abaixo do dito horizonte; era de noite.

Por outro lado, a Lua em Casa XII e pouco acima do horizonte do Oriente, não apenas nos diz o dia da *fase* em que se encontrava (em relação ao Sol) mas ajuda a determinar a hora: $8^h\ 40^m$, da noite. A Lua, como se deduz do que fica exposto, estava na fase plena, que vai do momento da Lua Cheia ao do Quarto Minguante. Resplandecia, portanto, nessa hora em que o Poeta nasceu *(fig. 10)*.

XIV

Do soneto em que o Poeta declara que os seus dois planetas de «alta influição» se achavam, cada um de per si, com a sua luz lograda, se infere que Saturno e Vénus estavam cada um em conjunção com um planeta que o malificiava.

Estava, pois, Saturno em conjunção com Marte — que é o único que o malificia.

Exige-se que o horóscopo de Camões, por outros processos encontrado, apresente Saturno em conjunção com Marte. E apresenta.

Quanto a Vénus, o outro planeta de «alta influição» deve igualmente encontrar-se logrado por outro maléfico. Levantando a figura horoscopal do 23 de Janeiro se vê que Vénus está atormentada por «combustão», isto é, que se encontra debaixo dos raios do Sol, a menos de 8 graus deste astro.

Justificar-se-ão, portanto, os versos:

> Desta alta influição de dois Planetas
> Com uma, e outra luz, deles, lograda.

(P. II, cap. XIII, *As conjunções do Horóscopo*, pág. 135).

XV

O dia em que se efectuaram os ditos acidentes celestes, simultaneamente, é o do nascimento de Camões.

Esse tal dia deve ainda obedecer à condição, *sine qua non*, de que nele, mas no ano imediato, tivesse havido um *eclipse do Sol:*

> O dia em que nasci .....
> Não torne mais ao mundo; e se tornar
> Eclipse nesse passo o Sol padeça...

Nas tábuas astronómicas de Abraão Zacuto (e nas relações de vários cronologistas) vem a lista de todos os eclipses. Em 1525 (ano imediato) houve apenas um eclipse de Sol: em 23 de Janeiro, às três horas da tarde. Logo, a data que o astrónomo encontrar, tem que ser o 23 de Janeiro. Provar-se-á que foi.

É também exigido que o nascimento tivesse ocorrido no «passo» do eclipse do Sol, e, portanto, depois do meio-dia visto que o eclipse foi às três horas da tarde. Com efeito o Poeta nasceu à noite; e, logo, depois do meio-dia, no mesmo «passo» do eclipse. O «passo» vai de meio-dia a meio-dia seguinte.

XVI

Mais outra condição: que fosse *sábado*, pois lá diz o Poeta, falando do seu nascimento:

> Que quem nasce em dia
> De Estrela tão dura
> Não acha ventura...

O dia de Saturno — a Estrela dura — é o sábado.

Provar-se-á que tal dia — que o astrónomo encontra para o nascimento do Poeta — caiu a um sábado.

(P. I, cap. II, pág. 19. P. I, cap. VII, pág. 49).

O principal objectivo desta minha obra é pôr em evidência as expressões astrológicas de Camões; e demonstrar que o são. Depois é encontrar-lhes a equivalência astronómica. Finalmente, a solução cronológica, a conversão em datas, dessa mesma

equivalência astronómica: mas aqui é mister recorrer aos astrónomos.

Os dois astrónomos a quem continuamente recorro para o caso especial do nascimento de Camões, são: Abraão Zacuto, autor das famosas tábuas astronómicas que, apesar de editadas em 1496 estendem os seus cálculos por todo o século seguinte, e o Ex.mo Dr. Manuel Peres, actual director do Observatório Astronómico de Lisboa.

Pelo primeiro se regiam os astrólogos do tempo de Camões; tem o segundo a vantagem de verificar a exactidão do primeiro, *e de saber resolver pelo cálculo certos casos que, então, apenas pelo testemunho directo se alcançavam.*

Ao Dr. Manuel Peres dirigi a consulta seguinte, cuja substância é:

I

Quando foi que, entre 1515 e 1535 (limites já exagerados para uma possibilidade natalícia de Camões) esteve Saturno em conjunção com Júpiter?

A resposta há-de determinar o ano do nascimento.

II

Considerando que uma conjunção Saturno-Júpiter perdura *astrologicamente* por várias semanas, e até meses — pois vai até à distância de 8 graus de longitude entre os dois planetas — saber em que dias, ou mês (na constância dessa dita conjunção) esteve o Sol no signo do Aquário.

A resposta há-de determinar um prazo de dias, ou mês do nascimento.

III

Quando foi que, nesse ano e mês (o mês do Sol em Aquário)

esteve a Lua no signo da Balança ou da Virgem, e em oposição a Saturno?

A resposta em referência a esta dupla exigência determinará o dia do nascimento, adentro do dito mês do Sol em Aquário; — pois a Lua, astro veloz, não permanece em cada signo mais de *dois dias e meio*, e não permanece em oposição a qualquer planeta mais de 24 horas.

IV

A que horas esteve, nesse determinado dia, simultaneamente o signo da Balança no horizonte oriental, e a Lua nascida de pouco sobre o mesmo horizonte oriental a mais de 10 graus de distância deste?

A resposta determina a hora.

*

A data encontrada há-de obedecer às seguintes condições, sem o que... não posso considerar o problema resolvido:

A — A data encontrada há-de ser tal que, ao passar o seu 1.º aniversário tivesse acontecido nele um eclipse do Sol.

B — Deve ser tal que tivesse caído a um sábado.

C — A hora do nascimento deve ser tal, que calhasse no mesmo *passo* do eclipse do Sol: isto é, se o eclipse do Sol foi antes do meio-dia, o nascimento ser antes do meio-dia; se o eclipse foi depois, ser o nascimento depois.

D — Deve ser tal, a hora, que fosse uma daquelas que os astrólogos consagram a Saturno. Ao sábado, as horas consagradas a Saturno são a 1.ª e a 8.ª diurnas, e a 3.ª e 10.ª nocturnas.

A *hora diurna* era a 12.ª parte da duração do dia; a *hora nocturna* era a 12.ª parte da duração da noite. Logo, as horas do dia podiam ser iguais, maiores ou menores que as da noite.

A resposta determina e confirma a hora encontrada já.

E — Considero igualmente indispensável que, em tal data, Saturno, além de estar em conjunção com Júpiter, o estivesse também com Marte (considere-se até 8 graus de distância, a conjunção dos dois planetas). E que Vénus se achasse em conjunção (astrologicamente *maléfica*) com Marte, ou com Saturno, ou mesmo com o Sol (sendo com este luminar a menos de 12 graus).

Até aqui, a essência da consulta. O Sr. Director do Observatório, acedendo ao meu pedido, honrou-me com a seguinte resposta, na qual se verifica a plena concordância entre os resultados astronómicos e as exigências astrológicas.

É do teor seguinte:

Antes de responder à consulta de V., peço-lhe licença para fazer duas observações:

A primeira é a de que V. não tinha que me indicar o fim para que pretendia os esclarecimentos pedidos. Os estabelecimentos e as repartições do Estado servem o público, dentro das suas atribuições e possibilidades, sem dele exigirem outra coisa além do cumprimento das prescrições legais; quando V. consulta, numa biblioteca ou num arquivo, determinado livro ou documento não é obrigado a dizer com que intenção o consulta.

A segunda — e nesta saio um pouco do meu papel de funcionário público para tomar o de impertinente conselheiro — é a de que não é um Observatório a fonte mais recomendável para o que V. pretende. V. quere decifrar várias frases de Camões baseando-se em que ele as escreveu com sentido astrológico. Ora, dado que assim tivesse sido, do que não se pode duvidar é de que ele não fazia observações astronómicas (sobretudo ao nascer) nem consultou nenhum dos astrónomos nossos contemporâneos, os cálculos que

nós hoje fazemos já chegam um pouco tarde para terem entrado nos versos de Camões. O poeta, se se referiu a determinados aspectos do céu, serviu-se das tábuas que havia no seu tempo e essas são as únicas que podem ser úteis a V.; os cálculos feitos hoje só servem, neste caso, para apreciar a exactidão dessas tábuas que, diga-se de passagem, é muito maior do que muitas pessoas supõem.

E, pedindo desculpa para este preâmbulo, passo a responder às perguntas de V. com os resultados dos cálculos feitos no Observatório e de que foi encarregado o astrónomo Dr. Brito e Abreu.

I

Entre 1515 e 1535 Júpiter e Saturno estiveram em conjunção geocêntrica, na longitude de 339°,5 (9°,5 do signo dos Peixes), no dia 3 de Fevereiro de 1524, cerca do meio dia.

II

Estes dois planetas estiveram a menos de oito graus de distância desde os fins de Junho de 1523 até os primeiros dias de Abril de 1524 e durante este espaço de tempo o Sol esteve em Aquário (300° a 330° de longitude) desde a meia noite de 10 para 11 de Janeiro até à meia noite de 9 para 10 de Fevereiro de 1524.

III

A Lua esteve em oposição a Saturno no dia 23 de Janeiro de 1524 pelas 5 horas da tarde na longitude celeste de 158° (8° do signo da Virgem).

IV

Neste dia o signo da Balança começou a nascer às 9 horas da noite e estava todo fora pelas 11 horas e meia. A Lua, nascida pouco depois das 7, estava às 9 já a uns 20 graus acima do horizonte oriental.

A

Na tarde do dia 23 de Janeiro de 1525 houve um eclipse anular do Sol que foi visível em Portugal como parcial.

B

O dia 23 de Janeiro de 1524 foi um sábado.

C

O eclipse de 23 de Janeiro de 1525 foi visto em Portugal ao fim da tarde.

D

Não é questão astronómica ou cronológica.

E

Em 23 de Janeiro de 1524 Marte estava 8 graus a ocidente de Saturno. Vénus estava a 12º a ocidente de Marte e a 6º a oriente do Sol.

*

Aproveito esta oportunidade para apresentar a V. Ex.ª o protesto da minha elevada consideração.

A bem da Nação

Observatório Astronómico de Lisboa, 2 de Agosto de 1940.

O Director
Manuel Peres Júnior

Para levantar a figura horoscopal do Poeta, precisamos de conhecer, além das longitudes dos planetas, as longitudes das Casas Astrológicas. As longitudes planetárias rigorosas, e que constam da carta transcrita, são sensivelmente as mesmas que Zacuto nos dá nas suas tábuas, para esse dia e ano, as quais (as de Zacuto) inscrevi nas figuras de horóscopo 10 e 12.

Tempo sideral, em Lisboa, é, nessa data, $21^h\ 37^m$.

Para a *hora local* $8^h\ 57^m$ depois do meio-dia, obteremos a seguinte distribuição das casas:

I	6°59'	Balança
II	3° 7'	Escorpião
III	4° 4'	Sagitário
X	8°	Cancro
XI	11°4'	Leão
XII	11°3'	Virgem

As figuras que nesta obra vão sob os números 10 e 12 carecem duma pequena rectificação, pois foram os seus números calculados para as $8^h\ 40^m$ depois do meio dia, e devem-no ser para as $8^h\ 57^m$, como aqui deixo. Na primeira modalidade ficaria o Ascendente nos 3° 29' da Balança. Ora, para que Saturno domine o horóscopo é preciso que o Ascendente se projecte ao de lá dos 6° deste signo, como ficou demonstrado na figura 4, desta obra.

Praticamente nasceu o Poeta às 9^h da noite.

Sob o ponto de vista astrológico um tal horóscopo não podia ser feliz. É a ele que o Poeta doloridamente se refere, nestes versos:

Somente o *Ceu severo*
As Estrelas e o Fado sempre fero
Com meu perpétuo dano se recreiam,
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um *corpo terreno*
Bicho da terra vil, e tão pequeno...

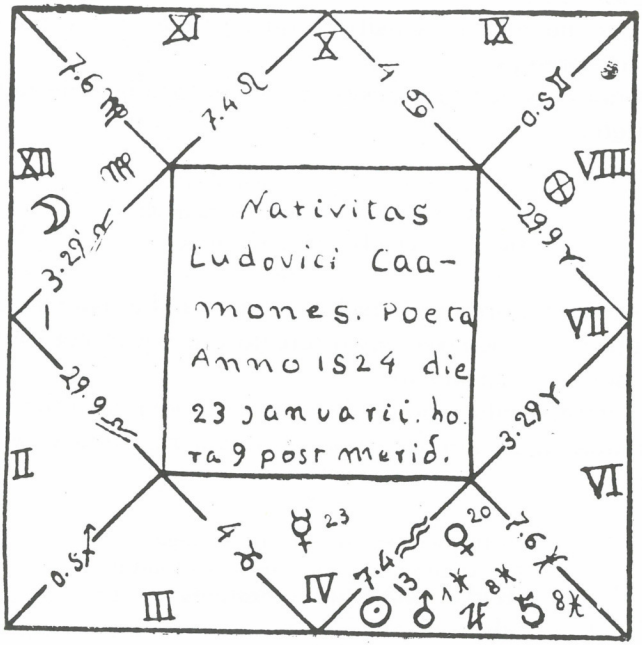


Fig. 12. — Horóscopo do nascimento de Camões para as 8 h. 40 m. da noite de 23 de Janeiro de 1524, e segundo a figuração à antiga em que principalmente se evidenciavam as Casas Astrológicas.

Fala igualmente do seu caso astrológico infeliz quando, na última estrofe do canto I dos Lusíadas, expõe:

> Onde poderá acolher-se o fraco humano,
> Onde terá segura a curta vida,
> Que não se arme e se indigne o *Ceu sereno*
> Contra o bicho da terra tão pequeno?

O Poeta sublinha o facto da influência dos astros se exercer sobre os *corpos*, que não sobre as almas: *contra um corpo terreno!*

Era a doutrina do tempo; a influência exercia-se nos corpos que não nas almas. O Dr. António de Sousa de Macedo, escreve sobre o «Domínio da Fortuna» no seu livro «Eva e Ave»

(P. I, cap. 28): «... porque os astros contêm só disposição e inclinação no apetite sensitivo, que é potência corporal em órgão corpóreo...».

Camões abonando o mesmo princípio, acabava desta forma um soneto:

> Mas vós, Senhora, pois que minha Estrela
> Não foi melhor, vivei nesta alma minha
> Que não tem a *Fortuna* poder nela...

A Fortuna é a própria Estrela, e se não conhecessemos aquele princípio talvez achassemos o terceto um pouco contraditório com a doutrina do soneto.

A Fortuna tinha o poder de desviar *corporalmente* o Poeta da sua amada: mas, nenhum poder exercia na alma e seu livre alvedrio:

> Gentil Senhora, se a Fortuna imiga
> Que contra mim, com todo o Céu conspira
> Os *olhos meus de ver os vossos tira*
> .....
> Nesta alma, *onde e Fortuna pode pouco,*
> Tão viva vos terei [1] .....

Era doutrina corrente; e também Gil Vicente a expressou, no *Amadis de Gaula:*

> ... En cuyo nome me parto
> En dos partes, y no en una:
> La del alma doi a ella,
> La del *corpo à la Fortuna*
> Y à la Luna
> Porque la hizo tan bella.

---

[1] Já versei este assunto ao capítulo *A Fortuna Inquieta de Camões*, P. II, Cap. VIII, pág. 99.

Os corpos e os seus destinos consideravam-se adjudicados por Deus ao poder dos astros. A alma, essa, seguiria as determinações do livre arbítrio.

Qualquer astrólogo perito, daquele tempo, observando a figura horoscopal de Camões diria, em essência: a *Parte da Fortuna* (que é o porte geral dum horóscopo) está na casa VIII, a casa da Morte, e no signo de Touro que é domicílio de Vénus.

O que se traduz dizendo que o Poeta sendo pessoalmente inditoso, seria ditoso no tocante à sua glória póstuma com uma obra de artista intimamente ligada ao conceito do Canto (o signo do Touro rege a garganta, Vénus rege a poesia e o Canto).

Assim falam os astrólogos, e Camões sabia-o. O *Injusto Mando* é o horóscopo de nascimento:

> ..... quando
> Será o *Injusto Mando* executado
> Naquele cuja lira sonorosa
> Será mais afamada que ditosa...

isto é: *quando foi*, naquele naufrágio de Mecon, mais uma vez executada uma determinação do *Injusto Mando*, o horóscopo.

CAPÍTULO XVII

A hora do nascimento

FAZIA-SE uso da palavra *forte* para traduzir um sentimento de dureza, de aspereza: enfim, no sentido de infelicitante.

Numas trovas antigas, de autor desconhecido, à morte de D. Inês de Castro (e na fala de D. Pedro I) transparece, já, o mesmo sentido:

> Senhora, quem vos matou
> Seja de *forte* Ventura,
> Pois tanta dor e tristura
> A vós e a mim causou.

«Ventura» tem o duplo significado: de bom e de mau. Mas é do mau que se trata, dada a qualificação de *forte*.

No *Auto de El-Rei Seleuco*, do próprio Camões, há esta fala do Príncipe:

> Pois há hi tantos enganos
> Que condenam minha sorte;
> Não o tenho já por *forte* [1]
> Se à volta de tantos danos
> Viesse também a morte.

Agora, já melhor se compreenderá a acepção do termo «forte», dada por Camões à hora do seu nascimento; uma redondilha (que começa *Quem ora soubesse):*

---

[1] Isto é, por mau, por duro.

Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos
Duros para a vida;
Mas a rez perdida
Que tal erva pasce
Em forte hora nasce.

Com quanto perdi,
Trabalhava em vão...

Refere-se à *hora dura* do seu nascimento. Sabemos serem estas (as horas duras), as de Saturno, como provada ficou no capítulo em que se apurou o nascimento do Poeta a um sábado. O Poeta chamava *forte* e *duro*, hora e dia do domínio do grande maléfico que é Saturno.

A 1.ª e 8.ª horas de cada dia da semana eram consagradas ao planeta desse dia, como o eram, também, a 3.ª e 10.ª da parte da noite do mesmo dia. Considerava-se o dia começando ao nascer do Sol. Dividia-se a parte diurna em 12 secções iguais, e a 1.ª secção era a *hora prima;* a *hora sexta* era a do meio do dia: no verão dormia-se esta sexta hora, e daqui vem a denominação de *sésta* que se dá a tal repouso e a tal dormir. A hora 12.ª acabava-se no momento em que o Sol se punha, iniciando-se, então, a hora prima da noite, e assim sucessivamente. Como no estio os dias são maiores que as noites, também as horas do estio eram maiores de dia que de noite. Havia horas de 70 minutos e horas de 50 minutos médios.

Ficou provado o nascimento de Camões a um sábado, e de noite, depois do pôr do Sol. E como o Poeta disse que nasceu em *hora forte*, ficaremos sabendo ter sido na hora nocturna de Saturno — *a 3.• da noite.*

Em 23 de Janeiro (1524) as horas da noite tinham a extensão de 69 minutos das nossas, pois o Sol punha-se às $5^h\ 22^m$ para nascer às $7^h\ 8^m$ do dia seguinte. A duração da noite é, portanto, de $13^h\ 47^m$. Desta forma, a hora prima da noite de sábado, do 23 de Janeiro, de então, ia das $5^h\ 22^m$ às $6^h\ 31^m$, e consagrava-se a

Mercúrio; a hora segunda, consagrada à Lua, ia das $6^h\ 31^m$ às $7^h\ 40^m$; a hora terceira, consagrada a Saturno, ia das $7^h\ 40^m$ às $8^h\ 49^m$. Vejam, a este respeito, os Repertórios antigos, especialmente o de Valentim Fernandes [1].

É pois certo que o Poeta nasceu entre as $7^h\ 40^m$ e as $8^h\ 49^m$.

Ora a figura do horóscopo de Luiz de Camões, e que já erguemos, baseados em informações mais concretas *(vide figuras 1, 10 e 12)*, revela-nos este facto impressionante: *precisamente o nascimento do Poeta entre as 8^h da noite* (com o aparecimento da Lua, condição imprescindível) *e as 9^h*, pouco mais ou menos. Enfim, deveria, na natividade de Camões, encontrar-se a Lua em Casa XII, a qual é, em média, os primeiros 30 graus sobre o horizonte oriental.

Naquelas horas, dia e ano, e em Lisboa, a Casa XII era inferior à média, o que significa a permanência da Lua na mesma Casa, durante um tempo inferior ao normal (o normal são duas horas).

Denota, pois, a figura horoscopal do Poeta, o seu nascimento na hora péssima de Saturno, a 3.ª da noite.

---

[1] Cardoso de Sequeira, no *Tesouro de Prudentes*, L. IV, t. III, diz acerca das *horas planetárias*, em 20 de Janeiro (1611): nasce o Sol às 7 h. 0 m., põe-se às 5 h. 0 m.. Tem o dia 10 horas, e a noite 14. Domínio dos planetas, de dia 50 m. e de noite 70 m..

PARTE III

A DAMA DAS ALUSÕES ASTROLÓGICAS DE CAMÕES

CAPÍTULO I

O exemplo de Gil Vicente

O EXEMPLO oferecido, por Gil Vicente, das alusões horoscópicas em verso, teve eco na sensibilidade de Camões, que, não apenas traçou o quadro da distribuição planetária, e respectivas intenções astrológicas, do dia em que nasceu, como outro tanto deixou acerca da mulher que amou, e do dia em que principiaram os seus grandes amores.

Antes de entrarmos no exame do horóscopo da mulher amada de Camões, e lhe darmos una data de nascimento, convém passar em revista as referências astrológicas que aos horóscopos de várias pessoas reais, da corte de el-rei D. Manuel o *Venturoso*, deixou, em seus autos, Gil Vicente.

Mormente nos há-de servir o auto da *Exortação da Guerra*, escrito para exaltar os ânimos dos cortesãos a coadjuvarem o rei e os infantes numa grandiosa expedição contra os moiros. A incitação às empresas norte-africanas estava no ânimo dos escritores portugueses, e continuou por todo o século até à grande batalha de Alcácer Kibir. O próprio rei D. Sebastião era, nesse ponto, um insuflado da literatura heróica do tempo, que de longa data o incitava à conquista do império marroquino.

O tema da *Exortação da Guerra* é o mesmo, e o argumento usado para entusiasmar os nobres nesse sentido é a *garantia astrológica do bom sucesso da empresa, dado o felicíssimo horóscopo de el-rei D. Manuel, de sua mulher, e de seus filhos.* Com tais horóscopos, e tais estrelas de nascimento para cada um, a vitória era certa! Gil Vicente falava a uma corte que se regia pelos conselhos dos astrólogos.

Numa outra peça do mesmo autor, o *Auto das Fadas*,

apresenta-se um quadro em que o *Destino*, a sorte, confere a cada membro da família real um determinado planeta. Assim nos informa o autor, da *Estrela* de nascimento de cada um. É uma espécie de galanteria astrológica, mas baseada em sério conhecimento do assunto.

Eis os nomes dos planetas que couberam, por sorte, ao rei D. Manuel, à raínha D. Leonor, ao príncipe D. João (depois D. João III) e às infantas D. Isabel e D. Beatriz:

JÚPITER *(Ao Rei)*

Este planeta escolhido
Escolheu (porque é profundo)
O mais alto bem do mundo.

SOL *(À Raínha)*

Muitos bens deu Deus na terra,
Porém se este não viera,
Nunca nos amanhecera.

CUPIDO *(Ao Príncipe)*

Este Deus é muito amado
E adorado,
Porque tem dominação
Sobre toda a criação.

LUA *(À Infanta D. Isabel)*

Esta, Senhora, Diana
Tem do Céu sua feitura
E do Sol a formosura.

VÉNUS *(À Infanta D. Beatriz)*

A este planeta só
Olham todas as estrelas
Porque é mais clara que elas.

Coube, enfim, por nascimento, ao rei, o planeta Júpiter: o que traduz a posição do horizonte oriental em signo em que este planeta se sobrepunha em dignidades *essenciais* a qualquer outro. Mas Júpiter estava, no *máximo da sua força*, o que traduz a posição do horizonte no signo do Sagitário, do seu começo até ao grau 8. Diz Gil Vicente, deste mesmo rei e seu horóscopo, no auto da *Exortação da Guerra:*

Quando Júpiter estava
Em toda sua fortaleza,
E seu grão poder reinava,
E seu braço dominava
Os cursos da natureza...

Foi desta felicidade de horóscopo — Júpiter na sua máxima força, e outros incidentes planetários ditosos — que a História deu a el-rei D. Manuel o cognome de Fortunoso, ou Venturoso.

No mesmo auto da *Exortação* se diz, sobre o seu natalício:

Este rei tão excelente,
Muito bem afortunado...

Nascera em Alcochete, a 1 de Junho de 1469, à hora em que, em frente do palácio, passava a procissão do Corpo de Deus, pois era em dia desta solenidade. Damião de Góis, por engano, pôs-lhe o nascimento em 31 de Maio, mas o dia do Corpo de Deus calhou nesse ano a 1 de Junho.

Ligando este facto com o dia da sobredita solenidade, se diz dele, no mesmo auto:

Deus mui alto, onipotente,
O seu real coração
Tem posto na sua mão.

Ora estando o seu Ascendente nos graus primeiros do Sagitário, verifica-se o seu nascimento, em Junho, às $5^h\ 30^m$ da tarde *(fig. 13)*. O dia de semana, *quinta-feira* — dia consagrado

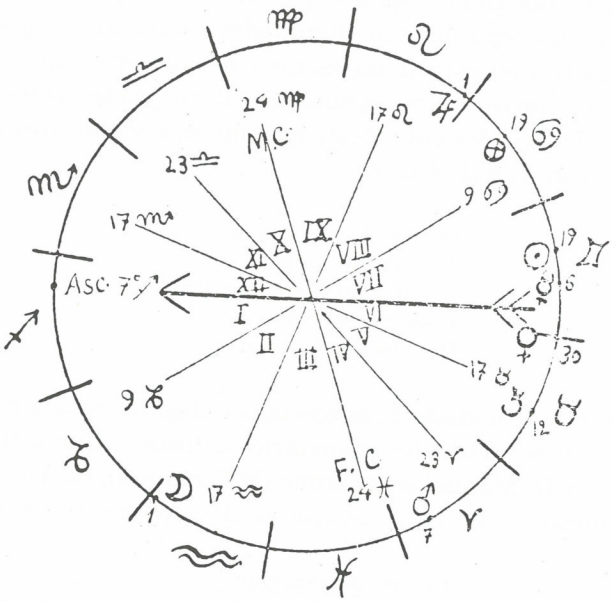


Fig. 13. — Horóscopo do nascimento, ou da Fortuna, de el-rei D. Manuel I, o *Venturoso*, cognome merecido pelos bons «aspectos» do feliz Céu com que nasceu, em Alcochete, dia 1 de Junho de 1469, às 5 h. 30 m. da tarde, hora em que passava em frente do seu paço a procissão do Corpo de Deus. O Ascendente projectava-se no grau do Zodíaco, em que Júpiter, a *Suprema Fortuna*, tem a sua máxima força

a Júpiter — reforçava, pela superstição do tempo, a boa ventura do rei.

O Sol é a Estrela do horóscopo da raínha D. Leonor, o que traduz a posição do Ascendente no signo do Leão, ou últimos 5 graus do Cancro *(fig. 14)*. Como nasceu em 15 de Novembro de 1408, em Lovaina (Bélgica), resulta a ascensão, deste signo, próximo da meia noite.

Havia, na ocasião, uma conjunção Sol-Lua (Lua Nova), a que alude o auto da *Exortação*, acerca da raínha:

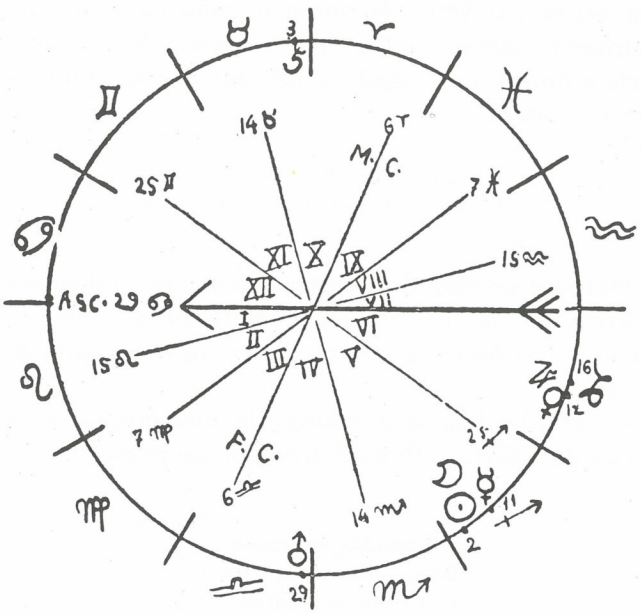


Fig. 14. — Horóscopo de nascimento da rainha D. Leonor, irmã de Carlos V e 3.ª mulher de el-rei D. Manuel. A rainha nasceu próximo da meia-noite, pois no horizonte oriental estava o signo do Cancro

Outra Hécuba mais alta,
Mui sem falta,
Mui poderosa doce e humana,
A quem por *Febo* e *Diana*
Cada vez Deus mais esmalta.

Febo e Diana são: Sol e Lua.

Da posição do Sol, em *essência*, no signo do Ascendente, últimos graus do Cancro, diz:

E quando o Sol mais luzia
E seus raios apurava...

Ao príncipe D. João (depois rei D. João III) coube o deus Cupido, ou seja o Amor. Nenhum planeta há com este nome, mas também o autor não lhe chama planeta. É filho de Vénus e de Marte e muito mais ligado à mãe que ao pai, como escreveu Camões no soneto:

> Los que vivis subjectos á la Estrela
> De Vénus, cujo hijo *Amor* se llama.

O facto de ser Cupido a sorte do príncipe, indica-nos que a sua Estrela de nascimento fora Vénus, para o que é mister encontrar-se no Ascendente um destes signos: Touro, Balança, Peixes *(fig. 4)*.

Para decidir leia-se o reforço da informação no auto da *Exortação da Guerra*, sobre o horóscopo do príncipe:

> Quando Martes influia
> Seus raios de vencimento,
> E suas forças repartia;
> Quando Saturno dormia
> Com todo seu firmamento.

Prova-se, pois, que, sendo a Estrela de nascimento Vénus, era Marte o 2.º planeta — facto que apenas se realiza do grau 20 ao 25 de Peixes: aí, pois, o Ascendente.

Cupido representa, com efeito, a simbiose Vénus-Marte.

Tendo nascido o príncipe D. João em 6 de Junho de 1502, e sabida a posição do seu Ascendente em Peixes, se verifica o seu natalício à meia noite e uns tantos minutos, encontrando-se abaixo da terra o Sol (em conjunção com Vénus e Saturno) e todos os mais planetas. *Saturno, e o seu firmamento,...* dormia *(fig. 15)*.

Deste horóscopo, escrevera o autor um pouco antes:

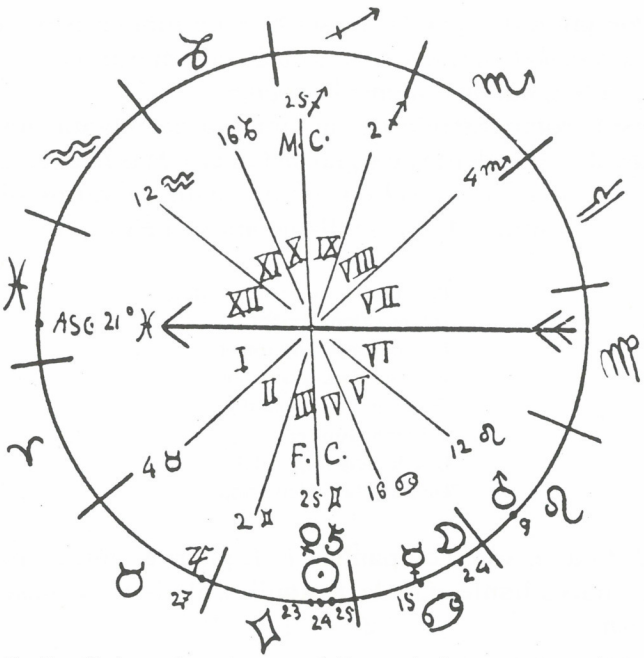


Fig. 15. — Horóscopo de nascimento, ou da Fortuna, de el-rei D. João III, para 6 de Junho de 1502, à meia-noite e um quarto. Planetas predominantes: Vénus e Marte, sintetizados ao grau 21 de Peixes. As qualidades do deus Cupido são adstritas ao planeta Vénus. Todos os planetas abaixo do horizonte, o que justifica a expressão: *Quando Saturno dormia com todo seu firmamento.*

E vós, Príncipe excelente,
Dai-me alviçaras liberais,
Que vossas mostras são tais
Que todo o mundo é contente.
E aos planetas dos Céus
Mandou Deus
Que vos dessem tais favores
Que em grandeza sejais vós
Prima dos antecessores.

A propósito da infanta D. Isabel, diz-se no auto das *Fadas:*

Esta, Senhora, Diana,
Tem do *Céu* sua feitura
E do Sol a formosura.

Por, em mitologia, Diana ser filha de Júpiter, isto é, do Céu, diz que *tem do Céu sua feitura;* e do Sol a formosura porque deste recebe a luz, donde o nome de *Lucina.*

Esta, como Estrela de nascimento da infanta, implica a posição do Ascendente no signo do Cancro. Mas houve, também, nessa ocasião, um *tropel* ou ajuntamento de vários planetas, incluído o Júpiter. Assim se diz no auto da *Exortação:*

Por vós, mui formosa flor,
Infanta Dona Isabel,
Foram juntos *em tropel,*
Por mandado do Senhor,
O *Céu e sua companha,*
E julgou Júpiter, juiz,
Que fosseis imperatriz
De Castela e Alemanha.

O Céu e sua companha, é Júpiter e outros planetas.

E, mais adiante, na fala de Aquiles, aludindo ao nascimento da mesma:

E a Lua aparecia
Mais clara que o meio dia.

Assim, ficamos sabendo serem Lua e Júpiter os dois planetas principais deste horóscopo, os quais estavam, pois, em *essência,* no signo do Ascendente. Com efeito, é o Cancro domicílio da Lua e exaltação de Júpiter. Nasceu em 24 de Outubro de 1503; e, pela posição do horizonte e do Sol *(fig. 16),* se conclue ter sido às 7^h e meia da tarde, já de noite.

Verifica-se, neste horóscopo, o ajuntamento dos planetas, em tropel; lá se vêem, no Ascendente ou Casa I, Saturno, Júpiter, Marte [1] e, em *essência,* a Lua.

Segue-se o horóscopo da formosa infanta D. Beatriz, duquesa

[1] Estamo-nos servindo das tábuas de Zacuto.

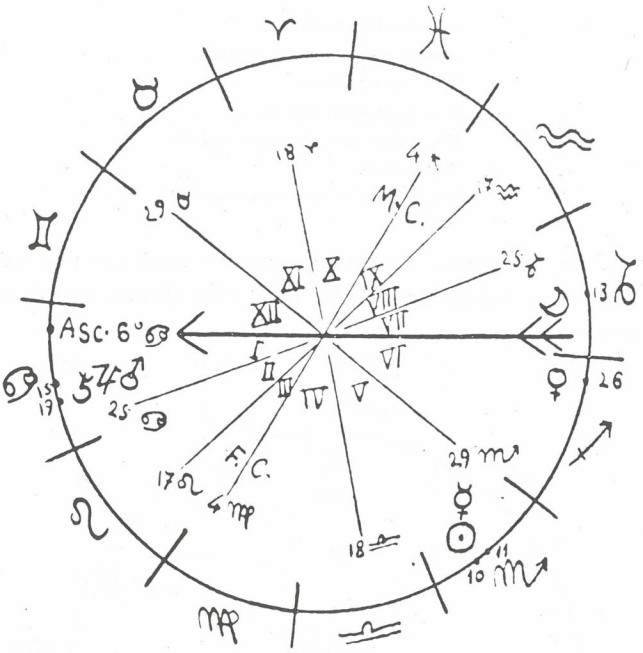


Fig. 16. — Horóscopo da Infanta D. Isabel, a que foi imperatriz e filha de el-rei D. Manuel. Nasceu a 24 de Outubro de 1503, às 7 h. 30 m. depois do meio dia. Ascendente em Cancro, dando por planetas juízes Lua e Júpiter

de Saboia, nascida em 31 de Dezembro de 1504. Sua *Estrela*, Vénus.

Mais ainda:

E quando Vénus cantava...

É do auto da *Exortação*. Vénus tem domicílio em Balança e Touro, mas o signo chamado da sua «alegria» é o do *Touro*. Aí, canta e ri o planeta.

Bom era o horóscopo desta princesa, e sempre aliado à influência fundamental de Vénus:

Infanta Dona Beatriz,
Vós sois dos signos julgada
Que haveis de ser casada
Nas partes da flor de lis
Mais bem do que vós cuidais,
Muito mais,
Vos tem o mundo guardado...

Trace-se, portanto, o horóscopo da infanta, pondo-lhe o Ascendente no signo do Touro *(fig. 17)*. Vénus em Casa X... admirável!

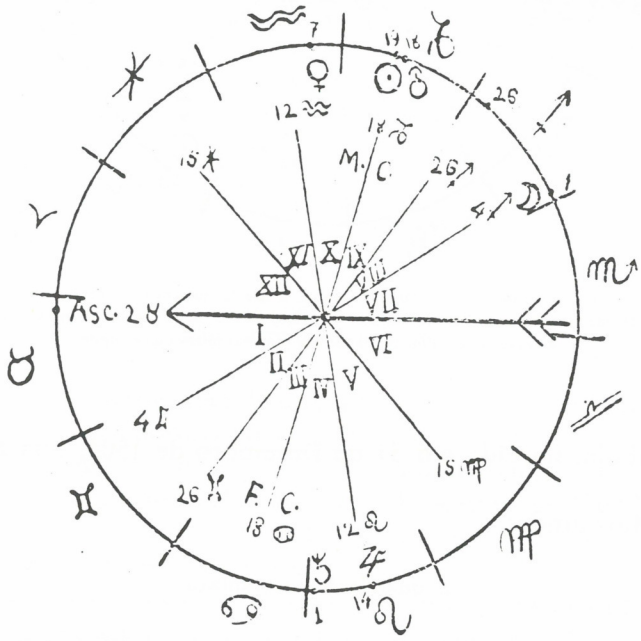


Fig. 17. — Horóscopo da Infanta D. Beatriz, filha de el-rei D. Manuel. Para as 11 h. 15 m. da manhã do dia 31 de Dezembro de 1504, em que nasceu

Afirma-se ter sido esta princesa a amada do poeta Bernardim Ribeiro, que por ela escreveu *Menina e Moça*.

Casou com o duque de Saboia e embarcou, em Lisboa, com destino a Niza (Nice, onde o noivo a aguardava) em 9 de Agosto de 1521.

Celebrando este embarque, foi que Gil Vicente escreveu o auto *Cortes de Júpiter*, aludindo à feliz conjunção, dominada por Júpiter, que presidiria à saída da princesa. Foi escolhido, esse momento, em conformidade com as instruções dos astrólogos. E, enfim, pelos elementos que o auto nos fornece, não era o dia marcado o 9 de Agosto, mas o 2 de Agosto, e de madrugada, cerca das 2^h e meia. Foi assim adiado, o embarque, para uma semana depois, e também em sexta-feira, dia de Vénus.

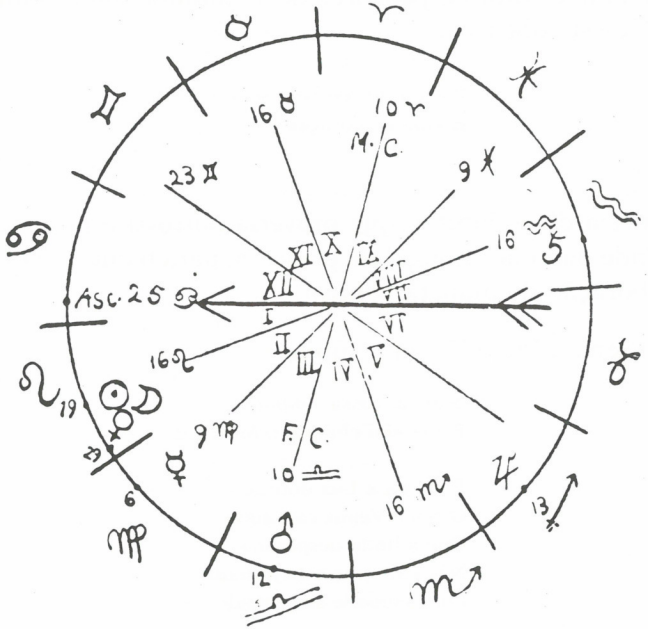


Fig. 18. — Horóscopo do embarque da Infanta D. Beatriz (filha de el-rei D. Manuel) para Sabóia, marcado para 2 de Agosto de 1521, às 2 h. 20 m. de amtemanhã, ocasião da maré cheia. Foi escolhido este dia e hora em conformidade com a conjunção planetária mais ditosa que se póde arranjar (Gil Vicente). Todavia, o embarque foi adiado par daí a oito dias, 9 de Agosto, também sexta-feira (dia de Vénus, planeta significador dos esponsais). A disposição planetária seria, sensivelmente, a mesma

As posições astrais num e noutro dia são, sensivelmente, as mesmas, apenas a Lua diferindo bastante, dada a rapidez do seu deslocamento. Em 2, estava em conjunção com o Sol (Lua Nova); em 9, em Quarto Crescente *(fig. 18)*.

A figura da *Providência* surge, no auto, a fim de providenciar no sentido dum feliz embarque astrológico:

Eu, Providência, chamada,
Provedora do presente,
No porvir antecipada,
Sou por Deus ora enviada...

Manda a Júpiter proporcione à infanta uma conjunção ditosa; e este obedece:

Por muito seu bem será
E vida do coração.

Queria dizer Júpiter, que proveria outrossim no tocante à felicidade da vida conjugal da princesa, para o que seria mister a colaboração do planeta Vénus.

Ordena a Providência a Júpiter:

Subi a vossa *exaltação*,
E mandai chamar o Mar,
.....
E venha a Lua dourada,
O Sol e Vénus causando
Que a linda desposada
Não caminhe esta jornada
Com saudade suspirando.

A «exaltação» de Júpiter é o signo do Cancro, e a Providência pretende que seja este signo o do Ascendente, e onde, pois, estaria Júpiter em dignidade *essencial*. Cancro é o domicílio da Lua, planeta senhor dos mares.

Os dois planetas principais do horóscopo do embarque são, pois, Lua e Júpiter. São dois planetas reunidos, em *essência*, no Ascendente, onde se juntavam em corpo ou *acidente*, Sol, Lua e Vénus. É a esta assembleia planetária que o autor chama as Cortes de Júpiter *(fig. 18)*.

Era necessário que em Casa XII, «Inferno do horóscopo», nenhum planeta mau figurasse e antes dominasse um planeta bom (Mercúrio). Esta era a providência que geralmente se tomava. Por isso, a mesma Providência diz:

> Eu vou prover logo essora
> Naquela *casa dozena*
> Dos males, que é malfeitora,
> ainda que tudo adora
> Aquilo que Deus ordena.

Traduz, o final: ainda que a astrologia nada possa contra a vontade de Deus.

Júpiter quere, nesta assembleia, a presença do Mar: e este diz que só obedecerá à Lua, sua senhora:

> Vós não sois minha senhora
> A Lua, que me há-de mandar!

Júpiter returque:

> Eu te farei amansar
> Pela tua superiora!
> Ide, ventos, à mui bela
> Lua, Diana formosa.
> .....
> Venha às cortes, aqui,
> O Sol e Vénus e ela.

O local indicado para a reunião é o Ascendente, onde Júpiter *em essência* se encontra.

Nesta altura, dão entrada em cena, Sol e Lua bailando (Lua Nova) ao som das trombetas dos ventos, e, com eles, Vénus.

Júpiter determina:

..... vós, clara Lua,
Consertai vossas marés!

Cantam o Sol, Lua e Vénus; e Júpiter dirigindo-se à Lua:

Vós, Lua, haveis de fazer
A o Mar obedecer
A esta frota serena.

O Sol diz a Júpiter:

Mande primeiro, Senhor,
Que não seja retrograda
Vénus, pois sois seu maior,
E Deus, que é superior,
Favorece a desposada.

Vénus, filha de Júpiter, estava nessa ocasião *retrógrada*, o que é mau. Mas, certamente, Júpiter não pôde prover nesse sentido...

Diz ainda Júpiter, determinando a hora da saída da frota:

Partirá esta alta esposa
No ponto da preia-mar,
Com sua frota lustrosa,
Na conjunção mais ditosa
Que lhe podermos guisar.

Na Lua Nova a preia-mar da manhã é cerca das três horas. Diz um rifão popular:

Lua Nova e Lua Cheia,
Maré alta às duas e meia.

Na galé dianteira iria sua irmã, a infanta D. Isabel, qual Estrela da aurora:

A mui preciosa Senhora
Infanta Dona Isabel
Irá como superiora
Estrela clara da aurora
Numa galé sem batel.

O planeta Marte promete poupar a frota aos ataques dos inimigos mauritânicos, tanto a recear junto ao Estreito de Gibraltar. Vem acompanhado das figuras representando os signos Cancro, Leão e Capricórnio, que, em especial, interessavam a este horóscopo de embarque: pois o Cancro era o do Ascendente, o Leão era o da junção dos planetas, Sol, Lua, Vénus; e Capricórnio — «exaltação» de Marte — dominava a Casa VII, a de casamento.

Entram, depois, a cantar os *planetas musicais*, Lua e Vénus.

Do infante D. Fernando, nascido em 5 de Junho de 1507, é Mercúrio a *Estrela*. Isto significa ascender, nesse momento, à região do Zodíaco em que dominava este planeta: signo de Gémeos (e 5 graus antes), ou signo de Virgem (e 5 graus antes). Mas, no auto da *Exortação* decide-se:

E quando Mercúrio estava
Mais pronto em dar sapiência.

Logo, tratava-se do signo de Gémeos, onde o planeta confere sapiência, também dita «prudência»:

Senhor Infante Dom Fernando,
Vosso signo é de prudência,
Mercúrio, por excelência
Favorece vosso bando.
Sereis rico e prosperado
E descansado,
Sem cuidado e sem fadiga,
E sem guerra e sem briga;
Isto vos está guardado.

Esta promessa está patente na própria figura horoscopal, para quem a souber ler *(fig. 19)*. Porque, além de tudo, ainda o Sol andava em signo de Gémeos.

Enfim, o grande Gil Vicente, «astrólogo mui avondoso», remata este elenco de cartas do Céu:

E quando os signos estavam
Com mais glória e alegria,
.....
E quando a alegria vera
Foi em todas naturezas:
Nesse dia, mês e era,
Quando tudo isto era,
Nasceram Vossas Altezas.

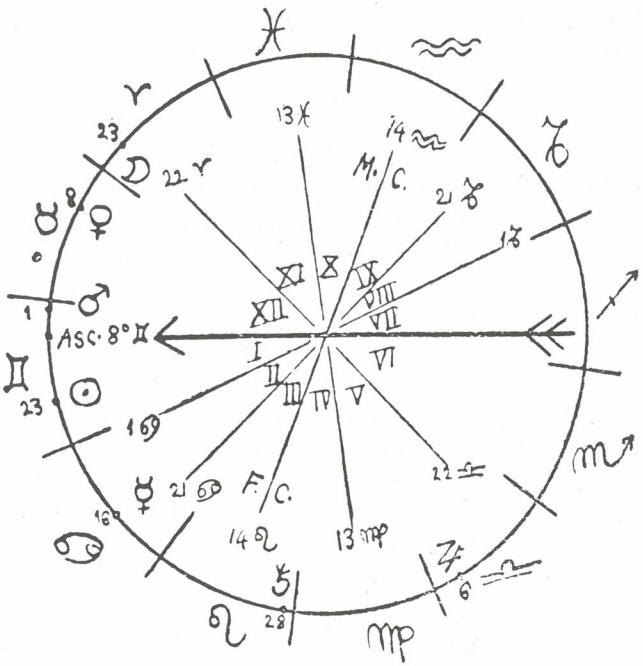


Fig. 19. — Horóscopo do Infante D. Fernando, nascido em signo de Gémeos, pois andava o Sol em Gémeos — 5 de Junho de 1507 — e ainda com o Ascendente no signo de Gémeos — 3 h. da manhã

O modelo Gil Vicente astrólogo, reflectido em Camões, deu os melhores frutos.

Recordou este, com suavidade superior, as posições planetárias no horóscopo daquela mulher que muito amou, e que tinha o Sol por Estrela de nascimento.

Camões fez incidir a sua descrição sobre as posições dos planetas nos signos: e sempre dum modo mais poético e velado que Gil Vicente.

A canção «Nem roxa flor de Abril» é uma canção de horóscopo, relativa ao nascimento da sua mágica Medeia, a amada Circe. Esta mulher é, ela mesma, a *roxa flor de Abril*, por ser este o mês do seu nascimento, e por ser rósea a côr da sua tez.

Calculando, sobre as posições dos planetas, infere-se o nascimento da mulher em 19 de Abril de 1527.

De qualquer outra dama, cujo natalício não possa coadunar-se com esta data, é lícito afirmar que não fora a grande amada de Camões.

CAPÍTULO II

A Dama-Sol

UM dos importantes problemas na biografia de Camões e o da identificação da sua principal mulher amada. Todavia, qualquer que ela fosse, posso demonstrar-lhe o nascimento em 19 de Abril de 1527.

Depois do exemplo, dado por Gil Vicente, de alusão às *Estrelas* horoscópicas de várias pessoas notáveis, já fica o leitor com uma certa ginástica espiritual para a aceitação da linguagem em Camões. E, logo, sem mais preâmbulos, ao ler o soneto «Criou a natureza damas belas», compreenderá ser o *Sol* a Estrela do nascimento dessa mulher. Comparando outras damas a esta diz:

> Elas, diante vós, são as estrelas
> Que ficam, com vos ver, logo eclipsadas.
> Mas se elas têm por Sol essas rosadas
> Luzes de *Sol maior*, felices elas!

Doutro soneto, «A violeta mais bela» tira-se o mesmo sentido:

> Ó luminosa flor, *ó Sol mais claro,*
> *Único roubador do meu sentido,*
> Não permitas que Amor me seja avaro!

Neste soneto, e ainda noutro de tipo *calemburesco* (e que começa «Num jardim adornado de verdura») denuncia o nome da Dama que tinha o Sol por Estrela: *Violante!*

Entre as numerosas alusões ao Sol, estrela representativa desta senhora, está a do soneto «Uma admirável erva se conhece»:

Meu Sol, quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
Cria flores em seu contentamento;

E daquele outro «Pues siempre sin cesar». O Poeta dirige-se a si próprio:

Mirad si es lagrima esta que os envia
Aquel Sol por quien vós tantas vertistes.

E daquele outro «Crescei, desejo meu». Ainda o Poeta dirigindo-se a si mesmo:

Se aspirais, por ousado, a tanta altura,
Não vos espante *haver ao Sol chegado;*

E ainda doutro, alusivo a um grupo de damas, que vogava pelo Tejo, num batel, e no qual ia ela. Principia, o soneto:

Em um batel que com doce meneio
O aurífero Tejo dividia,
Vi belas damas, ou, melhor, diria:
Belas Estrelas e um Sol no meio.

Esta senhora morreu moça. Principiaram os seus amores com Luiz de Camões, na célebre *noite escura*, ou seja, a sexta-feira de Paixão, de 1544. Contava, então, 17 anos de idade, e o Poeta, 20. Este era o grande amor do qual dizia:

Em minha tenra idade começado,
Tê-lo dentro dest'alma só procuro...

Morreu moça, mas já desposada com outrem, no que consistia a maior afronta e vergonha que o Poeta recebeu em toda a sua vida.

Sobre a sepultura dela, quando já regressado a Lisboa, escreveu Camões o soneto «Debaixo desta pedra sepultada»; ainda nele alude àquela longínqua *noite escura*...

> Gentileza da luz, que a *noite escura*
> Tornava em claro dia .....

Para a determinação da data do nascimento desta mulher, pouco importa saber qual a sua estrela de nascença: esta apenas interessa para o conhecimento da hora. Por ela verificaremos ter nascido ao meio-dia, pois tivera no ascendente o signo do Leão, de que o Sol é senhor, encontrando-se este astro em Casa X: promessa de predomínio, e até de celebridade histórica.

CAPÍTULO III

O Horóscopo da Flor de Abril

A *roxa flor de Abril* é a própria mulher da canção que por essas palavras começa. O autor chama-lhe *roxa* como sinónimo de *rósea* (a que sempre se referiu por toda a sua poesia lírica), e di-la de Abril porque neste mês nascera.

Apresenta os planetas em tal dia do seu nascimento, com as suas qualidades constantes, ou adquiridas naquela ocasião nos *signos* em que se alojavam. Compara, depois, as qualidades dos planetas com as da sua própria amada — a dama do horóscopo — e verifica quanto esta graciosíssima mulher é o exagero dos seus mesmos planetas, no que eles são de bons e de maus.

Assim, o escreveu:

1

Nem roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, e da verdura
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradável à donzela

(Cortês, alegre e bela)
De sua mão cuidado e glória pura [1]
Como a mim foi inculta formosura
Natural, *que pudera* [2]
A Saturno render na sua esfera.

A flor sem artifícios estava para o carinho da donzela como

[1] Nas edições aparece *mãe* por *mão*.
[2] Que *pudera*, isto é, que *pôde*.

esta mesma estava para o carinho do Poeta: foi todo o seu cuidado e glória pura.

A índole de Saturno é a tristeza, e a *sua esfera* é o próprio signo em que mais se acentua esta qualidade. Balança é considerado a «alegria» de Saturno, e, logo, o signo oposto ao de Balança, o de *Carneiro*, é o da sua «tristeza», é a sua esfera. Aí, pois, o planeta.

Mas a tristeza que esta mulher incutiu na vida do Poeta, ultrapassava a do influxo do Saturno *triste*, o Saturno em sua *esfera*.

2

Natural fonte agreste,
Não lavrada de artífice excelente,
Mas por arte celeste
Derivada de rústico penedo,
Não fez jámais tão ledo
Cansado caçador por sesta ardente,
Quanto o cuidado a mim me fez contente
O ser tão descuidado
Que faz sereno a Júpiter irado.

Os passatempos nobres, como o da caça, são da regência de Júpiter, a *doce Fortuna* que, de seu natural, é calma e *não irada*. Mas o Poeta a confessa *irada* neste horóscopo, o que revela a sua posição nesse signo oposto ao da sua tranquilidade. A tranquilidade e trono de Júpiter é Sagitário; a sua intranquilidade e excitação (detrimento de Júpiter) é o *Gémeos*, signo oposto a Sagitário. Aí o planeta.

Pois a aspereza da dona deste horóscopo conseguira pôr na sombra a ira de Júpiter: este era *sereno* em comparação com ela!

3

Fruta que, sem concerto,
Natureza entre os ramos dependura,

Achada, por acerto,
A quem pintada a vê de sangue e leite,
Não lhe dera o deleite
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma Formosura,
E o toucado *sem arte*
Que tornara pastor o bravo Marte.

A saúde, manifestada pela cor sanguínea, é propriedade astrológica de Marte — o planeta do sangue!

Estava este planeta em signo de *bravura* (pois que Marte nem sempre é bravo, e sê-lo-á consoante o signo em que se encontre), no horóscopo em questão. Marte domina a compleição *colérica* quando num dos três signos da triplicidade Fogo: Carneiro (ou Áries), Leão, Sagitário. É o que diz Valentim Fernandes, no seu velho Reportório, do século XVI: «Esta compleição corresponde ao planeta Marte; são de sua predominação os três signos do céu: *Áries, Leo* e *Sagitário*». Aí, pois, num dos três, se encontrava o planeta.

Ora a fereza da mulher amada tornava pacata, ou pastoril, a braveza do Marte neste horóscopo:

4

A manhã graciosa
Que derramando sai, dentre os cabelos,
A flor, o lírio, a rosa,
Sem ajuda de ornato, ou de artifício,
Não faz o benefício
Que faz *a luz dos verdes olhos belos*
A quem os vê tão puros e singelos,
E esse inocente riso,
Por quem Apolo o Tejo torna Anfriso.

Alude a um Sol floral, um Sol de Abril. E diz, bem claramente, como o Sol era a *Estrela* do nascimento da senhora; com

efeito, a todos os planetas reduz com suas influências, malignas e benignas, perante ela, só ao Sol exalta, e identifica com ela! A «Estrela» do horóscopo simboliza a própria pessoa horoscopada. E esta Estrela, o Sol deste tema, era o *inocente riso* que teve o condão de transformar o Tejo em Anfriso: o condão de dar celebridade ao Tejo pelos versos de amor saídos da pena do Poeta!

Sol *áureo* é o Sol em Touro. Nem outra posição poderia o Sol tomar, desde que se saiba que Vénus se encontrava em Touro, e Mercúrio em Gémeos. A categoria de *áureo*, é confirmada na estrofe 8.ª.

5

Outeiros coroados
Das árvores que fazem a espessura,
Com os ramos copados,
Alegre (que mão destra a não cultiva)
Graça tão excessiva
Não têm, na sua natural verdura,
Quanta, na desses olhos, clara e pura,
Deposita a esperança
Com que Amor gosto, e a Mãe tormento alcança.

Vénus tem domínio sobre a cor verde, como o Sol sobre o amarelo, Saturno sobre a cor de chumbo, etc.

Vénus domina a vegetação. Camões sabia tudo isto.

Diz, nesta estrofe, quanto Vénus, mãe do Amor, andava da *bela:* tanto que, concebeu despeito, ganhou tormento, pela beldade que a ultrapassou, e em cujo horóscopo figurava!

O signo da beldade de Vénus é o *Touro.* Aí o planeta.

6

Dos simples passarinhos
A *música* sem arte concertada,

De entre os verdes raminhos,
Tão suave não é, tão deleitosa,
A quem, na selva umbrosa,
Com *mente*, ouvindo-a está, toda enlevada,
Quanto a mim essa *doce fala agrada*
E o natural *aviso*
Que roubam a Mercúrio cetro e siso.

Mercúrio é o planeta da *eloquência soberana*, como nos *Lusíadas* o definiu Camões. A eloquência musical da fala da mulher amada ainda era superior à de Mercúrio e a este tirava o ceptro, como a ponderação, o aviso, o siso.

Estava, pois, o Mercúrio, num signo em que tinha *cetro e siso:* este signo é o de *Gémeos*, «trono» de Mercúrio.

7

De frescos rios *água*
Que, clara, entre arvoredos se deriva,
Caindo de alta frágua,
Esmaltando de pérolas no prado,
O verde delicado,
Com brando som aos olhos *fugitiva*,
Não nos alegra quanto a *graça esquiva*,
Dessa luz soberana
Que faz cortês a rústica Diana.

Último planeta. Tem a Lua domínio sobre o elemento água, e sobre as pérolas. A *esquivança*, ou rusticidade da mulher amada, ultrapassava a que apresentava a Lua neste horóscopo. Chama-lhe aqui a *rústica* Diana; era, portanto, esta, a qualidade da Lua no tema — qualidade que ela adquire quando instalada no signo do Escorpião. Estava, então, no signo do *Escorpião*.

É necessário conhecer um pouco de Astrologia para achar a justeza nas expressões do Poeta, nesta canção.

Finalmente, a canção é rematada por definições sintéticas das qualidades apresentadas pelos planetas no horóscopo:

8

A *tal luz*, oh canção, que ousaste vê-la,
Vendo estás já prostrado
Saturno *triste*, Júpiter *irado*,
Bravo Marte, *áureo* Apolo, Vénus *bela*,
E Mercúrio, e Diana, e toda estrela!

Saturno estava *triste*, Júpiter *irado* (qualidade contrária à sua natureza), Marte estava *bravo*, o Sol *áureo*, Vénus *bela*, Mercúrio *sisudo*, com o caduceu, isto é, em seu «trono» (signo de *Gémeos*), e, finalmente, a Lua estava *agreste*.

A *tristeza* de Saturno é o signo de Carneiro; a *ira* de Júpiter é o de Gémeos; a *cólera* de Marte é um dos três: Carneiro, Leão, Sagitário; o Sol é *áureo* em Touro, casa de Vénus; Vénus é *bela* no seu signo de «alegria», o Touro; Mercúrio tem o «trono» e o máximo siso, em Gémeos; a Lua é agreste, terrível, em Escorpião, casa de Marte.

Procura-se saber o dia, nesse século XVI, em que os referidos planetas se encontravam alojados, simultaneamente, naqueles respectivos signos — qualquer que fosse o grau em que se encontrassem. Se esta disposição planetária for exequível, é porque a interpretação foi justa.

Ora verifica-se que fora a *19 de Abril de 1527*, e só então! Pois que estavam, neste dia [1]: Saturno a 24º de Carneiro; Júpiter a 21.º de Gémeos; Marte (retrógrado) a 7º de Sagitário; Sol (Estrela do tema, e, logo, o signo de Leão no Ascendente) a 8º do Touro; Vénus a 14º do Touro; Mercúrio a 10º de Gémeos; Lua a 14º de Escorpião *(fig. 20)*.

Singular certeza! Tudo, absolutamente, como estava previsto! Tudo certo.

Se a Infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel, fosse a amada de Camões como tão verosimil parecia, teria que possuir

---

[1] Pelas tábuas de Zacuto.

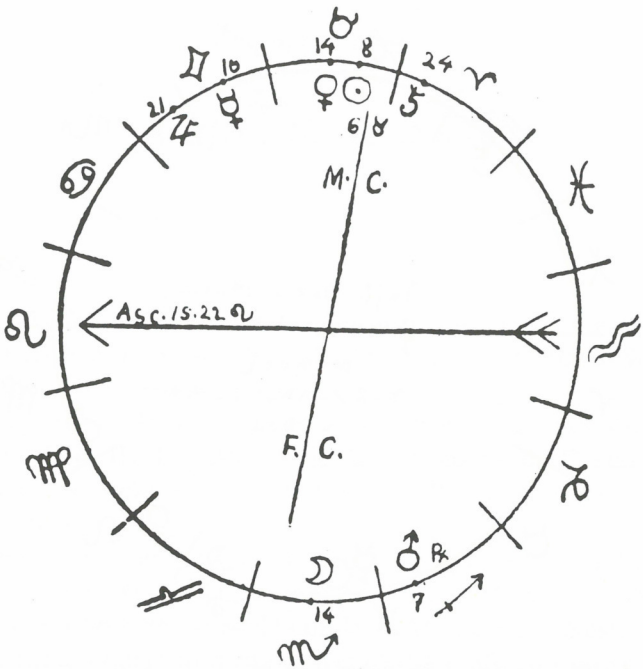


Fig. 20. — Horóscopo da dama de Camões. Para as 2 h. 16 m. depois do meio dia, de 19 de Abril de 1527, sexta-feira de Paixão. Pela regra astrológica, há neste horóscopo uma bela promessa de predomínio e prestígio social, pois o Sol, Estrela de nascimento e senhor do signo do Ascendente, está no meio do Céu, na casa X

uma distribuição astral que fosse aquela. Ora nós sabemos quando essa senhora nasceu: e os astros, no seu dia, desmentem, *por vezes radicalmente*, o que fica exposto. Assim, no horóscopo da Infanta D. Maria *(fig. 21)*, Júpiter não apenas se não encontra no signo da sua *ira* (Gémeos) como até está no da sua tranquilidade máxima (Sagitário) oposto àquele...

Mas este dia 19 de Abril já andava nas tradições da biografia camoneana; simplesmente, confundido com outro facto: o do início dos amores do Poeta!

Com efeito, escreveu Diogo de Paiva de Andrade, nas *Lembranças:* «Luiz de Camões, poeta bem conhecido, tendo 18

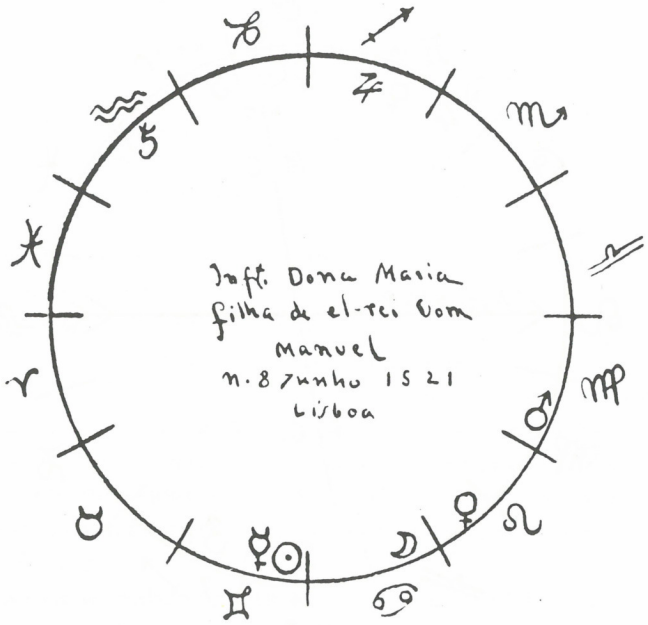


Fig. 21. — Horóscopo da Infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel e de sua 3.ª mulher D. Leonor, irmã de Carlos V. Nasceu a 8 de Junho de 1521. Não se determina a hora por se desconhecer o signo do Ascendente

anos, namorou Catarina de Ataíde, e *principiou a inclinação em 19 ou 20 de Abril do ano de 1542, em sexta-feira da Semana Santa...*».

Se o 19 de Abril de 1527 tivesse coincidido com uma sexta-feira Santa, caso não ficaria demonstrada a confusão com a data natalícia da amada do Poeta?

Sim, ficaria.

Ora a sexta-feira de Paixão do ano de 1527, caiu em 19 de Abril!

Foi, nesse ano, o *áureo número 8*, e a *letra dominical F*. Páscoa a 21 de Abril.

Sexta-feira maior em 19 de Abril, só tornou a acontecer em 1538.

Quod erat demonstrandum.

CAPÍTULO IV

A afronta ao poeta

A AMADA de Camões, de quem o horóscopo revela o nascimento em 19 de Abril de 1527, e que tinha o Sol por «Estrela», chamava-se Violante.

Provarei ser D. Violante de Ataíde, filha do grande valido de el-rei D. João III, D. António de Ataíde, conde da Castanheira, senhor deste lugar, e de Cheleiros, e de Povos; e de sua mulher D. Ana de Távora.

Depois de sete para oito anos de amores com Luiz de Camões casou D. Violante com D. Luiz de Castro, senhor de Cascais, e filho e herdeiro do conde de Monsanto [1]. Neste escandaloso facto consistiu a maior vergonha e afronta que o Poeta em toda a sua vida recebera.

> A mágoa choro só, só choro os danos
> De ver por quem, Senhora, me trocastes!
> Mas, em tal caso, vós só me vingastes
> De vossa ingratidão, vossos enganos...

Teve D. Violante de Ataíde uma irmã, D. Maria de Távora, que foi mulher de seu primo D. Vasco da Gama, 3.º conde da Vidigueira, irmão, este, da célebre D. Catarina de Ataíde (atribuída ao Poeta). Outra irmã, Guiomar, freira, e outra, Madalena, que também professou em o convento da Castanheira (onde chegou a ser abadessa) e na mesma ocasião, talvez, em que Violante se desligava de Camões para se unir ao senhor de

---

[1] D. Luiz de Castro enviuvou, e tornou a casar, com D. Joana da Silva.

Cascais. A tal facto se refere num soneto contendo um colóquio entre as duas irmãs representadas pelos dois planetas Vénus e Lua, aquela a sua amada em vésperas de casamento, e esta a dama que professava a castidade em religião. O teatro da cena é um filme de tarde, já noite, quando o Sol, afundando-se, vai acendendo lumes pelo Céu, pois nesse tempo se consideravam as estrelas todas, fixas e planetas, como reflectores da luz solar. No ocaso brilhava, por momentos, o planeta Vénus, enquanto, sobre o horizonte oriental, a Lua, ou Diana, no seu mister da caça pelos montes andava.

Consideravam os antigos o entretenimento da caça como o mais casto e honesto de todos; e esta mesma doutrina é expendida por Camões no seu auto do Filodemo [1]. Ora a Lua, andando de noite sobre as terras, anda na caça, e então se denominava Diana. Quando não paira sobre os montes, de noite, considera-se nos domínios do inferno, e aí toma o nome de Proserpina [2].

Diana será tanto mais casta quanto mais distante andar do Sol: assim o será nas noites de luar. É então que, pelos montes, o seu agudo dardo vai atingindo os fugitivos cervos e as outras alimárias silvestres:

> De qual pantera, ou tigre, ou leopardo,
> As ásperas entranhas
> Não temeram teu fero e agudo dardo,
> Quando, pelas montanhas
> Mais remotas e estranhas...
> (Da *Ode à Lua*)

---

[1] Diz a personagem Venadouro, da ocupação da caça:

> É o mais contrário ofício
> Que tem a ociosidade,
> Mãe de todo o bruto vício:
> Por este limpo exercício
> Se reserva a castidade

[2] Vide *Reportórios* do sec. XVI.

No soneto que vai ler-se, a freira ou recolhida em convento, é representada pela casta Diana, caçadora dos fugitivos cervos, isto é, das almas erradias e esquivas a Deus. A amada do Poeta, em vésperas de casamento com outro, é representada por Vénus.

Enquanto Febo os montes acendia
Do Céu, com luminosa claridade,
Por conservar ilesa a castidade
Na caça o tempo Délia dispendia.

Vénus, que então de furto descendia
Por conservar de Anquises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Como zombando dela lhe dizia:

Tu vás, com tuas redes, na espessura,
Os fugitivos cervos enredando,
Mas as minhas enredam o sentido.

Melhor é, lhe dizia a deusa pura,
Nas redes leves cervos ir tomando,
Que tomar-te, a ti, nelas, teu marido...

É o cenário, como disse, um fim de tarde e um começo de noite, Febo é o Sol, Délia ou Diana é a Lua, personagem religiosa, e Vénus a personagem mundana, a deusa que foi na terra amante de Anquises, pai de Enéas. É de notar que, em mitologia, Vénus, esposa de Vulcano, foi surpreendida por este em flagrante adultério com Marte, aos quais, ambos, envolveu, Vulcano, em uma teia metálica e os expôs às risadas do Olimpo.

Vénus e Lua simbolizam, respectivamente, a sensualidade e a castidade.

CAPÍTULO V

Quem era a dama-Sol?

1.º A amada predilecta de Camões é a dama-Sol. Ficou demonstrado com abundante documentário extraído dos sonetos.

2.º A dama-Sol chamava-se *Violante*.
Assim, dum soneto, que começa:

> A *violeta* mais bela que amanhece
> No vale, por esmalte da verdura,
> Com seu pálido lustre e formosura,
> Por mais bela, *Violante*, te obedece.
> .....
> Ó luminosa flor, ó *Sol mais claro*,
> Único roubador de meu sentido...

Chama-lhe *Sol maior, meu Sol, aquele Sol, Sol entre as estrelas*, etc.

Dá-a por esmalte da verdura: continuamente recorda a cor verde de seus olhos, «os olhos belos, verdes e graciosos, debaixo de arcos negros e delgados; os ondados cabelos, loiros, longos, formosos, agora ao vento soltos, ora atados...»

A incidência no nome de *Violante* está ainda no soneto «Num jardim adornado de verdura». Nele se diz que, entrando num jardim Diana e Vénus, Diana colheu uma rosa pura, e Vénus um lírio roxo, mas não colheram *víolas* (violetas) que eram, em tudo, muito superiores às rosas e aos lírios. Perguntando as deusas a Cupido qual destas três flores preferia, respondeu:

Todas formosas são, mas eu queria
Viola ante que lírio nem que rosa!

3.º De qualquer modo relaciona, o Poeta, a sua dama com o lugar de *Povos*, situado na margem direita do Tejo, a montante de Vila Franca de Xira. Este lugar pertencia a D. António de Ataíde, conde da Castanheira, que tinha uma filha chamada Violante. Os versos que lhe faz, aludindo a *Povos*, são uma resposta aos seus detractores, dele Poeta, e que o infamavam perante ela: diz-lhe que os que assim falam é porque querem... embarcar!

Dá-lhe o tratamento de *mana*, muito usado ao tempo, (assim, também, em Gil Vicente); escreveu Camões:

MOTE

Quem disser que a barca pende
Dir-lhe-ei, mana, que mente.

VOLTAS

Se vós quereis embarcar
E para isso estais no cais,
Entrai logo; que tardais?
Olhai que está preamar.
E se outrem, por vos fretar,
Vos disser que esta que pende,
Dir-lhe-ei, mana, que mente.

Esta barca é de carreira,
Tem seus aparelhos novos;
Não há, como ela, outra em Povos,
Boa de leme e veleira.
Mas se, *por ser a primeira,*
Vos disser alguém que pende,
Dir-lhe-ei, mana, que mente.

A barca é o próprio poeta. Povos era propriedade particular dos Ataídes e um cais fluvial do Tejo.

4.º A tradição relaciona a mulher amada, de Camões, com a família *Ataíde:* e confunde-a com uma D. Catarina de Ataíde, prima de Violante. D. Catarina de Ataíde, com quem estabelecem a confusão, era filha do 2.º conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama (filho de Vasco da Gama) e casou com D. Pedro de Noronha, senhor de Vila Verde dos Francos. Talvez que este último, amigo do Poeta, fosse o que lhe merecesse os versos:

> No monte de Amor andei,
> Por ser monteiro de fama,
> Sem tomar gamo nem *gama*...

Camões, ao escrever este mote e voltas, fá-lo-ia em nome do namorado de D. Catarina de Ataíde, também dita da Gama. Esta senhora era, de facto, a «Natércia» de Camões mas não sua amada.

5.º Quanto a D. António de Ataíde, senhor de Povos; casara com D. Ana de Távora, filha de Álvaro Pires de Távora, senhor do Mogadouro e de Mirandela, e tiveram:

D. João de Ataíde, que morreu moço.

D. Jerónimo de Ataíde, do conselho de el-rei.

D. António de Ataíde, 2.º conde da Castanheira e pessoa muito culta.

D. Jorge de Ataíde, abade de Alcobaça.

D. Violante de Távora, 1.ª mulher de D. Luiz de Castro, conde de Monsanto.

D. Maria de Távora, mulher de D. Vasco da Gama, 3.º conde da Vidigueira.

D. Joana de Ataíde, mulher de D. Nuno Manuel, senhor de Aguiar.

D. Ana, mulher de João Mendes de Vasconcelos Esporão, de Évora.

D. Madalena, freira e abadeça na Castanheira.

D. Guiomar, freira na Castanheira.

6.º A tradição relaciona os amores de Camões com a *igreja das Chagas, em Lisboa:* «principiou a inclinação em 19 ou 20 de Abril do ano de 1542, em sexta-feira da Semana Santa, *indo ela à igreja das Chagas, de Lisboa, onde o Poeta se achava.*» (Diogo de Paiva de Andrade, *Lembranças*).

Já demonstrei o que há de confusão nesta antiga notícia colhida por Diogo de Paiva, contemporâneo do Poeta, mas o que ponho em tipo itálico pode bem corresponder à verdade.

Entendo que a edificação da igreja das Chagas, em Lisboa, se deve ao 1.º conde da Castanheira, D. António de Ataíde. Junto está a rua do Ataíde, onde teria sido o palácio do velho conde. A família Ataíde, do conde da Castanheira, vivia na rua do Ataíde, que é junto à igreja das Chagas (ao Chiado), freguesia da Encarnação [1]. A igreja das Chagas foi fundada em 1542, e aí rezada a 1.ª missa em dia de Santo André (10 de Novembro), diz Pastor de Macedo.

As edificações principiaram nesse terreno (a ocidente do Chiado) em 1513, e depressa se erigiu um novo bairro denominado de Vila Nova de Andrade, onde acorreu a levantar novos palácios gente principal. Para aí se transferiu a residência dos Ataídes. D. Violante ouviria missa na igreja das Chagas, aonde o Poeta não poderia faltar.

Era, então, que lhe mandava versos no teor daqueles que andam nas edições com esta epígrafe: *A uma senhora que rezava por umas contas:*

Peço-vos que me digais
As orações que rezastes
.....
Com mãos a matar tão prontas,
Que, se numa trazeis contas,
Na outra trazeis espada...

[1] Luiz Pastor de Macedo encontrou, nos livros desta freguesia, vários registos de membros da família Ataíde, da Castanheira. Assim, o de óbito de D. Guiomar de Ataíde, condessa da Castanheira, em 1626, moradora na rua do Conde (actualmente do Alecrim). Julga pertencer aos Castanheiras a rua do Ataíde, que se insere na rua do Alecrim e principia na igreja das Chagas.

7.º A senhora acabou por aceder ao pedido de casamento de certo fidalgo, rico e com muitos dons de nobreza. É ao que se referem as redondilhas que andam impressas com esta nota: *A uma senhora a quem deram um pedaço de sitim amarelo.*

O termo *sitim* é aqui posto com duplo sentido: o de pano assetinado e o de *ceitil*, que o mesmo é que *dinheiro*. *Sitim amarelo* (ceitil, dinheiro, amarelo) é alusão à moeda oiro!

Se derivais de verdade
Esta palavra *sitim*,
Achareis sem falsidade
Que após o *si* tem o *tim*,
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis...
.....
Mas estes, que sedas são
Com que se enganam mil damas,
Mais vos tomam do que dão;
.....
Ó feminina simpresa
Donde estão culpas a pares,
Que, por um Dom de nobreza
Deixam dões da natureza,
Mais altos e singulares!
Um Dom que anda enxertado
No nome, e nas obras não;
Falo como exp'rimentado;
Que *sitim* desta feição
Eu tenho muito cortado.

Dizem-me que era amarelo;
E quem assim o quis dar,
Só para me Deus vingar
Se vem à mão, amarei-lo,
O que eu não posso cuidar.
.....
Quem vos isto diz, Senhora,
Serviu nas vossas armadas
Muito, mas anda já fora;
E pode ser que inda agora

Traz abertas as frechadas.
E, posto que desfavores
O tiram de servidor,
Quere-vos ventura melhor;
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

Esta história do *setim* (que traduz a ideia dum dote a uma dama) transparece, ainda, no auto do Filodemo, do mesmo autor, na fala de *Duriano*, acto II, cena 1.ª.

Duriano é o próprio Poeta; seu nome derivado de *duro*, inditoso, é como que o sinónimo de malfadado. Diz Duriano:

... Depois de ter gasto perto de trezentos cruzados com ela porque logo lhe mandei o «setim» para as mangas, fez de mim «mangas» [1] *ao demo. Não desejo eu de saber, senão qual é o galante que me sucedeu; que se vo-lo eu colho a balravento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a fortuna tem cortado à minha. Ora tenho assentado, que o amor destas anda com o dinheiro, como a maré com a Lua: bolsa cheia, amor em águas vivas; mas se vaza, vereis espraiar este engano, e deixar em seco quantos gostos andavam como o peixe na água.*

Os amores com D. Violante de Távora, ou de Ataíde, duraram para cima de sete anos; os daqueles «Sete anos de pastor Jacob servia...».

Ao fim desse tempo determinou-se Violante pelo repúdio. O Poeta embarcou para Ceuta. O galã que lhe sucedeu possuia muitos milhares de cruzados, era o que o Poeta chama *Príncipe de condição*. Parece que este «Príncipe» se jactava da sua prosápia fidalga, pretendendo por dois modos amesquinhar Camões. Mas este só o tinha por *Ás d'oiros*, como se vê duma carta que enviou de Ceuta, na qual, em um soneto incompleto

---

[1] *Manga* = figura, é sinónimo de *figa*. Mangas ao demo = figas ao demo. Daqui vem o verbo *mangar* = fingir. O próprio *fingir* vem de *figa*. *Manguito* é diminuitivo de manga.

(que denominou *soneto sem pernas*) usa da seguinte alegoria: — o Amor quis jogar com ele, Poeta, as cartas, e, sobre a *dama de oiros* jogou o... *Ás d'oiros* e triunfou. O Poeta jogou em seguida o *três de paus*.

É preciso saber-se que *três de paus* é alegoria da forca...

O Amor jogara o tal Ás de ouros sem respeitar mão, isto é, sem respeitar a vez que, por direito de antiguidade pertencia a Camões. Eis o inacabado soneto:

Forçou-me Amor, um dia, que jogasse;
Deu as cartas e às de ouros levantou;
E, sem respeitar mão, logo triunfou,
Cuidando que o metal que me enganasse,

Dizendo (pois triunfou) que triunfasse
A uma sota de ouros que jogou;
Eu então, por burlar quem me burlou,
Três paus joguei, e disse que ganhasse.

Depois desse soneto sem pernas vem o seguinte comentário:

«Príncipes de condição (ainda que o sejam de sangue) são mais enfadonhos que a pobreza; fazem, com sua fidalguia, com que lhes cavemos fidalguias de seus avós onde não há trigo tão joeirado que não tenha alguma ervilhaça.»

Mas não só o marido, ou noivo, de Violante deveria ser o objectivo desta sátira. A alusão parece estender-se ao pai da dama, o poderoso Conde da Castanheira, homem de estado e grande valido de el-rei D. João III, e do qual dependiam muitos destinos. Acerca da ascendência do Conde da Castanheira corriam rumores de infamação de sangue judaico e moirisco. Havia a história da Maria Pinheira, sua avó...

Prossegue a carta:

«Já sabeis que basta um frade ruim para dar que falar dum convento. Duas cousas não se sofrem sem discórdia: companhia no amar; mandar vilão ruim sobre cousa de seu interesse».

Alguém fez umas rimas satíricas sobre o escândalo genealógico da casa do Conde da Castanheira, as quais corriam no tempo do dito Conde:

Mestre João, sacerdote,
De Barcelos natural,
Houve duma moura tal
Um filho de boa sorte.

Pero Estêves se chamou;
Honradamente vivia;
Por amores se casou
Co' uma formosa judia.

Desta, pois, nada se esconde
Nasceu Maria Pinheira
Mãe da mãe daquele conde
Que é Conde da Castanheira... [1].

[1] Variante: «E sua avó verdadeira». *Brasões de Sintra* por A. Braamcamp Freire, 2.ª edição, Livro I, pág. 226.

CAPÍTULO VI

Dia da morte de Camões

A DATA, oficialmente admitida, da morte do Poeta, é *10 de Junho de 1580.* Está certa no que diz respeito a mês e dia; incerta no que diz respeito ao ano. Este é o de 1579.

Camões faleceu em Lisboa, numa casa da rua de Santa Ana, e foi sepultado, não no cemitério da paróquia, mas na ermida do convento das freiras de Santa Ana, ao cimo da rua do mesmo nome.

Seu amigo D. Gonçalo Coutinho adquiriu-lhe a perpetuidade da sepultura, na qual pôs, em 1594, uma lousa com a seguinte inscrição:

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES
PRÍNCIPE
DOS POETAS DOS SEU TEMPO
MORREU NO ANO DE 1579
ESTA CAMPA LHE MANDOU PÔR D. GONÇALO COUTINHO
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ NINGUÉM

Nenhuma objecção se levantou, nessa época, acerca da era ali inscrita, a qual, como é natural, deveria ter sido investigada com escrúpulo. Ao contrário, os cronistas e escritores conhecidos de Camões a aceitaram prontamente. É que talvez ligassem, mnemonicamente, o ano da morte do Poeta a algum outro acontecimento notável sucedido simultaneamente.

Com autorização de D. Gonçalo Coutinho, mais uma legenda foi mandada inscrever, na mesma pedra, no espaço a seguir ao primeiro epitáfio, pela grande personagem do S.to Ofício, Martim Gonçalves da Câmara, admirador do Poeta e seu contem-

porâneo. Tacitamente reconheceu o ano de *1579* como sendo o do óbito. Um outro seu contemporâneo, Miguel Leitão de Andrade, autor da *Miscelânia*, também aí prestou a sua homenagem com a aposição na parede fronteira dum quadro de azulejos no qual se liam louvores ao Poeta. Reconheceu, pois, o ano de 1579. Tudo isto chegara indemne ao século XVIII, ao ano do grande terramoto que destruiu Lisboa.

Não há dúvida de que foi o grande cataclismo de 1 de Novembro de 1755 que destruiu a sepultura de Camões, lhe quebrou a pedra e lhe confundiu os ossos.

Bautista de Castro, no seu *Mapa de Portugal* conta como, nessa emergência, fora destruído o convento de Santa Ana de religiosas terceiras franciscanas, como nele morreram dezasseis pessoas sepultadas nas ruínas e como *a igreja caíra* [1].

Finalmente apareceu, no século passado, o chamado *documento directo* da morte do Poeta. Por ele se acrescenta ao conhecimento que já tínhamos de ter sido em 1579, o da exactidão do dia: *10 de Junho*. Infelizmente o documento engana-se no tocante ao ano; diz 1580!

Recebia o Poeta uma pensão do Estado enquanto vivesse, e que lhe seria paga à razão de 15.000 reais por ano. O ano anterior ao da sua morte estava-lhe totalmente pago, faltando-lhe apenas pagar o que ia de 1 de Janeiro *inclusivé*, ao dia da morte, em 10 de Junho. Deviam-se-lhe cinco meses e nove dias, que deveriam ser entregues a quem se habilitasse por herdeiro. O documento encerra o seguinte registo [2]:

«6$755 reais do tesoureiro da Chancelaria da Casa do Cível a Anna de Sá, mãe de Luiz de Camões, que Deus haja, por outros tantos que ao dito seu filho eram devidos de 1 de Janeiro do ano de 1580 até *dez de Junho* dele, ano que faleceu, à razão de 15.000

---

1 Francisco Luiz Pereira de Sousa, *O Terremoto do 1.º de Novembro de 1755*, vol. III, pág. 684.

2 Livro III das *Ementas*, fl. 137 v., Torre do Tombo.

rs. por anno, de tença. Em Lisboa, 18 de Novembro de 1582. Por *Duarte de Castelo Branco.*»

Em primeiro lugar apontamos aqui um erro de contabilidade. De 1 de Janeiro a 10 de Junho vão uns tantos dias que, à razão de 15$000 rs. por ano nunca poderiam dar 6$755 rs.

Com efeito, uma pensão anual de 15$000 dará por dia 41 reais. De 1 de Janeiro, *inclusivé*, a 10 de Junho, *exclusivé* (pois o dia da morte não conta, segundo é praxe em pensões vitalícias) vão, em anos normais 160 dias, e, em anos bissextos, 161; o que faz, para os normais, 6$560, e para os bissextos, 6$601. Nada, pois, justifica a entrega, aos herdeiros do Poeta, de 6$755. A não ser que o Poeta tivesse falecido no dia 13, em ano normal, ou 14, em bissexto, e o documento estivesse errado nesse ponto... Se, firmando-nos em 10 de Junho, adoptarmos o ano de 1580, bissexto, vai a cifra para 6$601; se adoptarmos o verdadeiro ano, o de 1579, teremos a importância de 6$560, à qual descontando 5 rs. de custo, obteremos 6$555, que, já, graficamente, mais se assemelha à de 6$755, tendo em consideração um lapso da parte do escrivão.

Por outro lado se nota que Ana de Sá, que aí se diz mãe de Luiz de Camões, só muitos meses depois, e anos até, veio a receber esta herança (8 de Novembro de 1582). É que Ana de Sá não era a mãe do Poeta, e sim a madrasta, não obstante o tratamento *oficioso* de mãe, que nesse tempo com rigor se guardava em relação às madrastas. Camões escrevera, numa canção astrológica: *Quando vim da materna sepultura...* E, nalguns versos mais adiante: *Foi minha ama uma fera, que o Destino não quis que melhor fosse a que tivesse tal nome para mim, nem a haveria!*

A melhor ama é a mãe, a qual não existia já.

Confundem, os genealogistas, Ana de Macedo, mãe do Poeta, com Ana de Sá, sua madrasta.

Não surgiram outros herdeiros, e a madrasta habilitou-se, mas não sem que primeiro tivessem decorrido dois anos, e mais.

CAPÍTULO VII

Origem da família e apelido de Camões

NÃO é de aceitar a tradição da ascendência galega desta família e apelido. É um erro introduzido nos livros de linhagens pelos autores dos fins do século XVI, e que talvez tivesse a sua origem em Alão de Morais, genealogista dessa época, cuja obra, manuscrita, se conserva na Biblioteca Municipal do Porto. É o primeiro que o diz, desde logo transformando uma suposição em certeza. Os genealogistas não conhecem a dúvida.

Afirma-se, então, que o ascendente da família Camões, *Vasco Peres de Camões*, era um fidalgo galego refugiado em Portugal e ao serviço do rei D. Fernando, nos fins do século XIV.

Convém, pois, desmanchar esta atoarda, erguida dois séculos depois da existência de Vasco Peres, sem base alguma, nem documento algum em que se apoie, nem citação de autor.

Vasco Peres de Camões, ascendente de Luiz de Camões, foi, com efeito, um graúdo fidalgo da corte de el-rei D. Fernando, de quem já recebia mercês inscritas na Chancelaria real, em 1373. Mas era um fidalgo português, embora não fosse da genuina raça nacional, como o cronista Fernão Lopes atesta. Esta costela, ou costelas estrangeiras, não lhe vinha pelos galegos, mas pelos *francos*, como vou provar. Descendia dos francos estabelecidos em Portugal no tempo de el-rei D. Afonso Henriques.

Vasco Peres de Camões possuiu muitos lugares, castelos e alcaidarias e numerosas herdades. A raínha o havia feito aio de seu primo D. Afonso, conde de Barcelos, e el-rei o fez seu «porteiro», ou seja mordomo da Casa Real.

Pela morte do rei, seguiu o partido da raínha viúva, D. Leonor Teles contra o Mestre de Aviz, e por ela, e depois pelo rei de Castela, susteve o castelo de Alenquer. Quando o rei castelhano entrou em Portugal e chegou a Santarém, Vasco Peres apresentou-se-lhe, deixando no castelo de Alenquer seu sogro Gonçalo Tenreiro, capitão da Armada (só havia um capitão e era o posto abaixo de almirante). Seguiu com o rei de Castela para os campos de Aljubarrota, onde ficou prisioneiro.

D. João I o fez descer da sua categoria de rico-homem à de simples particular, deixando-lhe, ainda, as herdades no Alentejo, que possuia em Aviz e Estremoz, e de que seus sucessores fizeram grandes morgadios. Mudou então a residência para a vila de Aviz, onde os Camões se conservaram até ao século XVI, passando, depois, para Évora pelo casamento dum dos seus morgados com uma filha dum capitão-mor desta cidade. São, enfim, os Camões uma das grandes famílias da primeira dinastia, postergadas pela revolução nacional do Mestre de Aviz.

Dum filho 2.º deste Vasco Peres, e que ficou em Alenquer, se formou o impropriamente denominado ramo dos Camões de Coimbra. Nesta cidade se instalaram, sem dúvida, alguns membros deste ramo, aí conhecidos pelos *Vaz de Vila Franca*, e eram senhores duma quinta que se chamou de Vila Franca, nos subúrbios dessa mesma cidade, ao sítio da Portela. Deveria ter sido a família que deu nome à quinta, e não o contrário.

Luiz de Camões procede dum ramo 2.º deste ramo de Alenquer. Pos pais e avós pertencia a uma estirpe que seguia os ofícios do mar, tradição que já vinha do avoengo Gonçalo Tenreiro. Foi seu pai Simão Vaz de Camões, o qual morreu de peste, no mar da Abissínia, quando ia por capitão duma nau às Índias, e quando o filho já por lá andava. É então que o nosso Poeta dedilha, em sua lira, um sentido soneto, alusivo à vida erradia e conturbada de seu pai, que dá por natural de Alenquer. Começa o soneto: *No mundo poucos anos e cansados / vivi, cheios*

de vil miséria dura... Em certa altura diz: *Portugal me criou na verde e cara / pátria minha, Alenquer; mas ar corrupto...* Diz que morreu de peste e foi atirado aos peixes.

Os genealogistas também se referem a este incidente, dando-o como tendo sido à vista da terra firme de Goa.

A mãe era uma senhora de apelido Macedo, filha de Jorge de Macedo, de Santarém.

Mas voltemos ao problema da nacionalidade de Vasco Peres. A errada hipótese da sua natividade galaica deve ter-se engendrado numa má leitura de certas passagens do cronista Fernão Lopes, nas vidas dos reis D. Fernando e D. João I, onde o Vasco Peres de Camões é citado dezenas de vezes, e dado como um dos cinco ou seis fidalgos principais da corte portuguesa. E nunca dado como galego.

Ora Fernão Lopes põe-o, explicitamente, entre os *portugueses* que faziam parte das primeiras filas do exército castelhano no recontro de Aljubarrota:

«Outrosim os portugueses vinham todos nesta az dianteira por se mostrarem por bons servidores e que lhe eram bem leais vassalos (ao rei castelhano), assim como: o conde D. João Afonso Telo, que el-rei fizera conde de Maiorcas, e D. Pedro Álvares Pereira, e Diogo Álvares seu irmão, e Gonçalo Vasques de Azevedo, e Álvaro Gonçalves seu filho, e Garcia Rodrigues Taborda alcaide de Leiria, e *Vasco Peres de Caamoões*, e João Gonçalves Alcaide de Óbidos» [1]. É tudo gente portuguesa.

Eis, pois, um homem do tempo, Fernão Lopes, que põe claramente o Vasco Peres de Camões no número dos *portugueses*, embora traidores ou que se julgavam no campo da legitimidade.

Todavia, Fernão Lopes não o dá por português muito genuino. Queria talvez aludir à sua origem franca. Diz o cronista, falando da versatilidade de alguns fidalgos nas suas relações com o Mestre de Aviz:

---

[1] Fernão Lopes, *Crónica D. João I*, vol. IV, cap. 38.

«E de alguns deles isto fazerem, ... quais palhas mostrando suas palavras, são tanto de culpar porque eram já enxertos tortos nados, e de azambujeiro bravo, assim como: o conde D. Henrique Manuel, o conde D. Pedro Afonso seu irmão, João Afonso de Bessa, Gonçalo Tenreiro que se chamava depois em Castela Mestre de Cristo, Afonso Tenreiro seu irmão, *Vasco Peres de Caamoões*, Lopo Gomes de Lira, e outros tais...» [1].

Diz, noutro lugar que, apesar do Papa de Roma (havia o cismático de Avinhão, a que obedeciam os castelhanos) desobrigar os portugueses do juramento de fidelidade à raínha D. Leonor, ou ao rei de Castela, eles o não faziam, e antes se conservavam firmes, dando em resultado os castelhanos entregarem confiadamente os castelos nas mãos dos portugueses seus partidários, como Vasco Peres de Camões, Gonçalo Tenreiro e outros mais [2].

Demonstrada, com insofismável clareza, a natividade lusitana de Vasco Peres de Camões, vamos provar a sua estirpe *franca* e a origem portuguesa do seu nome.

El-rei D. Afonso Henriques distribuiu terras pelos francos por o ajudarem na conquista de Lisboa. Foram esses territórios os de Sesimbra, Azambuja (chamada Vila Franca), Montalvo do *Soor* e Palhacana, na margem do Tejo, em torno de Alenquer; Atouguia da Baleia e mais terras ao redor de Óbidos. D.Sancho I confirmou estas doações e mandou aos alcaides de Santarém e Alenquer que fizessem com os francos boa vizinhança no que dizia respeito a Montalvo do Soor. Diz o documento de D. Sancho I que esta terra ficava situada entre o Tejo e *Cáiam* [3]. O Cáiam ou *Caam* era o nome da Serra de Montejunto e anexas. Montejunto provém de *Montes juntos*, que eram os Montes de Caam ou *Caamontes*. Ainda hoje se chama *Espinhaço de Cão* a uma

---

1 *Ibid.*, vol. III, cap. 160.

2 *Ibid.*, vol. V, cap. 61.

3 Chancelaria de D. Deniz, 1.º V, fl. 51 v. — Carta de el-rei D. Sancho (ano 1199): doacção, aos francos, de Palhavaam, Sesimbra, as Lezirias e Montalvo de Soor. Havia na muralha de Alenquer a chamada *Porta de Soor* (Fernão Lopes, «Crónica de D. Fernando»).

secção da serra de Montejunto. Aí se formou, na Idade Média, um município que chegou até ao século passado, denominado concelho do lugar dos Montes; chama-se hoje o *Alto do Concelho* e faz parte do termo de Alenquer. É onde nascem os rios que, juntos, passam a esta vila.

A doação dos Montes de Caam aos francos consubstanciava, aí, dois municípios e respectivos castelos: um deles, e principal, dado ao chefe franco *D. Alardo Praetori*, era Vila Verde, depois dita *dos francos*. Suponho que o seu nome antigo fosse *Vila Vétera de Caamoões*.

Creio que os sucessores do D. Alardo tiveram, por isso, o apelido de Camões. As armas dos Camões são: em campo verde uma serpe de oiro, armada de vermelho, saindo de entre *dois montes* apenhascados. Eis os *Montes juntos*, ou Caam-montes!

Luiz de Camões conheceu a origem do seu apelido. No soneto pastoril «Apartava-se Nise de Montano» — *Montano*, pastor nas margens do Oceano Índico que se apartava da sua amada, era ele próprio, o Poeta.

É Vila Verde dos Francos situada no desfiladeiro da serra, à ilharga de Montejunto, no alto que divide as duas abas — do Oceano e do Tejo. É lugar saudoso.

D. Alardo concedeu foral aos moradores da sua Vila Verde, no qual estipulava: *Ninguém poderá comprar herdade em Vila Verde senão francos* [1]. Em 1217, D. Afonso II confirma este foral *com todas* as suas cláusulas. O rei D. Fernando confirmou, ainda, a Vila Verde dos Francos, *todos os foros, privilégios e costumes que sempre tiveram*. Quere dizer: nem uma vírgula se alterava da primitiva disposição.

Ora foi, precisamente, no reinado de el-rei D. Fernando que Vasco Peres de Camões teve, por direito de sucessão, a posse de Vila Verde dos Francos, e seu castelo. Logo, era franco.

---

[1] Este foral, arquivado na Torre do Tombo, foi trasladado na íntegra por Guilherme João Carlos Henriques no seu livro *Alenquer e seu concelho* (ano 1873), pág. 56. Aí, a confirmação de D. Afonso II.

El-rei distribuia a seu belo talante alcaidarias e castelos que pertenciam à Coroa, mas as alcaidarias dos castelos pertencentes de *juro e herdade* a particulares eram sempre desses mesmos particulares; e, quando vagavam, sucedia o herdeiro, impreterivelmente. Ora o castelo e Vila Verde eram de *juro e herdade* dos descendentes de Alardo. Foi isso confirmado por sentença e determinação de el-rei D. Deniz, pois então se levantaram dúvidas a tal respeito. A sucessão de D. Alardo chegara, nesse reinado, à alcaidessa D. Teresa Gil, casada com Gonçalo Quomide (Gomide). D. Teresa manteve, em sua vida, demanda com el-rei a tal respeito. Sua filha, e do Gomide, D. Alda Gonçalves, desistiu da demanda por não querer lutar com seu rei, o qual lhe veio a reconhecer todos os direitos em 1316, e confirmou mais uma vez na posse da sucessão do D. Alardo Prâetori, povoação, castelo e mais bens de Vila Verde dos Francos. D. Alda era ainda solteira, sendo seu procurador Pero Anes, morador na dita Vila [1].

No mesmo século XIV, em que vive Dona Alda, aparece como alcaide de Vila Verde, e «porteiro» de el-rei, Vasco Peres. Porteiro é o arrecadador de tributos, e como que ministro das Finanças; «alcaide», en castelos de *juro e herdade*, é o mesmo que o Senhor ou donatário.

Reina el-rei D. Fernando, e manda o seu porteiro Vasco Peres, em 28 de Junho de 1383 (ano de Cristo), receber das mãos de Vasco Martins a posse do castelo de Alenquer, e transferi-lo para a posse de Álvaro Gonçalves de Azevedo [2]. Vasco Peres era, neste caso, o intermediário e procurador de el-rei. Pessoa muito notável. Morre el-rei D. Fernando nesse mesmo ano, e logo a rainha D. Leonor, fugindo com a corte para Alenquer, retira a Álvaro Gonçalves de Azevedo a alcaidaria do castelo para a

---

1 Tudo narrado no L.º III da chacelaria de D. Deniz, fl. 105 (ano Cristo, 1316). O vocábulo *Praetorio* é um derivado latino do apelido franco Praet ou Prett de que, a meu ver, resultou o apelido português *Prêto*.

2 Luciano Ribeiro, *Alenquer* (1936), pág. 54.

entregar, como mais próprio no atribulado momento, ao Vasco Peres de Camões.

Assim, os dois castelos limítrofes, de Alenquer e de Vila Verde, ficam sob a defensão de Vasco Peres, antigo porteiro de el-rei. Ficando prisioneiro na batalha de Aljubarrota, D. João I lhos retirou e outros muitos bens que lhe pertenciam, os quais, na maior parte, doou a seu familiar Gil Afonso, da casa da Azambuja, e portanto também franco de origem.

D. João I conservou no seu poder a Vila Verde dos Francos, mas, por pedido dos Gomides, francos e ainda da progénie do D. Alardo como se viu, receberam novamente o velho castelo, em cuja posse andou e se continuou pelos condes de Vila Verde, seus sucessores.

Afonso de Albuquerque, o grande vice-rei das Índias, era dessa progénie, neto paterno do alcaide João Gonçalves de Gomide.

A península de Lisboa, entalada entre o Tejo e o Oceano, tem a sua espinha dorsal desde a serra de Montejunto à serra de Sintra. Esta cordilheira separa as águas que correm para o Tejo das que correm para o Oceano.

Estes altos montes, na parte que domina a vila de Alenquer chamam-se os *Altos do Concelho* de Alenquer. O nome de *Caam* anda ligado a estes montes, como disse, pelo que — à antiga maneira portuguesa — lhe chamariam os *caamontes;* e foi daqui que derivou «Camões».

Filologicamente a dedução está certa; e a hipótese tem a aboná-la o facto do apelido Camões andar mais ou menos nestes sítios, e haver por aqui nomes neste teor: *A dos Camondes, Caramões, Campo de Camões...* Este último era o da vasta campina ao sopé dos montes, e na margem do Tejo, no sítio do Carregado. Nos fins do século XVIII a designação restringia-se a uma parte do campo, a mais próxima das serras. Hoje designa ainda um conjunto de propriedades, com o nome de *Campo de Càmão.*

FIM

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

Pág.

PROPÓSITO 9

PARTE I: PROVA HISTÓRICA DO NASCIMENTO DO POETA EM 23 DE JANEIRO DE 1524 13

CAP. I — O nascimento histórico do Poeta 15
CAP. II — Sonetos ao dia do nascimento 19
CAP. III — Nasçam-lhe «monstros» 29
CAP. IV — A mãe ao próprio filho não conheça 35
CAP. V — As pessoas pasmadas, de ignorantes... 39
CAP. VI — Sangue chova o ar 45
CAP. VII — Nasceu a um sábado 49

PARTE II: DEMONSTRAÇÕES ASTROLÓGICAS 55

CAP. I — Camões na Astrologia 57
CAP. II — Os dois horóscopos 65
CAP. III — Preliminares astrológicos, casas e signos 67
CAP. IV — As triplicidades dos clementos 75
CAP. V — Dignidades essenciais e acidentais 79
CAP. VI — Para achar a Estrela 85
CAP. VII — As fortunas 95
CAP. VIII — A fortuna inquieta de Camões 99
CAP. IX — A fortuna injusta de Camões 107
CAP. X — Saturno Diabólico 111
CAP. XI — Vénus 117
CAP. XII — A canção do Horóscopo 123
CAP. XIII — As conjunções do Horóscopo 135
CAP. XIV — A posição do Sol 145
CAP. XV — A posição da Lua 149
CAP. XVI — Resumo e conclusões astronómicas 163
CAP. XVII — A hora do nascimento 185

Pág.

PARTE III: A DAMA DAS ALUSÕES ASTROLÓGICAS DE CAMÕES 189

CAP. I — O exemplo de Gil Vicente 191
CAP. II — A Dama-Sol 209
CAP. III — O Horóscopo da Flor de Abril 213
CAP. IV — A afronta ao poeta 221
CAP. V — Quem era a dama-Sol? 225
CAP. VI — Dia da morte de Camões 233
CAP. VII — Origem da família e apelido de Camões 237

ÍNDICE DAS GRAVURAS

Pág.

O mais verosímil retrato de Camões 7
Ajuntamento planetário do dia do nascimento de Camões, fig. 1 17
O grande acontecimento do ano de 1524, fig. 2 24
Esquema dos signos e casas astrológicas, fig. 3 68
Tábua das Dignidades e Debilidades 72
Esquema para achar as «estrelas» dos horóscopos, fig. 4 83
Horóscopo do nascimento de el-rei D. Sebastião, fig. 5 90
O mesmo horóscopo de D. Sebastião, à maneira circular, fig. 6 91
Elementos esquemáticos para o horóscopo do Infante de Sagres, fig. 7 92
Significação das Casas astrológicas, fig. 8 106
Representação simbólica do planeta Vénus e do atributo «Amor», fig. 9 118
Horóscopo do nascimento de Luís de Camões, fig. 10 136
Horóscopo do grande amor de Camões, fig. 11 161
Horóscopo do nascimento de Camões, representado à maneira antiga, fig. 12 181
Horóscopo do nascimento de el-rei D. Manuel I, fig. 13 194
Horóscopo do nascimento da rainha D. Leonor, esposa de D. Manuel I, e irmã de Carlos V, fig. 14 195
Horóscopo do nascimento de el-rei D. João III, fig. 15 197
Horóscopo da imperatriz da Alemanha D. Isabel, filha de D. Manuel I de Portugal, fig. 16 199
Horóscopo da Infanta D. Beatriz, duquesa de Saboia, a amada do poeta Bernardim Ribeiro, fig. 17 200
Horóscopo do embarque da Infanta D. Beatriz para Saboia, fig. 18 201
Horóscopo do Infante D. Fernando, filho de el-rei D. Manuel, fig. 19 ... 206
Horóscopo do nascimento da bem-amada de Camões, fig. 20 219
Esquema horoscopal do nascimento da Infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel I, fig. 21 220

Composto em Fotocomposição e Impresso em Offset
nas Oficinas da Empresa do Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, 4 — Braga
Dezembro de 1978

Portugal misterioso

Portugal só é mistério para quem não é português. Mas isto não quer dizer que não se procurem evidenciar as razões misteriosas de Portugal. Justifica-se, portanto, que se apresentem coligidos uns quantos elementos que a público venham arreigar a convicção de que a Pátria Portuguesa tem razões para existir que escaparam à compreensão de quantos não são **substantivamente** portugueses.

Na medida do possível, esta colecção «PORTUGAL MISTERIOSO» procurará cumprir essa finalidade.

Edições do Templo